



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**JOÃO MIGUEL PEREIRA**

**Permanecereis no meu amor**  
**Uma leitura exegético-teológica**  
**de Jo 15, 9-17**

**Dissertação Final**  
**sob orientação de:**  
**Prof. Doutor João Alberto Correia**

**Braga**

**2020**

## RESUMO

Partimos do estudo do Quarto Evangelho, onde fazemos um itinerário em que abordaremos a sua gênese (autor, data e lugar de composição), seguindo-se-lhe a apresentação de alguns aspetos sobre a comunidade onde este terá nascido (a sua identidade e problemas) e, por fim, a enumeração de alguns dos seus atributos internos (teorias das fontes, intensão teológica, características gramaticais e teológicas). Detemo-nos posteriormente na exploração exegética do texto de Jo 15, 9-17, procurando responder as seguintes questões: Como corresponder ao imperativo de Jesus a permanecer no seu amor? Qual o verdadeiro sentido do amor cristão? Qual o desejo de Cristo para a sua Igreja?

**Palavras-chave:** amor; amizade; permanecer; mandamentos; frutos.

## ABSTRACT

We start from the study of the Fourth Gospel, where we make an itinerary in which we will approach its genesis (author, date and place of composition), followed by the presentation of some aspects about the community where it will have been born (its identity and problems) and, finally, the enumeration of some of its internal attributes (theories of sources, theological intent, grammatical and theological characteristics). We will later focus on the exegetical exploration of the text of Jn 15:9-17, trying to answer the following questions: How can we respond to the imperative of Jesus to remain in his love? What is the true meaning of Christian love? What is Christ's desire for his Church?

**Keywords:** love; friendship; to remain; commandments; fruits.

# ÍNDICE

<b>RESUMO.....</b>	<b>1</b>
<b>ÍNDICE.....</b>	<b>2</b>
<b>ÍNDICE DE ABREVIATURAS .....</b>	<b>4</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>I. DE JOÃO AO EVANGELHO DE JOÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1. O autor, a data e o lugar de composição .....</b>	<b>7</b>
1.1. O autor .....	7
1.2. A data.....	14
1.3. O lugar .....	16
<b>2. A comunidade joanina: identidade e problemas .....</b>	<b>16</b>
<b>3. O IV Evangelho.....</b>	<b>22</b>
3.1. Camadas redacionais e fontes .....	23
3.2. Uma narração histórica ou uma interpretação teológica?.....	28
3.3. Características literárias e gramaticais .....	30
3.4. Características teológicas .....	34
<b>II. JO 15, 9-17: O TEXTO E SEUS CONTEXTOS .....</b>	<b>39</b>
<b>1. A perícope Jo 15, 9-17 .....</b>	<b>39</b>
1.1. Texto e tradução .....	39
1.2. A perícope em números.....	41
<b>2. Um texto delimitado e articulado .....</b>	<b>43</b>
2.1. Delimitação da perícope .....	43
2.2. A perícope contextualizada no Evangelho de João .....	47
<b>3. Estrutura do texto.....</b>	<b>48</b>
<b>4. Lugares paralelos de Jo 15, 9-17 .....</b>	<b>50</b>

<b>5. Temas principais da perícópe.....</b>	<b>59</b>
<b>III. UMA PROPOSTA DE LEITURA DE JO 15, 9-17 .....</b>	<b>61</b>
<b>1. Permanecer no amor cumprindo os mandamentos.....</b>	<b>61</b>
1.1. Permanecer .....	62
1.2. Amor e amizade.....	65
1.3. O(s) mandamento(s) .....	71
<b>2. Participar na relação de amor .....</b>	<b>75</b>
2.1. Como?.....	75
2.2. Para quê?.....	81
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>86</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>90</b>
1. Sagrada Escritura.....	90
2. Bibliografia geral.....	90
<b>ANEXOS .....</b>	<b>93</b>
<b>1. Quatro variantes de traduções publicadas em português.....</b>	<b>93</b>

## ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Gn	Livro do Génesis
Ex	Livro do Êxodo
Lv	Livro do Levítico
Dt	Livro do Deuterónimo
Sl	Livro dos Salmos
1 Mac	Primeiro Livro dos Macabeus
2 Mac	Segundo Livro dos Macabeus
Sb	Livro da Sabedoria
Sir	Livro de Ben Sirá
Is	Livro de Isaías
Jr	Livro de Jeremias
Sf	Livro de Sofonias
Mt	Evangelho Segundo Mateus
Mc	Evangelho Segundo Marcos
Lc	Evangelho Segundo Lucas
Jo	Evangelho Segundo João
Act	Livro dos Actos dos Apóstolos
Rm	Epístola aos Romanos
1 Cor	Primeira Epístola aos Coríntios
Ef	Epístola aos Efésios
Tg	Epístola de Tiago
1 Pe	Primeira Epístola de Pedro
1 Jo	Primeira Epístola de João
Ap	Livro do Apocalipse
AT	Antigo Testamento
Cf.	Confrontar ou conferir
EdDB	Edição da Difusora Bíblica
NT	Novo Testamento
QE	Quarto Evangelho
V.	Versículo
Vv.	Versículos

## INTRODUÇÃO

Vivemos num tempo em que a unidade da Igreja é testada por fatores internos e externos: as perseguições religiosas, o ateísmo militante e intolerante que cresce no mundo ocidental, as leis civis que chocam com a lei divina e a fé cristã, as discordâncias entre cristãos de diversas confissões, as divisões ideológicas no seio do catolicismo, algumas das quais até oponentes ao atual sucessor de Pedro... enfim, se quisermos esta lista pode ser prolongada.

Por outro lado, a grande chave etimológica do cristianismo, a palavra «amor», é, hoje-em-dia, levianamente utilizada nas mais diversas vivências sociais. O verdadeiro amor cristão parece esbatido por uma mentalidade que quase só associa esta palavra às relações afetivas ou que, no pior dos casos, perverte a sua utilização chamando-se a tudo de “amor”, inclusive ao efêmero e ao mero desejo passageiro.

Sempre que pude, ao longo dos estudos no Mestrado Integrado em Teologia, aproveitei para aprofundar alguns temas que me questionavam. A opção por trabalhar o Quarto Evangelho (QE) na conclusão deste grau académico acompanhou-me desde o início do meu caminho vocacional e académico. De facto, a passagem de Jo 15, 1-17 foi o «grande toque» na minha decisão de seguir Jesus e ingressar no Seminário. Foi na escuta das palavras de Jesus «não fostes vós que me escolheste; fui Eu que vos escolhi a vós e vos destinei a ir e a dar fruto, e fruto que permaneça» (Jo 15, 16) que me senti interpelado, apesar das minhas limitações e fragilidades, a seguir Jesus na dilatação do seu reino de amor que permanecerá para sempre.

Atento ao mundo que nos rodeia e procurando aprofundar o estudo do QE, complementando a Unidade Curricular de Escritos Joaninos, aproveito esta ocasião para

explorar exegeticamente a passagem de Jo 15, 9-17 e dar resposta a algumas questões que me assaltam: Como corresponder ao imperativo de Jesus a permanecer no seu amor? Qual o verdadeiro sentido do amor cristão? O que deseja Cristo para a sua Igreja?

Todas estas temáticas têm necessariamente implicações na vida *ad intra* dos cristãos e, numa segunda linha, na missão da Igreja *ad extra*, não fosse o âmago desta perícopes o mandamento novo do amor, que não consigo dissociar do testemunhado por Jesus: «por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35).

O percurso que irei fazer, acompanhado pelos contributos de diversos autores, e para o qual o convidado a si, partirá de uma síntese sobre a génese do QE e dos seus aspetos teológicos, algo que me parece imprescindível para compreender validamente qualquer perícopes deste Evangelho. Seguirá, depois, para um estudo exegetico-teológico de Jo 15, 9-17 do qual pretendo alavancar algumas respostas para o nosso contexto histórico-social.

Quero que este estudo sirva, para mim e para aqueles que comigo aceitarem fazer este caminho de entrar nas entranhas de significação desta perícopes, de «lufada de ar fresco» que incentive à vida ao jeito de Jesus, à alegria por sermos eleitos por Ele para sermos seus amigos, à comunhão cristã no amor fraterno como foi por Ele testemunhado, à unidade dentro da Igreja Católica e também entre as diversas comunidades eclesiais cristãs.

## I. DE JOÃO AO EVANGELHO DE JOÃO

Começamos este nosso estudo por percorrer um itinerário onde tentaremos responder à problemática da autoria do QE, apresentar as características da comunidade onde este Evangelho nasceu, quais os problemas a que ele procura responder, como terá ocorrido a sua génese e quais as características literárias e teológicas que mais despertam a nossa atenção.

### 1. O autor, a data e o lugar de composição

#### 1.1. O autor

A identidade do autor do QE é particularmente difícil de resolver. Segundo dados internos (Jo 21, 24), este foi escrito pelo «discípulo que Jesus amava» (cf. Jo 13, 23; 19, 26s; 20, 2; 21, 7.20ss). A *inscriptio* do P<sup>66</sup>, que data talvez da segunda metade do século II, prova que nesta época o QE era atribuído a João, filho de Zebedeu<sup>1</sup>.

A partir de Ireneu de Lyon, em *Adversus Haereses* (III, 1, 1), finais do séc. II (anos 130-200 d. C.), vai-se impondo a ideia unânime de que o discípulo amado é João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago, o discípulo que reclinou a cabeça sobre o peito de Jesus (Jo 13, 23-25)<sup>2</sup>. Ireneu terá conhecido Policarpo, bispo de Esmirna, e pensa-se que este, por sua vez, teria conhecido João<sup>3</sup>. Nessa linha vão o Cânone Muratoriano 9, Clemente de Alexandria (citado em

---

<sup>1</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 45.

<sup>2</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 157-158.

<sup>3</sup> Cf. Raymond Brown, *El evangelio y las cartas de Juan* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010), 16.



Eusébio de Cesareia) e Polícrates de Éfeso, sem a certeza de tal opinião fundar-se no próprio texto ou em informação histórica<sup>4</sup>.

O conhecimento do texto e a sua utilização é-nos testemunhado desde o séc. II pelo bispo Papias de Hierápolis. Também em Justino, Taciano (*Diatéssaron*), Teófilo de Antioquia, Basíledes, Ptolomeo, Herácleon e nos papiros 66 (séculos II-III) e 75 (século III), por sua *inscriptio* ou *sbscriptio*, aparecem referências ou citações do Evangelho segundo João<sup>5</sup>.

Na história da Igreja moderna (séc. XIX e primeira metade do séc. XX), pensava-se que a autoridade teológica e a credibilidade do Evangelho estavam totalmente dependentes do critério de apostolicidade, o que concentrou esforços em tentar provar a autoria do apóstolo João<sup>6</sup>. Todavia, no caso do QE, os argumentos que sustentam tal posição são bastante frágeis. Alguns autores consideram pouco provável um galileu – ainda para mais pescador e, por hipótese, com pouca instrução (cf. Act 4,13) – escrever um texto bem qualificado pela diáspora judia helenizada; outros julgam que quem publicou o Evangelho deixou pistas que levam por um lado a João, filho de Zebedeu, e, por outro, a um discípulo de Jerusalém de círculos sacerdotais<sup>7</sup>; outros apontam a hipótese de se tratar de um João, possivelmente presbítero da Igreja de Éfeso<sup>8</sup>; e há ainda aqueles que consideram a figura do discípulo amado como fictícia, isto é, como ficção literária em vista de valorizar mais a mensagem que o autor<sup>9</sup>, vendo no discípulo amado um protótipo de ideal de discipulado (Loisy, Kragerud).

A questão é, como vemos, difícil de resolver. Aponto de seguida apenas alguns aspetos do problema:

- Se o Evangelho foi escrito por uma testemunha ocular, seria natural encontrar no texto a referência ao seu autor. No entanto, João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago, não aparece

---

<sup>4</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 31; Juan Manuel Martín-Moreno, *Personajes del cuarto evangelio* (Sevilla: Universidad Pontificia Comillas - Desclée de Brouwer, 2010), 31.

<sup>5</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 32.

<sup>6</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 45.

<sup>7</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 32.

<sup>8</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 167-168.

<sup>9</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 32.

explicitamente mencionado. Dos filhos de Zebedeu, fala-se apenas em Jo 21, 2. Há que considerar, todavia, a possibilidade de este capítulo ter sido escrito por uma pessoa distinta da que escreveu o resto do Evangelho (Jo 1 – 20). Tendo presente este pressuposto, mas considerando que o discípulo predileto de Jesus esteve presente na última refeição, sem que haja dados que indiquem que estariam presentes outros discípulos além dos Doze (os Sinópticos apenas referem os Doze), parece lógico que o discípulo amado seja um dos Doze<sup>10</sup>. Sublinhando as duas vezes que se menciona este discípulo em estreita relação com Pedro e a mãe de Jesus e na carência de fundamento que apoie a ideia de que este represente apenas «um discípulo ideal», defende-se a hipótese de o discípulo predileto ser João, o filho de Zebedeu<sup>11</sup> (J. A. T. Robinson, L. Morris)<sup>12</sup>. Aliás, sobre o discípulo amado, «a tradição eclesiástica acreditou a pés juntos tratar-se de João, irmão de Tiago e filho de Zebedeu de Cafarnaum, pescadores do lago de Tibirardes»<sup>13</sup>. Nessa linha vai Justinho que refere várias passagens do QE como recordações do apóstolo e Ptolomeo que cita Jo 1, 3s como palavra do apóstolo<sup>14</sup>.

- Para Charles Barret, «os dados a favor da atribuição do escrito a João, filho de Zebedeu, como afirma a tradição, são esmagadores; mas, por outra parte, essa ideia deixa muito a desejar. No texto propriamente dito do evangelho há muitas passagens que apontam a memórias de um testemunho ocular; mas há outras às quais não se pode atribuir credibilidade histórica, tanto porque resultam intrinsecamente improváveis como porque transportam a marca de uma prolongada reflexão ou meditação sobre uma tradição primitiva»<sup>15</sup>. Conclui, por isso, que os dados de que dispomos não nos permitem dar uma resposta precisa. Desde logo, se tomarmos em conta que a Igreja primitiva considerava que João, o apóstolo, tinha sofrido o martírio cedo, numa época bem anterior àquela em que terão surgido grupos que apreciavam o

---

<sup>10</sup> Cf. Juan Manuel Martín-Moreno, *Personajes del cuarto evangelio* (Sevilla: Universidad Pontificia Comillas - Desclée de Brouwer, 2010), 28-29.

<sup>11</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 179.

<sup>12</sup> Cf. Giuseppe Segalla, *Evangelo e Vangeli* (Bologna: Dehoniane, 1994), 374.

<sup>13</sup> Joaquim Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 44.

<sup>14</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 32.

<sup>15</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 24.

QE e desejaram fundar a teoria de que tinha sido escrito por um dos apóstolos<sup>16</sup>. Mais ainda, coloca em questão se o texto que chegou até nós «coincide com a redação final do próprio evangelista ou, dizendo melhor, a questão sobre o que entendemos, exatamente, por autor do evangelho»<sup>17</sup>.

- Segundo Charles Barret, «a opinião atualmente mais aceite apoia que houve uma série de sucessivas redações, e discute-se se o processo de edição (durante o qual se introduziu, quem sabe por conveniência, o nome de João) foi ao início, ao fim, ou num estado intermédio de redação»<sup>18</sup>. Alguns autores, entre eles R. Schnackenburg e R. E. Brown, levantam a possibilidade de se tratar de um discípulo de círculos sacerdotais, identificando-o «com um anónimo discípulo do Senhor de Jerusalém, o que explica o seu interesse pela cidade santa, pela Judeia e o seu conhecimento no ambiente sacerdotal pressuposto em Jo 18,15»<sup>19</sup>. M. Hengel, por exemplo, chega a identificá-lo precisamente como «presbítero João», discípulo do Senhor, mencionado por Eusébio (*Historia eclesiástica III*, 39, 4)<sup>20</sup>. «Porque o apóstolo “João” teria morrido mártir, dever-se-ia procurar um outro “João” como autor do IV evangelho e esse seria de facto o “presbítero João”»<sup>21</sup>. De opinião contrária é Jean Zumstein para quem «esta engenhosa hipótese, que combina dados dispersos, não encontra apoio nem no quarto evangelho nem no testemunho explícito da tradição da Igreja antiga»<sup>22</sup>, pelo que deve ser abandonada.

- Outra hipótese existe se considerarmos todo o capítulo 21 como obra da mão do autor do resto do Evangelho e apenas considerarmos 21, 24s como «um apêndice acrescentado pelos representantes da igreja em que o discípulo desenrolou a sua atividade e na qual escreveu e se usou o quarto evangelho, é provável que essa nota signifique: “O discípulo preferido de Jesus escreveu (ou foi responsável que se escrevesse) Jo 1 – 20 (e quem sabe, todo ou parte de 21, 1-

---

<sup>16</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 161.

<sup>17</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 24.

<sup>18</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 24.

<sup>19</sup> Giuseppe Segalla, *Evangelo e Vangeli* (Bologna: Dehoniane, 1994), 373.

<sup>20</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 46.

<sup>21</sup> Giuseppe Segalla, *Evangelo e Vangeli* (Bologna: Dehoniane, 1994), 373.

<sup>22</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 46.

-23), e nós damos testemunho da sua veracidade”»<sup>23</sup>. Tendo esta ideia por base, já seria plausível atribuir a autoria do Evangelho ou pelo menos da tradição que lhe deu origem ao apóstolo João, mas incluindo um papel ativo da comunidade joanina na sua redação.

- Existem ainda estudiosos que defendem que três das cinco referências ao discípulo predileto (a saber: Jo 13, 23; 19, 26s; 20, 2), desde o ponto de vista histórico, mostram manipulações posteriores ou incongruências com outras tradições<sup>24</sup>. Acontece ainda que o discípulo preferido aparece apenas em Jerusalém, mas os filhos de Zebedeu eram oriundos da Galileia. Este aparece em algumas ocasiões como o discípulo ideal (Loisy, Kragerud)<sup>25</sup>, por vezes numa categoria superior a Pedro, convertendo-se assim no paradigma da Igreja crente<sup>26</sup>. O discípulo predileto pode ser João, filho de Zebedeu, ou um qualquer dos outros discípulos mencionados em Jo 21, 2, como pode ser uma ficção literária (Kügler), o que faria do QE uma obra de carácter literário e teológico, mas não histórico<sup>27</sup>. Esta ideia todavia é abraçada por uma minoria dos exegetas<sup>28</sup>. Jean Zumstein, apoiando-se na rivalidade entre Pedro e o discípulo amado testemunhada no Evangelho e os problemas que a morte do discípulo amado parece ter constituído nos ciclos joaninos (Jo 21, 22-23), opõe-se à ideia de considerar o discípulo amado como mera figura simbólica e sem nenhuma consistência histórica<sup>29</sup>.

A questão da autoria do QE está ainda por resolver, mesmo sendo imensas as opiniões a seu respeito. Colocam-se duas questões: Terá o QE um só autor? Terá sido escrito por uma comunidade joanina?

Antes de mais, importa esclarecer que «o conceito de autor é diferente do de escritor. O Papa é o autor de suas encíclicas, embora em muitos casos elas sejam escritas por outros. Autor é a pessoa que dá autoridade a um escrito, a pessoa sob cujo nome este é publicado. Quando

---

<sup>23</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 183.

<sup>24</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 180.

<sup>25</sup> Cf. Giuseppe Segalla, *Evangelo e Vangeli* (Bologna: Dehoniane, 1994), 373.

<sup>26</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 179-180.

<sup>27</sup> Cf. Giuseppe Segalla, *Evangelo e Vangeli* (Bologna: Dehoniane, 1994), 373.

<sup>28</sup> Cf. Giuseppe Segalla, *Evangelo e Vangeli* (Bologna: Dehoniane, 1994), 373.

<sup>29</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 45.

dizemos aqui que ele é o autor do quarto evangelho, não queremos dizer que ele foi necessariamente o seu escritor»<sup>30</sup>.

A ideia de que este Evangelho tenha sido escrito a uma só mão e de forma linear parece descabida para a maioria dos exegetas da atualidade, os quais se dão conta de que o seu pensamento teológico não se desenrola linearmente: foca uma questão de um ponto de vista para passar logo a outro e até intercalar um tema diferente pelo meio. Também os saltos cronológicos e geográficos de João são, por demais, evidentes. É notória, portanto, uma falta de unidade linguística em que os conteúdos se sucedem vagamente sem uma verdadeira progressão de pensamento.

Levanta-se a possibilidade de o Evangelho atual ser o resultado de uma reunião de fragmentos o que explicaria as muitas aporias. Para Bultmann, um dos defensores desta teoria, o «“redator (ou redatores) que encontrou o evangelho reduzido a fragmentos e os uniu na ordem que apresentam atualmente introduziu algumas adições com o objetivo de que o documento original, de duvidosa ortodoxia, fosse aceite pelos setores mais ortodoxos da Igreja dos princípios do século II”. Os elementos determinantes do trabalho do redator, e o que o distingue do próprio evangelista, são os interesses históricos e teológicos, mais que os fenómenos literários»<sup>31</sup>.

No entanto, para Charles Barret não há necessidade de teorias de deslocamento ou de redação. Usando a imagem de uma «túnica sem costura» (Strauss), ele admite «uma certa unidade de estilo e de linguagem, que não é mais que uma manifestação externa de uma profunda unidade interna de pensamento e objetivos. Mas essa unidade impôs-se a uns materiais tomados, em primeiro lugar, de fontes muito variadas e compostos, talvez, ao longo de um largo período de tempo. Pode-se supor que uma grande parte do material discursivo provinha de sermões pronunciados na realidade. Contava-se um episódio da vida de Jesus e o evangelista-

---

<sup>30</sup> Juan Manuel Martín-Moreno, *Personajes del cuarto evangelio* (Sevilla: Universidad Pontificia Comillas - Desclée de Brouwer, 2010), 27.

<sup>31</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 53.

-pregador expunha o seu significado para a vida e pensamento da Igreja. Com a repetição do processo, ia-se criando um corpo de doutrina que, num dado momento, se pode formular na forma de “evangelho”. Mas o empenho de formulação não era tarefa fácil. Não só havia que contar com a grande variedade de fontes originais, mas, ao mesmo tempo, com as distintas secções, ou homilias, nem sempre possíveis de ligar de maneira coerente»<sup>32</sup>. Todavia, o evangelista ou redator do Evangelho «possuía uma extraordinária compreensão do significado teológico da tradição primitiva no seu conjunto, de modo que era capaz de perceber o sentido da totalidade em cada uma das suas partes, e podia apresentar não uma coleção desconexa de palavras e feitos de Jesus, mas uma composição unitária da sua pessoa, que se manifestava de diversas maneiras nas múltiplas tradições sobre ele. [...] E em segundo lugar, o evangelista estava guiado por um único objetivo que conferia unidade a toda a sua obra»<sup>33</sup>, o «de apresentar com uma nova linguagem a fé que anteriormente havia sido transmitida aos consagrados, com o fim de ganhar novos conversos para a fé da Igreja, fortalecer a postura dos que sentiam certa inquietude ante os novos ventos de doutrina, e expor de maneira mais adequada os fundamentos da fé»<sup>34</sup>. Dessa opinião é P. Gardner-Smith (*St John and the Synoptic Gospels* [1938]), que defende que o evangelista tem de ter pertencido a uma igreja local e dependeria principalmente não de documentos escritos, mas de uma tradição oral dessa igreja<sup>35</sup>.

Terminando, «um certo número de exegetas orientam-se para uma solução mais flexível e satisfatória: João de Zebedeu seria, provavelmente, o discípulo a quem Jesus amava (Jo 13, 23). Ele estaria na origem do quarto evangelho, mas não o teria redigido. Este evangelho teria conhecido uma longa gestação nos ambientes judaico-helenistas, marcados por diversas filosofias»<sup>36</sup>. Nesta linha situa-se Giuseppe Segalla (apoiado em R. E. Brown, E. Cothenet e D. Muñoz León) para quem «o discípulo amado é autor da tradição, embora o evangelista,

---

<sup>32</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 55.

<sup>33</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 55.

<sup>34</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 55.

<sup>35</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 77.

<sup>36</sup> Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo S. João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1994), 9.

diferente do discípulo amado, elaborou-a debaixo de um perfil literário e teológico»<sup>37</sup>. Jean Zumstein é também defensor de que o redator difere duas ou três gerações do discípulo amado, tendo posto por escrito a interpretação da fé cristã que este havia esboçado<sup>38</sup>.

Annie Jaubert alarga o leque de um para vários redatores chamando-lhe “escola joanina”, um conjunto de discípulos que pregavam nas comunidades helenizantes ligadas ao testemunho de João e aponta como sua assinatura Jo 21, 24: «E nós sabemos que o seu testemunho é verdadeiro»<sup>39</sup>. Quase unânime aos estudiosos é a opinião de que o Evangelho não é obra de um testemunho ocular. Quase irrecusável é a opinião de que, na escrita do QE, intervieram várias mãos<sup>40</sup>.

Parece-nos importante lembrar que a definição da identidade do discípulo amado e até, mais diretamente, a identidade do redator do QE, não desempenha nenhum papel vital para a fé da Igreja. O valor do QE e do seu testemunho a respeito de Jesus não depende da identidade do seu escritor ou do seu autor, mas do valor intrínseco ao próprio Evangelho, do testemunho que o Espírito Santo deu, por meio dele, aos seus leitores, ao longo da história e da autoridade da Igreja que, desde muito cedo, o acolheu no seu cânone e o tomou como norma de vida<sup>41</sup>.

## 1.2. *A data*

Quando procuramos dentro do QE marcas temporais que testemunhem o momento da sua redação, deparamo-nos com a invocação explícita do acontecimento da cisão dos discípulos com o judaísmo tradicional e consequente expulsão da sinagoga (Jo 9, 22; 12, 42; 16, 2). Este acontecimento ocorreu entre os anos 80 e 90, acarretando diversos problemas sociais aos judeo-cristãos, o que resultou numa crise de identidade, desânimo e sentimento de fracasso. Isto

---

<sup>37</sup> Giuseppe Segalla, *Evangelo e Vangeli* (Bologna: Dehoniane, 1994), 372. Cf. Raymond Brown, *El evangelio y las cartas de Juan* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010), 16.

<sup>38</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 45.

<sup>39</sup> Annie Jaubert, *Para ler o Evangelho segundo S. João* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1994), 9.

<sup>40</sup> Cf. Umberto Eco, *Les limites de l'interprétation* (Paris: Grasset, 1992), 29-32.

<sup>41</sup> Cf. Juan Manuel Martín-Moreno, *Personajes del cuarto evangelio* (Sevilla: Universidad Pontificia Comillas - Desclée de Brouwer, 2010), 29-30. A questão da identidade do autor é essencialmente uma curiosidade histórica.

corroborar a opinião que ainda agora emitimos: «O evangelho inscreve-se nesta situação e procura reestruturar a fé desfalecente das comunidades joaninas»<sup>42</sup>.

Cruzando o dado anterior que testemunha que João se terá composto em torno do ano 85, depois da rotura com a sinagoga, com os dados históricos implícitos no texto, cuja inclusão poderá dever-se a uma releitura dos acontecimentos históricos à luz da fé, torna-se possível entender como é que os acontecimentos do martírio de Pedro (Jo 13, 36-37; 21, 18) e da destruição do Templo (Jo 11, 47-48) aparecem incluídos no QE: já se teriam dado aquando da sua redação<sup>43</sup>.

Considerando, por fim, os dados externos, a descoberta em 1935 do papiro *Rylands* 457 (P<sup>52</sup>), que recolhe um fragmento do Evangelho segundo João (Jo 18, 31 - 33.37-38), aponta para que, em torno do ano 125, o QE fosse já conhecido no Egito<sup>44</sup>. Além deste, «o papiro *Egerton* 2, muito mais extenso, contém parte do que parece ter sido um evangelho, diferente dos quatro evangelhos canónicos e dos demais evangelhos apócrifos conhecidos. [...] Parece que há boas razões para pensar que o autor do papiro usou o evangelho segundo João como uma das suas fontes. Portanto, [com base na datação segundo métodos paleográficos,] pode dizer-se que Jo já existia na época anterior ao ano 150. Estes dois papiros foram descobertos no Egito; de modo que se pode supor com bastante segurança que ali já se conhecia o evangelho segundo João uns dez ou vinte anos antes da metade do século II e, quem sabe, em época bastante anterior»<sup>45</sup>.

Num estudo comparativo, alguns exegetas como Charles Barret, aceitam que João supõe os Sinópticos, inclusive os três. Ora, nesta lógica, João nunca poderá ser fixado antes do ano 90. «Por outra parte é recomendável fixar o evangelho de João, pelo menos no seu conteúdo básico, antes das cartas de Inácio, que datam da época do imperador Trajano (98-117)<sup>46</sup>. Concluindo, parece razoável «propor o final do século I como final da sua composição»<sup>47</sup>.

---

<sup>42</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 44.

<sup>43</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 44.

<sup>44</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 44.

<sup>45</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 170.

<sup>46</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 33.

<sup>47</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 44.



### 1.3. O lugar

No que se refere à localização, Jean Zumstein aponta seis fatores que haverá que ter em conta: «1) a sinagoga possuía um papel importante e podia impor medidas disciplinares; 2) o judaísmo marginal era no entanto florescente; 3) os discípulos de João Batista honravam o seu mestre defunto; 4) a gnose estava a conseguir desenvolver-se; 5) utilizava-se o grego; e 6) as figuras de Pedro e de Tomé desempenhavam um papel eclesial de primeira linha»<sup>48</sup>. Daí, conclui o autor: «Um espaço onde se dão estas seis condições juntas é a Síria, ainda que não se possa excluir a Ásia Menor, e em particular Éfeso. A isto há que acrescentar que a localização do evangelho na Síria só seria válida para o trabalho do evangelista, ao passo que a redação final do evangelho, assim como das epístolas deveria situar-se provavelmente na Ásia Menor»<sup>49</sup>. A localização permanece imprecisa: Ireneu aponta para Éfeso, mas outros dados apontam como hipóteses Alexandria ou Antioquia<sup>50</sup>.

## 2. A comunidade joanina: identidade e problemas

Hoje dá-se como certo que a cada Evangelho corresponde uma comunidade cristã cuja fé espelha e a cujos problemas de fé e pastorais procura responder pela fé e pela catequese<sup>51</sup>. Muito se tem discutido sobre a comunidade onde o QE terá nascido e sobre a comunidade a quem foi destinado. «Durante muitos anos prevaleceu a opinião crítica de que o evangelho segundo João era “o evangelho dos helenistas” [título do livro de B. W. Bacon, editado por C. H. Kraeling], isto é, foi escrito por um pensador grego e destinado ao mundo grego, de modo que supôs um ponto decisivo da helenização do cristianismo»<sup>52</sup>. Todavia, esta ideia não é assim tão pacífica. «Na época mais recente notou-se uma tendência a sublinhar o significado que o Antigo Testamento e o judaísmo, em geral, têm para o quarto evangelista»<sup>53</sup>, apoiando-se no

---

<sup>48</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 44.

<sup>49</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 44.

<sup>50</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 33.

<sup>51</sup> Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 49.

<sup>52</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 23.

<sup>53</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 23-24.

abundante material de caráter semítico que se encontra neste Evangelho e nos vínculos existentes entre o QE e o judaísmo palestinese, notados desde a descoberta dos manuscritos de Qumrán, em 1947<sup>54</sup> (as dicotomias luz e trevas, verdade e mentira, etc.)<sup>55</sup>. «A coexistência destas duas correntes de pensamento concorda com a primeira combinação de materiais no judaísmo helenístico»<sup>56</sup>.

Quanto à possibilidade da origem semítica do QE, «Charles Burney e Charles Torrey defendem que o evangelho grego que possuímos é uma tradução de um antigo documento aramaico que se perdeu»<sup>57</sup>, mas Ernest Colwell é de opinião contrária, «defende que na redação do evangelho não se pode detetar nenhuma influência do aramaico»<sup>58</sup>. O mais provável não é que João tenha traduzido documentos aramaicos, mas que estivesse acostumado a pensar e a falar em aramaico, ao mesmo tempo que em grego<sup>59</sup>. «Talvez, o mais seguro seja afirmar que João, tanto no seu pensamento como na sua expressão linguística, aproxima (talvez, não de todo inconscientemente) os limites entre o helénico e o semítico. João evita os semitismos mais comuns, mas conserva o ritmo lento e o grafismo do aramaico, calculando expressamente para produzir o efeito de um grego solene e religioso»<sup>60</sup>.

Bastante evidente é que «o evangelista se move num mundo de ideias da cultura judaica»<sup>61</sup> e parece que chega a utilizar «os métodos exegéticos usados pelas escolas rabínicas»<sup>62</sup>. Ainda assim, não deixa de ser evidente uma cisão com o judaísmo que é testemunhada pela referência à expulsão dos cristãos da sinagoga (Jo 9, 22.34; 16, 2), à inclusão dos samaritanos (Jo 8, 48), mas também pelas referências feitas às festas dos judeus (5, 1; 6, 4;

---

<sup>54</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 40.

<sup>55</sup> Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 54.

<sup>56</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 23-24.

<sup>57</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 31.

<sup>58</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 31.

<sup>59</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 34.

<sup>60</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 34.

<sup>61</sup> Juan Mateos, Juan Barreto, *El evangelio de Juan – analisis lingüístico e comentario exegético* (Madrid: Cristiandad, 1992), 22.

<sup>62</sup> Juan Mateos, Juan Barreto, *El evangelio de Juan – analisis lingüístico e comentario exegético* (Madrid: Cristiandad, 1992), 24.

etc.) e às leis dos judeus (Jo 15, 25) nas quais os cristãos já não se revêm<sup>63</sup>. Visto isto, parece que nada se pode concluir com total clareza se o ambiente redaccional e, em consequência, a comunidade onde germinou eram helénicos ou semíticos.

Dissemos que cada Evangelho procura responder aos problemas da comunidade ou comunidades a quem se destina. Então, quais serão os problemas a que responde o QE? O mesmo será dizer: quais são os temas principais do Evangelho de João?

Não obstante ter sido chamado de teólogo do amor<sup>64</sup>, Ignace de la Potterie alerta-nos para a imprecisão que cometem a maioria dos cristãos, ao considerarem como tema fundamental do QE o amor. Para essa impressão, contribuem «os versículos de João sobre o novo mandamento, onde Jesus diz que seus discípulos serão reconhecidos por isto: se eles tiverem amor uns pelos outros (Jo 13, 34-35), ou a famosa passagem da 1ª carta: “Deus é amor” (I Jo 4, 8.16)»<sup>65</sup>. Ora, este autor propõe um caminho mais cuidadoso. Primeiramente, envia-nos a um estudo comparativo onde constatamos que o substantivo “amor” (ἀγάπη) surge 7 vezes no Evangelho de João; o verbo “amar” (ἀγαπᾶν) surge 36 vezes, mas é o verbo “crer” (πιστεύειν) que surge numa percentagem maior (98 vezes, quase três vezes mais)<sup>66</sup>.

De la Potterie defende que, «com boas razões, foi dito que o quarto evangelho é o evangelho da fé»<sup>67</sup>. Para tal tese, não se baseia apenas no apelo estatístico do verbo “acreditar”, pois outras pistas confirmam essa impressão, nomeadamente as que aparecem explicitamente no corpo do texto: «ao concluir o seu evangelho, o próprio João indica com que intenção ele escreveu: “para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus”(20, 31)»<sup>68</sup>. «Da expressão “para que acrediteis” encontram-se duas variantes no texto original grego. Uma, certificada por

ⲡ<sup>66vid</sup> ⲕ\* B Θ 892<sup>s</sup> l 2211, isto é, pela antiga tradição textual egípcia, lê o subjuntivo presente ἵνα

<sup>63</sup> Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 55.

<sup>64</sup> Cf. Luigi Moraldi, Stanislao Lyonnet, *Introduzione alla bibbia vol. IV* (Roma: Marietti-IIED, 1962), 368.

<sup>65</sup> Ignace de la Potterie, *Studi di Cristologia Giovannea* (Génova: Marietti, 1992<sup>3</sup>), 290.

<sup>66</sup> Cf. Ignace de la Potterie, *Studi di Cristologia Giovannea* (Génova: Marietti, 1992<sup>3</sup>), 290. Diz ainda: «Se acrescentarmos as epístolas joaninas ao evangelho, notamos que quase metade dos usos do verbo “crer” no NT são lidos nos escritos de João (107 vezes, de 241)».

<sup>67</sup> Ignace de la Potterie, *Studi di Cristologia Giovannea* (Génova: Marietti, 1992<sup>3</sup>), 290.

<sup>68</sup> Ignace de la Potterie, *Studi di Cristologia Giovannea* (Génova: Marietti, 1992<sup>3</sup>), 290.

πιστεύητε; a outra, certificada por  $\aleph^2$  A C D K L N W  $\Gamma$   $\Delta$   $\Psi$   $\Gamma^{1,13}$  33 e outros  $\aleph$ , lê o subjuntivo aoristo ἵνα πιστεύσητε. No primeiro caso, o objetivo do evangelho é fortalecer as pessoas na fé em Jesus; no segundo, o objetivo é levar os homens a acreditar em Jesus. Já com base no testemunho externo parece razoável favorecer a primeira variante»<sup>69</sup>.

«O mesmo fim é indicado na cena do lado perfurado: o discípulo que viu, testemunha, “para vós acreditardes” (19, 35). Esse propósito, o de dar aos cristãos a certeza da fé, também é indicado na conclusão da primeira carta (1 Jo 5, 13)»<sup>70</sup>. Segundo de la Potterie, o objetivo fundamental da fé cristã joanina é o ato de acreditar que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (Jo 20, 31), uma atitude concreta, vital e existencial pela qual «João, em seu Evangelho, nunca usa o substantivo abstrato “fé” (πίστις), mas sempre o verbo que designa o ato de acreditar (πιστεύειν)»<sup>71</sup>.

A centralidade da fé em Jesus, no Evangelho de João, foi também notada por Martinho Lutero que o considerou «o evangelho principal único, belo e apropriado»<sup>72</sup>.

Vimos que o QE destina-se a fortalecer a fé da comunidade em Jesus Cristo, Filho de Deus. Mas afinal quem serão os destinatários do QE?

- É possível que sejam os discípulos de João Batista. Para isso se remete ao prólogo, onde se diz expressamente que João Batista não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz (Jo 1, 8). Por isso, o próprio Batista acentua expressamente que ele não é o Messias. Segundo Act 18, 24 - 19, 7, Paulo encontra discípulos de Jesus em Éfeso que só conheciam o batismo de João. Parece plausível que o QE se destinasse a impulsionar os seguidores de João Batista a acreditar em Jesus<sup>73</sup>. Aliás, no QE Jesus recebe os primeiros discípulos «da própria mão de João Batista (Jo 1)»<sup>74</sup>.

---

<sup>69</sup> Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 20.

<sup>70</sup> Ignace de la Potterie, *Studi di Cristologia Giovannica* (Génova: Marietti, 1992<sup>3</sup>), 290.

<sup>71</sup> Ignace de la Potterie, *Studi di Cristologia Giovannica* (Génova: Marietti, 1992<sup>3</sup>), 291.

<sup>72</sup> Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 35.

<sup>73</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 20.

<sup>74</sup> Yves - Marie Blanchard, *Os escritos joaninos: uma comunidade testemunha a sua fé* (Fátima: Difusora Bíblica, 2010), 27.

- Para K. Bornhäuser, o Evangelho de João é “um escrito de missão para Israel”, a fim de que os “judeus” acreditem em Jesus como o Cristo e o Filho de Deus<sup>75</sup>. A comunidade joanina inicial parece muito ligada ao ambiente judaico, sendo verosímil a ideia que esta se situe na Palestina, em torno da guerra judaica (65-70 d.C.)<sup>76</sup>.

- Poderá ser um evangelho destinado aos gregos que, segundo Jo 12, 20-22, também vieram ver Jesus. Ou, pelo menos, pode ser destinado aos judeus da diáspora (Jo 7, 35)<sup>77</sup>. Num segundo momento, a comunidade joanina encontrar-se-ia transplantada num ambiente grego, provavelmente em Éfeso, ou talvez na Síria, lugar em que se daria o encontro da cultura grega pagã, do judaísmo oriental e grupos religiosos de orientação gnóstica<sup>78</sup>.

- Para alguns autores, o QE mostra um interesse especial pelos samaritanos, patente na viagem de Jesus pela Samaria, nos diálogos e encontros em Jo 4, 1-42<sup>79</sup>. Nesta linha, defendem que «os cristãos joaninos partilhavam, pois, com os helenistas de Jerusalém, o cuidado prioritário da evangelização dos samaritanos»<sup>80</sup>.

- Finalmente, também os gnósticos e os docetas entrariam em consideração como destinatários do QE. Assim se explicaria o destaque dado à “carne” de Jesus (cf. 1, 14; 6, 51-56) e à sua morte cruenta na cruz, seguida do rasgar do seu peito de onde saiu sangue e água (Jo 19, 34)<sup>81</sup>.

A opinião que se tem imposto mais recentemente é a de que «o evangelho de João serve em primeira linha ao fortalecimento da fé dos seus leitores cristãos»<sup>82</sup>, o que confirmaria que «em pontos cume do texto do evangelho, discípulos sobressalientes formulam a confissão a que

---

<sup>75</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 20.

<sup>76</sup> Cf. Yves - Marie Blanchard, *Os escritos joaninos: uma comunidade testemunha a sua fé* (Fátima: Difusora Bíblica, 2010), 29.

<sup>77</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 20.

<sup>78</sup> Cf. Yves - Marie Blanchard, *Os escritos joaninos: uma comunidade testemunha a sua fé* (Fátima: Difusora Bíblica, 2010), 30.

<sup>79</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 21.

<sup>80</sup> Yves - Marie Blanchard, *Os escritos joaninos: uma comunidade testemunha a sua fé* (Fátima: Difusora Bíblica, 2010), 28.

<sup>81</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 21.

<sup>82</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 21.

quer conduzir todo o evangelho de João, segundo Jo 20, 30s»<sup>83</sup>: Senhor, nós acreditamos e sabemos que tu és o santo de Deus (Jo 6, 69) e que és o Cristo, o Filho de Deus, o que havia de vir ao mundo (Jo 11, 27).

Se o QE se destinava a fortalecer a fé da comunidade, que problemas podiam enfraquecer a fé dos cristãos à época da redação do Evangelho?

A maioria dos exegetas apoiam a ideia de que este Evangelho terá alcançado a sua forma final entre os anos 80-90<sup>84</sup>. Sustentam esta tese os dados internos que testemunham que, na altura da redação, ter-se-ia dado já a cisão entre judaísmo e cristianismo, com a expulsão dos cristãos das sinagogas (Jo 16, 1-2)<sup>85</sup>. Além disso, parece haver também marcas da perseguição incitada pelos imperadores romanos. Assim, podemos dizer que a comunidade que escreveu e fez deste Evangelho um livro para ler na assembleia vivia momentos difíceis quanto à convivência social e também devido às dificuldades internas existentes na comunidade cristã<sup>86</sup>. Dever-se-á ponderar a hipótese de começarem a surgir heresias e divisões, daí a alusão à necessidade de permanecer na fé e ser fortalecido por ela (cf. Jo 20, 31): «o subjuntivo presente em πιστεύετε significa justamente “para que os mantenais na fé”»<sup>87</sup>.

Essa permanência na fé verdadeira implica a confissão de Jesus, o que não seria fácil naquele contexto, justificando-se a alusão a José de Arimateia (Jo 19, 38s) que, secretamente, por medo das autoridades judaicas, pede a Pilatos o corpo de Jesus, e ainda de Nicodemos que vai de noite, provavelmente por medo de ser visto, ao encontro de Jesus (Jo 3; Jo 19, 39). No entanto, ambos os casos culminam com os dois a colocarem as suas vidas em risco, ao colocarem-se do lado de Jesus. Parece estar aqui eminente a intensão do evangelista de incentivar os destinatários do seu texto a darem mostras da sua fé em Jesus, tal como estes

---

<sup>83</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 21.

<sup>84</sup> Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 47.

<sup>85</sup> Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 47.

<sup>86</sup> Cf. José Herrera Ospina, «Acercamiento bíblico al ecumenismo desde el cristianismo», in *Revista Temas* (Bucaramanga: Universidad Santo Tomás, n. 1 de 2007), 167.

<sup>87</sup> Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 22.

personagens, sem medo de perder a vida ou de pôr em causa a sua posição social<sup>88</sup>. O melhor exemplo disto é o dado pelo cego de nascença que se atreve a declarar publicamente a sua fé em Jesus, apesar das autoridades judaicas de Jerusalém terem decidido expulsar das sinagogas aqueles que se confessassem a favor de Jesus (Jo 9, 10-38)<sup>89</sup>.

Haverá que notar que os conflitos patentes no QE entre Jesus e “os judeus” são sobretudo reflexo de um debate cristológico dos finais do séc. I, mais que um relato sobre os encontros entre Jesus e os seus contemporâneos<sup>90</sup>. Aliás, «a expressão “os judeus” refere-se àqueles que tomaram uma posição teológica e cristológica que recusa Jesus e as afirmações que os seus seguidores faziam sobre ele»<sup>91</sup>, não representa o povo judeu enquanto tal, pois que muitos dos membros da comunidade joanina eram judeus. É notória a temática cristológica neste Evangelho em que «Jesus aparece desde o princípio ao fim como o “Filho de Deus”, ou essencialmente como o “Filho”, e neste sentido também se entende a sua messianidade. É um com o Pai (Jo 10, 30) e é a base da unidade dos discípulos com ele, com o Pai e entre si (Jo 17,21). Como logos divino, Jesus existe desde a eternidade, antes de fazer-se carne (Jo 1, 1-18)»<sup>92</sup>.

### 3. O IV Evangelho

Visto o que sinteticamente podíamos ver a respeito da autoria do QE, passemos agora à análise da génese do texto, enquanto tal.

Como diz Jean Zumstein, «o que deve guiar o trabalho interpretativo não é o *intentio auctoris*, mas a *intentio operis*»<sup>93</sup>. Neste ponto, faremos uma alusão ao texto em geral do QE.

---

<sup>88</sup> Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 22.

<sup>89</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 22. Sobre isto diz ainda o autor: «Segundo J. L. Martyn, refletem-se aqui circunstâncias posteriores à época da destruição do Templo, concretamente a decisão do chamado “sínodo de Jamnia”, de incluir uma maldição dos hereges na oração das dezoito petições. Intérpretes atuais pensam mais na exclusão dos cristãos das sinagogas a nível local como base dos textos mencionados no evangelho de João».

<sup>90</sup> Cf. Francis Moloney, *El Evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2005), 34.

<sup>91</sup> Francis Moloney, *El Evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2005), 35.

<sup>92</sup> Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 35-36.

<sup>93</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 47.

Analisaremos quais as fontes de inspiração, qual a intenção da obra, isto é, se é uma narração histórica ou teológica, de que engenhos e a gramática se serve o seu escritor e que aspetos teológicos gerais devem ser tidos em conta no estudo do QE.

### 3.1. *Camadas redaccionais e fontes*

São numerosas as aporias existentes no QE: numerosos textos são difíceis de compreender, parece que a obra não foi terminada, é como se não tivesse existido uma correção final. Parece que «não se chegou a encaixar bem no conjunto todo o material de que se dispunha»<sup>94</sup>. Por exemplo, «há cenas que não têm final (3, 1-?); fragmentos flutuantes que podiam ter-se situado noutro lugar (3, 31-36; 12, 44-50); textos que não ligam com os seus contextos e, ao contrário, seriam compreensíveis noutro lugar (3, 22-30 parece interromper uma sequência natural entre 3, 1-21, por um lado, e 3, 31-36, por outro); a notícia de 7, 20-24 acerca da obra realizada por Jesus parece referir-se a 5, 1-18 e, no entanto, passaram muitos meses – no meio colocou-se uma festa da Páscoa, a dos pães – entre uma cena e outra; 10, 19-21 parece fora de lugar; 10, 26-29 refere-se ao ensino de 10, 1-18, mas ambos os fragmentos distanciam-se através de 10, 19-21, por um lado, e 10, 22-25, por outro»<sup>95</sup>. Um exemplo ainda mais evidente de uma aporia encontra-se no capítulo 21 (já nos referimos a ele atrás, quando tratamos da identidade do autor): o final do evangelho parece surgir em Jo 20, 30-31, o que faz parecer «que Jo 21 é um apêndice que se inclui quando a obra já estava acabada»<sup>96</sup> que teria, segundo alguns autores, origem no «acervo da tradição dos sinais de Jesus e teria sido incluído ao final como justificação do *status* de Pedro e do papel do discípulo amado para a comunidade»<sup>97</sup>.

Entramos aqui na questão das fontes que estiveram na génese do QE. Charles Barret é de opinião que João ter-se-á servido de fontes. Essa conclusão apoia-se na unidade de estilo e também na intenção teológica que caracterizam este Evangelho, o que «parece indicar que as

---

<sup>94</sup> Joseph-Oriol Tuñi, Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 26.

<sup>95</sup> Joseph-Oriol Tuñi, Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 26.

<sup>96</sup> Joseph-Oriol Tuñi, Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 27.

<sup>97</sup> Joseph-Oriol Tuñi, Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 27.



únicas fontes que podemos isolar com certa probabilidade são as que tiveram uma reconhecida existência independente»<sup>98</sup>. Ele delimita seis possíveis fontes: os Evangelhos Sinópticos (com maior incidência em Marcos e Lucas); a(s) fonte(s) “Q”; a fonte dos sinais: “σημεῖα-Quelle”; os discursos de revelação (“Offenbarungsreden”); uma fonte originária da Judeia, também chamada “fonte de Jerusalém”; e uma fonte específica para a narração da paixão<sup>99</sup>. Seguiremos o seu raciocínio:

*a) Os Evangelhos Sinópticos:*

A independência de João face aos Sinóticos é hoje amplamente aceite, ainda que com vários matizes<sup>100</sup>. Atualmente, a maioria dos autores parece concordar que «João não se inspirou nos evangelhos sinóticos, ainda que possa ter tomado alguns dos seus materiais de uma tradição mais ou menos estreitamente relacionada com a tradição oral que serviu de base aos sinóticos»<sup>101</sup>.

Essa opinião não é partilhada por Charles Barret. Para este autor, é no mínimo provável<sup>102</sup> que «João esteve familiarizado com o evangelho segundo Marcos, e também, ainda que com menor probabilidade, que conheceu a recensão evangélica de Lucas»<sup>103</sup>. «A hipótese mais simples e mais lógica é que João tomou os seus conteúdos de Marcos, não mediante uma imitação ou transcrição servil, mas com as reflexões que geralmente inspiram uma fonte de reconhecida autoridade»<sup>104</sup>. Com isso se explicam as diferenças: «João organizou livremente os materiais de Marcos que mais convinham à sua própria intenção. Omitiu bastantes materiais de Marcos, e incluiu muitos outros que não apareceriam na sua fonte. Quando não fazia mais que contar um episódio já presente em Marcos, é natural a repetição de palavras e frases da sua

---

<sup>98</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 40.

<sup>99</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 43-49.

<sup>100</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 77.

<sup>101</sup> Kysar (p. 134), apud: Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 40. Cf. Alberto de Mingo Kaminouchi, *La Biblia de principio a fin. Una guía de lectura para hoy* (Salamanca: Sígueme, 2019), 307.

<sup>102</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 76-82.

<sup>103</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 40.

<sup>104</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 40-41.

fonte; mas, ainda nesse caso, os materiais ficavam sujeitos à sua própria estrutura e à sua finalidade específica. O certo é que Marcos não serviu de pauta para a estruturação do quarto evangelho»<sup>105</sup>.

É igualmente possível que João conhecesse a restante tradição sinóptica. Podemos dar conta que «os discursos de João estão frequentemente baseados em afirmações idênticas ou semelhantes às dos sinópticos»<sup>106</sup>, reelaborados em João à sua própria maneira, debaixo de uma intenção teológica própria: «em vez de breves frases lapidares ou de parábolas, encontramos largos discursos que, mesmo em geral não desenvolvendo uma linha seguida de pensamento, cobrem muitos aspetos em círculos mais ou menos concêntricos»<sup>107</sup>. Por outro lado, é possível que João se tenha servido de coleções de relatos que continham materiais semelhantes, mas não iguais, aos que se conservaram nos Sinóticos<sup>108</sup>. Isto podia justificar outros aforismos conservados em João e que não têm a sua correspondência paralela nos Sinóticos<sup>109</sup>. «E, provavelmente, também é verdade (e quem sabe assim o sugira o modo como João desenvolve certos episódios da tradição sinótica) que ele manipulou deliberadamente esses relatos, ilustrando-os com relatos simbólicos, ampliando-os em verdadeiros discursos, ou condensando-os em novos aforismos»<sup>110</sup>.

Não obstante, foca também a opinião de P. Gardner-Smith (*St John and the Synoptic Gospels* [1938]) que defendeu a ideia segundo a qual «é um erro centrar-se nas escassas semelhanças que existem entre João e os demais evangelhos; as diferenças são muito mais numerosas, e há que dar-lhes o peso proporcionalmente correspondente»<sup>111</sup>. Segundo Smith, estas semelhanças podem explicar-se pela teoria de uma tradição oral de uma primitiva

---

<sup>105</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 41.

<sup>106</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 41.

<sup>107</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 41.

<sup>108</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 42.

<sup>109</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 42.

<sup>110</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 42.

<sup>111</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 77.

pregação cristã e João não teria conhecido algum dos Evangelhos Sinópticos como obra escrita<sup>112</sup>.

*b) A(s) fonte(s) Q (Quelle):*

Esta possibilidade é sugerida pelo facto de algumas narrações de João terem a mesma forma que os episódios sinópticos, mas não aparecerem em nenhum dos três, o que implica que não se exclua a possibilidade de João ter utilizado outra ou outras fontes orais ou escritas<sup>113</sup>. Por exemplo, «é possível que Jo 4, 46-54 seja uma variante ou uma adaptação do episódio procedente de Q, no qual Jesus cura o servo de um centurião romano (cf. Mt 8, 5-13; Lc 7, 2-10)»<sup>114</sup>.

*c) A fonte dos sinais:*

Chamada por R. Bultmann de «σημεῖα-Quelle», baseia-se no facto de os doze primeiros capítulos de João constarem, essencialmente, de uma sequência de acontecimentos milagrosos que, segundo ele, procedem de uma única «fonte que continha uma sequência de narrações milagrosas descritas como “sinais” e que pretendiam suscitar a fé em Jesus como realizador de milagres»<sup>115</sup>. Para essa possibilidade contribui o facto de o primeiro milagre ser assinalado como ἀρχὴν τῶν σημείων (Jo 2, 11) e o segundo como δεύτερον σημεῖον (Jo 4, 54), mas daí em diante não haver mais enumerações dos sinais, o que só pode provar que existia a tradição de que Jesus realizou muitos milagres (cf. 20, 30)<sup>116</sup>. «Contudo, não há que excluir que em 6, 5-13; 6, 16-21 e, possivelmente, em 4, 46-54 e 5, 1-9 se possa ver uma contribuição dos sinópticos para a apresentação narrativa de João»<sup>117</sup>.

*d) Fonte dos discursos:*

É inequívoca a presença de vários discursos em João, o que pode questionar-nos se o redator final do Evangelho os tomou de uma fonte especial, diferente da que proporcionou as

---

<sup>112</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 77.

<sup>113</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 43-44.

<sup>114</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 44.

<sup>115</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 46.

<sup>116</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 45.

<sup>117</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 46.

narrações de milagres e outros episódios, à semelhança da possibilidade anterior da fonte dos sinais. Uma dessas fontes seria, segundo R. Bultmann, a dos discursos de revelação: (“*Offenbarungsreden*”), escritos originalmente em aramaico, traduzidos para o grego talvez pelo próprio evangelista<sup>118</sup>, fundados numa gnose oriental adotada pelos discípulos de João Batista e que o evangelista, anteriormente discípulo de João Batista, quando se tornou cristão converteu em palavra de Jesus. Um desses exemplos seria o Prólogo<sup>119</sup>.

*e) Fonte originária da Judeia:*

Diferentemente dos Sinópticos, situados sobretudo na Galileia, «é evidente o interesse de João pelas festas judaicas, que de um modo ou de outro exigiam a presença de Jesus em Jerusalém. Além de que o facto de situar certos episódios na capital do judaísmo está em consonância com o uso frequente que faz da expressão genérica “os judeus”, em vez de umas designações mais concretas, como “fariseus, saduceus, ou herodianos”, tal como aparecem nos evangelhos sinóticos»<sup>120</sup>. Isto «deu lugar à dedução de que João dispôs de uma fonte peculiar especificamente “judaica”, ou “fonte de Jerusalém”, da qual tomou a maior parte da sua informação»<sup>121</sup>.

*f) Fonte da narração da paixão:*

Parece que «João conta a história desde o seu próprio ponto de vista, dando pleno cabimento aos seus particulares interesses e, possivelmente, incluindo alguma informação histórica adicional»<sup>122</sup>. Será que o relato da paixão depende da narração de Marcos, ou de alguma outra semelhante? Poderá ter uma fonte independente? Para Charles Barret, «a narração de João é uma versão redaccional da de Marcos»<sup>123</sup>, enriquecida por João com novos materiais.

---

<sup>118</sup> Cf. Joaquim Correia das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 50.

<sup>119</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 47.

<sup>120</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 48.

<sup>121</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 48.

<sup>122</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 49.

<sup>123</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 49.

Para as últimas cinco possibilidades, o nosso autor apresenta alguns motivos que o conduzem à sua desvalorização<sup>124</sup>.

No que toca ao recurso ao Antigo Testamento, as suas citações explícitas são menos numerosas do que é habitual nos autores neotestamentários. São raras as vezes em que alude às chamadas “provas textuais”, com as quais se tentava demonstrar que Jesus era o Messias, profetizado no Antigo Testamento. Para as citações, João usa normalmente a versão dos LXX, ainda que o pudesse citar diretamente do hebraico, como o faz algumas vezes, e fazê-lo, ao que parece, também recorrendo por vezes a outras versões ou interpretações tradicionais<sup>125</sup>.

### *3.2. Uma narração histórica ou uma interpretação teológica?*

Uma questão que deve despertar a nossa atenção é determinar se a estrutura do QE tem uma intenção preferencialmente histórico-narrativa ou teológica.

Desde logo, denota-se que não existe um plano definitivo. Do ponto de vista cronológico, o texto parece alinhado numa sequência de acontecimentos desde o prólogo (Jo 1, 1-18) até à menção de que a «estava próxima a festa da Páscoa dos judeus» (Jo 2, 13). A partir daí, «as notícias cronológicas quase desaparecem»<sup>126</sup>. Facilmente se nota que «o texto, lido numa perspetiva puramente histórica, aparece frequentemente descuidado e incoerente»<sup>127</sup>. Dessa leitura surgem «dificuldades insuperáveis: se se analisa o texto como se fosse a obra de um cronista, aparecem, por um lado, “saltos” na topografia ou incoerência na sucessão dos factos e, por outro, omissão de dados, falta de lógica narrativa ou detalhes inverosímeis»<sup>128</sup>. «Algumas conexões são bastante forçadas e, às vezes nem sequer há conexão. Por vezes, um parágrafo ou um episódio inteiro parecem fora do sítio»<sup>129</sup>. Podemos, por isso, dizer que o

---

<sup>124</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 45-49

<sup>125</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 57-61.

<sup>126</sup> Joseph-Oriol Tuñi, Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 25.

<sup>127</sup> Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 1992<sup>3</sup>), 13.

<sup>128</sup> Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 1992<sup>3</sup>), 13.

<sup>129</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 49.

escrito está pouco trabalhado. Todavia, os diferentes fragmentos desconexos ressalvam a intenção da obra que põe a mensagem em primeiro plano, sobre o veículo literário<sup>130</sup>.

Cada parte do texto é um reflexo da totalidade do pensamento joanino, ao mesmo tempo que expõe algum aspeto particular: o «seu escrito vai avançando como uma espiral que se move desde o exterior para o centro»<sup>131</sup>. A humanidade de Jesus é um aspeto central na teologia de João e torna-se especialmente evidente na sua morte, acontecimento central para todo o QE. «Jesus foi condenado à morte e executado por uma instituição que não o aceitou, por considerá-lo perigoso para os seus interesses políticos, económicos e religiosos, defendidos por uma interpretação da Lei na qual se apoiaram para lhe dar a morte»<sup>132</sup>. E João tem visão clara sobre o grande acontecimento que é a morte de Jesus, sobre o qual se detém continuamente de modo a explicá-lo por diferentes pontos de vista. «Assim se explica a repetição do mesmo tema em diferentes níveis, aproximando-se cada vez mais do seu núcleo. Tal forma de composição, que reflete a mente do evangelista, é critério hermenêutico para a interpretação de João»<sup>133</sup>. Esquecido este estilo do evangelista, o leitor pode estranhar e sentir desconforto, em vez de denotar a riqueza expressiva do texto, ao considerá-lo como repetitivo.

Portanto, deve entender-se que «o plano que estrutura o evangelho de João é teológico. Não é uma biografia de Jesus (Jo 20, 30), nem sequer um resumo da sua vida, mas uma interpretação da sua pessoa e obra, feita por uma comunidade através da sua experiência de fé. Daí que o leitor tenha que interpretar os factos que se encontram no texto, cuja historicidade não se pressupõe, atendendo-se à finalidade do evangelho, isto é, como linguagem teológica»<sup>134</sup>.

É partindo desta realidade que João elabora a sua teologia, utilizando linguagem da sua cultura, familiar aos seus destinatários. Essa linguagem é um instrumento para transmitir a

---

<sup>130</sup> Joseph-Oriol Tuñi, Xaviel Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 28.

<sup>131</sup> Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 1992<sup>3</sup>), 26.

<sup>132</sup> Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 1992<sup>3</sup>), 17.

<sup>133</sup> Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 1992<sup>3</sup>), 26.

<sup>134</sup> Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 1992<sup>3</sup>), 14.

interpretação da experiência de fé da sua comunidade, o que lhe permite citar livremente textos antigos (Jo 13, 18) e, se for preciso, os modificar, omitindo frases ou combinando várias de diversa procedência, fazer releituras de passagens do Antigo Testamento, utilizando a sua simbologia, realizando uma síntese não eclética das diversas correntes teológicas do AT para expressar a radical novidade de Jesus numa linguagem elaborada durante séculos e disponível no seu tempo<sup>135</sup>. Deste modo, «apresenta a figura de Jesus fabricando um mosaico composto de uma multiplicidade de peças»<sup>136</sup>. Ainda que seja inútil procurar em João uma cronologia do mistério de Jesus, isto não significa que se negue a existência de materiais históricos de grande valor; antes esse material foi integrado organicamente num conjunto que é, antes de mais, teológico<sup>137</sup>.

O leitor do QE fica com a sensação da existência de uma linguagem e estilo peculiares e unitários, o que parece apontar uma forte personalidade literária. No entanto, fica também a sensação de ser um «escrito pouco trabalhado, com frequentes incongruências, com fragmentos desconexos que oferecem a imagem de uma obra em que a mensagem está acima do veículo literário»<sup>138</sup>.

### *3.3. Características literárias e gramaticais*

O estilo grego do QE é muito específico, muito semelhante às Cartas 1, 2 e 3 de João. Trata-se de um estilo único em todo o Novo Testamento que nem é vulgar nem requintado. Mas, «apesar desta ausência de refinamentos linguísticos, o estilo resulta não só de uma grande clareza, mas também altamente sugestivo, com um considerável ênfase repetitivo e uma dignidade solene que se percebe inclusive na tradução»<sup>139</sup>.

---

<sup>135</sup> Cf. Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 19923), 18.

<sup>136</sup> Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 19923), 18.

<sup>137</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 39.

<sup>138</sup> Joseph-Oriol Tuñi, Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 26.

<sup>139</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 26.

Já «o vocabulário de João é bastante reduzido, mas, ainda assim, muitos dos termos mais frequentes são comparativamente raros nos evangelhos sinópticos»<sup>140</sup>. «Difícilmente se pode afirmar que João cria um vocabulário novo; no entanto, a sua escolha das palavras é indubitavelmente peculiar. O seu estilo avança pesadamente e dentro de uns limites muito estreitos, o qual se distingue dos demais evangelistas; mas há que reconhecer que este recurso é um instrumento adequado para o propósito do autor. Apesar de um vocabulário tão reduzido, jamais se tem a impressão de que João é um escritor medíocre, que procura fatidicamente a palavra certa. Antes, é como se fosse um mestre que acredita que a sua mensagem se pode sintetizar em umas quantas preposições fundamentais que ele consegue expressar com cuidada economia de termos»<sup>141</sup>.

João utiliza um estilo direto e uma sintaxe elementar e de períodos curtos num grego *koiné*, onde abunda o chamado presente histórico<sup>142</sup>. Na estrutura do Evangelho, a parataxe é muito frequente com a construção de frases que se unem por meio de conjunções ou por meio de um particípio subordinado. Ainda assim, em João é também muito frequente a união de frases por meio de um simples «e» (καί). Por vezes este καί é empregue no sentido adversativo. Há, todavia, casos de assíndeto (até 39 casos, segundo Charles Barret), isto é, as frases são simplesmente justapostas. Servimo-nos a título de exemplo de Jo 2, 17<sup>143</sup>.

O quiasmo é uma figura retórica que resulta do desenvolvimento da «inclusão», muito utilizada em João. Apresentamos, a título de exemplo: Jo 1, 1-18 (a [vv. 1-8] – b [vv.1-11] – c [vv.12-13] – b' [vv.14] – a' [vv.15-18]) e Jo 2, 1-12 (a [vv.1-3] – b [vv.3-5] – c [vv.6-8] – b' [vv.9-10] – a' [vv.11-12]).

A utilização frequente da partícula οὐν (adv. e conj. “pois, realmente, com efeito”), umas 300 vezes, e, por vezes, de modo pouco habitual, perdendo o seu valor argumentativo

---

<sup>140</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 27.

<sup>141</sup> Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 28.

<sup>142</sup> Cf. Joseph-Oriol Tuñi, Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 20-21.

<sup>143</sup> Para mais exemplos ver: Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Ed. Cristiandad, 2003), 29.



para se converter numa simples ilação narrativa, é uma característica típica de João. Também o emprego do pronome ἐκεῖνος (“aquele”) é frequente, aparecendo até como substantivo. Quando aparece como adjetivo possessivo, João repete o artigo (por exemplo, ὁ λόγος ὁ ἐμός). A expressão ἀφ’ ἑαυτοῦ, ἀπ’ ἑμαυτοῦ (“a partir de si, de si mesmo”) também aparece em João treze vezes, bastante mais frequente que no restante Novo Testamento, em que aparece só 3 vezes<sup>144</sup>. As conjunções ἵνα (“para que”) e ὅτι (“porque”) têm frequentemente uma função explicativa. A construção «não... mas» (οὐ / μή) aparece umas 75 vezes, em João. O QE utiliza com frequência o possessivo ἐμός (“meu”), ao contrário do resto do Novo Testamento que opta mais frequentemente pelo genitivo do pronome pessoal μου<sup>145</sup>.

No quadro seguinte, baseando-nos no estudo de Charles Barret<sup>146</sup>, destacamos algum vocabulário muito comum no QE, quando comparando com os Evangelhos Sinópticos. Não iremos, contudo, repetir o vocabulário que adiante (capítulo II, ponto 1.2) será objeto do nosso estudo. Igualmente iremos poupar-nos quanto aos termos raros em João, os quais podem ser consultados na obra citada.

	Mateus	Marcos	Lucas	João
ἀλήθεια, ἀληθής, ἀληθινός	2	4	4	46
γινώσκειν	20	13(12)	28	57(56)
γραφή (sing.)	0	1	1	11
εἰμι (1ª sing. Pres.)	14	4	16	54
ἐργάζεσθαι, ἔργον	10(9)	3	3	35
ζωή	7	4	5	35(34)
Ἰουδαῖοι	5	6	5	67(66)
κόσμος	8	2	3	78
κρίνειν	6	0	6	19
καρτυρεῖν, μαρτυρία, μαρτύριον	4	6	5	47
παροιμία	0	0	0	4
πέμπειν	4	1	10	32

<sup>144</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 28-29.

<sup>145</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 38.

<sup>146</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 27.

τιθέναι ψυχὴν	0	0	0	8
Φανεροῦν	0	1	0	9
Φῶς	7	1	7(6)	23

Parece-nos útil também denotar a grande presença de termos de carácter judicial: julgar, juízo, dar testemunho, testemunho, acusar, acusação, confessar, declarar culpado, advogado ou defensor<sup>147</sup>.

Outra característica muito comum em João é a utilização de ὅτι (conj. “mas”) e ἵνα (conj. “a fim de que”) com valor epexegetico (explicativo). A segunda é ainda mais saliente em frases que carecem de um sentido de finalidade.

É, no mínimo, plausível a ideia de que certos termos ou construções frásicas de João são tomados do aramaico ou derivados desta língua, alguns são possíveis transliterações da língua semita e outros fruto de uma tradução incorreta<sup>148</sup>.

Estão presentes também sinais de uma estrutura poética, nomeadamente no prólogo (Jo 1, 1-18) e nos «discursos de adeus» (Jo 14 – 16), como os paralelismos e as aliterações. Existem também secções narrativas (por exemplo, Jo 6, 16-21), secções com diálogos ou controvérsias (por exemplo, Jo 8, 21-59) que, por vezes, terminam em discursos de Jesus (por exemplo, Jo 5, 19-57)<sup>149</sup>. De facto, os três recursos literários que mais se utilizam são:

- As controvérsias. Elas jogam com a ambivalência que caracteriza algumas das afirmações de Jesus e que confunde o interlocutor que as interpreta em função das convicções que permanecem no mundo. Conclui com Jesus a reformular e a precisar o sentido da revelação que havia feito, desfazendo os equívocos.

<sup>147</sup> Cf. Josep-Oriol Tuñí, Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 78.

<sup>148</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 32-33.

<sup>149</sup> Cf. Josep-Oriol Tuñí, Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 44-82.

- A linguagem simbólica que proporciona um acervo semântico necessário para a revelação. Normalmente verifica-se com a declaração “Eu sou” e o uso de noções como «água viva», «pão», «luz», «videira», «porta»...

- A ironia que aproveita a discrepância entre o sentido aparente de um acontecimento e o sentido oculto, que é na realidade o sentido verdadeiro<sup>150</sup> (patente, por exemplo, em Jo 4, 12; 7, 42)<sup>151</sup>.

### 3.4. *Características teológicas*

O prólogo do QE caracteriza-se por conceitos carregados de significado: o logos divino que traz luz e vida aos homens, em oposição ao poder das trevas; a verdade que é e traz Jesus, em oposição à mentira que se lhe opõe. Portanto, é característico deste Evangelho o mundo dualista de linguagem e de conceitos que, diferentemente dos Sinópticos, não é temporal, mas espacial: Jesus vem de cima, seus adversários de baixo; Jesus traz a vida, inclusive é a vida; quem se fecha a Ele caminha nas trevas; Jesus traz a verdade e inclusive é a verdade, o seu antagonista é o pai da mentira<sup>152</sup>.

Fator também a ter em conta para uma correta compreensão do Evangelho é o sucedido após a destruição do Templo de Jerusalém, por volta do ano 70 d.C., em que saduceus, zelotas e essênios perderam a sua importância, tendo ficado como grupo decisivo o dos fariseus, o que leva João a identificá-los como «os judeus»<sup>153</sup>. Importa, por isso, não ficar com a impressão enganosa de que este Evangelho é anti-judaico. Aliás, a estrutura literária do Evangelho é marcada por uma génese na cultura judaica. Veja-se, por exemplo, as referências às viagens de Jesus, por ocasião das festas judaicas, e ainda à preferência do Templo de Jerusalém como pano de fundo para o ensinamento e ação de Jesus<sup>154</sup>.

---

<sup>150</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 38.

<sup>151</sup> Para aprofundar mais este tema, ver: Raymond Brown, *El evangelio y las cartas de Juan* (Bilbao: Desclee de Brouwer, 2010), 29-32.

<sup>152</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 13.

<sup>153</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 13.

<sup>154</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 13-14.

É a partir dos discursos de despedida (capítulos 14 a 16) que o Evangelho de João apresenta o lugar teológico, a partir do qual se narra a história de Jesus: trata-se de uma anamnese que parte da fé pascal (Jo 2, 12.22; 12, 16; 13, 7; 20, 9), conduzida pelo Paráclito (Jo 14, 15-17.26; 15,26; 16, 7-11.13.15), único testemunha fiel e hermeneuta qualificado da vida de Jesus, ordenada a descobrir o sentido da encarnação, do mistério terreno, da paixão e da exaltação de Cristo, materializando-se no testemunho de Cristo encarnado e na conservação da fé em Jesus e defendendo a sua atualidade<sup>155</sup>.

Portanto, a pessoa de Jesus, a sua história e respetivo significado, são o objeto central do QE, o que faz dele um relato de carácter eminentemente cristológico, segundo o qual Jesus é apresentado fundamentalmente como o Revelador de Deus no mundo<sup>156</sup>. A centralidade deste tema não é partilhada sequer com o tema do Reino de Deus, ao contrário dos Evangelhos Sinópticos, que em João fica ausente com exceção de Jo 3, 3-8. Também ao contrário dos Sinópticos, aqui é o anunciador que passa a ser o anunciado, mas por si mesmo.

Interessante será também notar que, à exceção de Jo 21, 25, não há outro “eu” que não seja referido a Jesus. Este, além de se servir de diversos predicados para o caracterizar, surge por vezes, sem predicado algum, o que lhe sugere a apropriação do nome divino (cf. Jo 8, 21.24.28) ou que o narrador e a comunidade joanina são o mesmo que Jesus<sup>157</sup>.

Jesus é o revelador do Pai porque é, ao mesmo tempo, o Logos (Filho de Deus preexistente que vive em unidade com o Pai) que assume a carne (Jo 1, 14)<sup>158</sup>. É o enviado do Pai que o representa plenamente no mundo, pois, embora sendo diferente dele, «não pronuncia as suas palavras, mas as de seu Pai (Jo 3, 34; 14, 10; 17, 8.14); não realiza as suas próprias obras, mas as de seu Pai (Jo 4, 34; 5, 17.19ss.30.36<sup>159</sup>). Não cumpre a sua própria vontade, mas

---

<sup>155</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 47

<sup>156</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 47.

<sup>157</sup> Cf. Josep-Oriol Tuñí, Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 85.

<sup>158</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 48.

<sup>159</sup> E ainda: Jo 8, 28; 14, 10; 17, 24.34.

a de seu Pai (Jo 4, 34; 5, 30; 6, 38<sup>160</sup>). Somente quer ser a voz e a mão de Deus entre os homens»<sup>161</sup>.

Por Ele, Deus faz-se presente no meio da criação e da humanidade, é a Palavra de Deus feita carne e todas as suas palavras, ações, vida e morte, devem ser lidas a partir dessa afirmação primeira<sup>162</sup>. Para João, a fé é um encontro com Cristo, é o acolhimento de Jesus, Filho de Deus, como a perfeita revelação do Pai. Por isso, para entrar nesta vida de fé é preciso escutar a palavra de Jesus que é a Palavra de Deus; mas é preciso também ver e guardar as ações de Jesus, observar os seus sinais, contemplar a sua pessoa<sup>163</sup>. Mediante esta compreensão, natural será verificar a evidente aproximação e interesse das várias personagens por Jesus e pela verdade sobre a sua identidade: os discípulos do Batista (Jo 1, 37-42), Nicodemos (Jo 3, 1-2), os galileus (Jo 4, 45), os samaritanos (Jo 4, 40-42), os judeus (Jo 8, 25; 8, 53) e os gregos (Jo 12, 20-22) e os romanos (Jo 19, 9).

Jesus é um homem (Jo 4, 29; 5, 12; 7, 51<sup>164</sup>), filho de José (Jo 1, 45; 6, 42) natural de Nazaré. Está enquadrado numa sociedade da Palestina do séc. I que testemunha uma hostilidade entre judeus e samaritanos (Jo 4, 9), uma cultura religiosa judaica cheia de rituais e purificações (Jo 2, 6; 3, 25; 11, 55; 13, 4-5), de costumes fúnebres (Jo 11, 38.44; 12, 7; 19, 31.40), de proibições (Jo 18, 28; 19, 31), centrada em Jerusalém, cidade que está debaixo do jugo dos romanos (Jo 18, 18-31) e onde se deve acorrer nas festas de peregrinação (Jo 2, 13; 5, 1; 7, 2.10<sup>165</sup>), com os fariseus que desapreciam o povo simples (Jo 7, 49), com o Templo em reconstrução (Jo 2, 20), cheio de vendedores (Jo 2, 13-15). Jesus é um judeu (Jo 4, 9) que reage violentamente contra os abusos no Templo (Jo 2, 13-17), que se cansa (Jo 4, 6), que foge (Jo 6,

---

<sup>160</sup> E ainda: 10, 25.37.

<sup>161</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 48.

<sup>162</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 48.

<sup>163</sup> Cf. Ignace de la Potterie, *Studi di Cristologia Giovannica* (Génova: Marietti, 1992<sup>3</sup>), 292-293.

<sup>164</sup> E ainda: Jo 8, 40; 9, 11; 11, 47; 18, 17.29; 19, 5-7.

<sup>165</sup> E ainda: Jo 10, 22; 11, 55; 12, 20.

15) e se vê obrigado a esconder-se (Jo 8, 59; 12, 36b), que chora (Jo 11, 35.38), que sente angústia (Jo 12, 27) e sede (Jo 4, 7; 19, 28) <sup>166</sup>.

Mas Jesus é também aquele que trata Deus por Pai, fazendo-se a si mesmo igual a Ele (Jo 5,18), aquele que vem do céu e se faz próximo (Jo 6, 62) dos homens para dar testemunho do que viu e ouviu (Jo 3, 31c-32; 18, 37; 8, 18). «O envio do Filho há-de ser entendido como o amor de Deus em ato (Jo 3, 16)»<sup>167</sup>, e «assim, o amor leal que o Pai comunica a Jesus em plenitude é chamado, enquanto a sua manifestação o torna visível, “a glória” (Jo 1, 14), que revela a presença de Deus e estabelece a Jesus em seu santuário (Jo 2, 17.19). A morte de Jesus na cruz será, pois, a manifestação esplendida da “glória”, o amor leal de Deus pelo homem (Jo 17,1); aparece assim Jesus na cruz como o novo templo de Deus que substitui todo o templo»<sup>168</sup>.

João serve-se de diversos termos e símbolos que, em conexão profunda, expõem a única verdade: o incondicional amor de Deus pelo ser humano, realizado e manifestado na plenitude na entrega voluntária de Jesus pela humanidade, para libertá-la da morte e lhe comunicar a plenitude de vida que Deus, no seu projeto criador, lhe destina<sup>169</sup>. Importa ainda assinalar que a identidade de Jesus também é revelada por aqueles com quem se cruza, que tocados pela fé o confessam como o messias (Jo 1, 42; 11, 27); aquele sobre quem escreveu Moisés (Jo 1, 45); o Filho de Deus e rei de Israel (Jo 1, 49; 11, 27; 20, 31); o salvador do mundo (Jo 4, 42); o Santo de Deus (Jo 6, 69); o Senhor digno de fé e adoração (Jo 9, 38); Deus (Jo 20, 28); o enviado de Deus (Jo 11, 42; 17, 8.21); e aquele que é saído de Deus (Jo 16, 30).

Para terminar, apenas um apontamento sobre a imagem do Espírito Santo, em João<sup>170</sup>: Ele está em íntima relação com Jesus, pois é este quem batiza com o Espírito Santo (Jo 1, 33), o Espírito Santo repousa sobre Ele (Jo 1, 32-33), sem medida (Jo 3, 24), e as suas palavras são Espírito e vida (Jo 6, 61). Em João, a figura do Espírito Santo recebe um enlevo especial,

---

<sup>166</sup> Cf. Josep-Oriol Tuñí, Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 87.

<sup>167</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 48.

<sup>168</sup> Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 19923), 26.

<sup>169</sup> Cf. Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 19923), 27-28.

<sup>170</sup> Cf. Josep-Oriol Tuñí, Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 119-123.

nomeadamente no que toca à necessidade de ser batizado no Espírito (Jo 3, 3-8) e de ser adorador do Pai em Espírito e Verdade (Jo 4, 23; 4, 10). É, no entanto, nos discursos de despedida onde isto mais se evidencia<sup>171</sup>. Neles Ele é chamado de Paráclito, Espírito da verdade, Espírito Santo e conhece fundamentalmente as funções de dar testemunho de Jesus (Jo 15, 26) e conduzir os discípulos à verdade plena (Jo 16, 13). Ele é consolador (Jo 14, 16), mestre que ensina todas as coisas que Jesus disse (Jo 14, 26) e que anuncia as coisas futuras (Jo 16, 13) e manifestador da glorificação de Jesus (Jo 16, 14). Ele, com Jesus, procede do Pai e é enviado para junto dos homens. Se quisermos sintetizar «a diferença fundamental entre o Paráclito e Jesus é que a ação deste deu-se na *sarx* caduca e efémera do homem chamado Jesus. Ao contrário, o Paráclito, o Espírito, far-se-á presente nos discípulos, os consolará, os ajudará»<sup>172</sup> e, mesmo não sendo visível, os discípulos perceberão a sua presença (Jo 4, 16).

---

<sup>171</sup> Cf. Jo 14, 15-17; 14, 26; 15, 26; 16, 7-10 e 16, 7.13.

<sup>172</sup> Josep-Oriol Tuñí, Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas* (Navarra: Verbo Divino, 1995), 122.

## II. JO 15, 9-17: O TEXTO E SEUS CONTEXTOS

Este capítulo pretende ser uma primeira aproximação ao texto em estudo, no original grego, do qual apresentamos a nossa tradução<sup>173</sup>. Depois, propomos um estudo quantitativo do vocabulário da perícope, faremos uma justificação da delimitação textual, e a contextualização do texto em estudo, no conjunto do QE. Segue-se uma apresentação da estrutura do texto, de alguns lugares paralelos no Evangelho de João e no resto da Escritura e, finalmente, aludiremos aos temas principais da perícope que serão aprofundados no capítulo seguinte deste trabalho.

### 1. A perícope Jo 15, 9-17

Fazemos uma primeira aproximação ao texto, na sua versão grega<sup>174</sup>. Seguidamente, como acima dissemos, para a perícope de Jo 15, 9-17, apresentaremos a nossa própria tradução. Em nota de rodapé, justificamos as variantes face à tradução da Difusora Bíblica, fundamentando o motivo da nossa opção.

#### *1.1. Texto e tradução*

9 καθὼς ἠγάπησέν με ὁ Πατήρ, κἀγὼ ὑμᾶς ἠγάπησα· μέινετε ἐν τῇ ἀγάπῃ τῇ ἐμῇ.<sup>10</sup> ἐὰν τὰς ἐντολάς μου τηρήσητε, μενεῖτε ἐν τῇ ἀγάπῃ μου, καθὼς ἐγὼ τὰς ἐντολάς τοῦ Πατρὸς μου τετήρηκα καὶ μένω αὐτοῦ ἐν τῇ ἀγάπῃ. 11 Ταῦτα λελάληκα ὑμῖν ἵνα ἡ χαρὰ ἡ ἐμὴ ἐν ὑμῖν ᾗ καὶ ἡ χαρὰ ὑμῶν πληρωθῇ. 12 Αὕτη ἐστὶν ἡ ἐντολὴ ἡ ἐμὴ, ἵνα ἀγαπᾶτε ἀλλήλους καθὼς

---

<sup>173</sup> Para o resto do trabalho usaremos a tradução da Difusora Bíblica, a não ser que outra coisa convenha por interesse de estudo, e será devidamente assinalado.

<sup>174</sup> Eberhard Nestle, Erwin Nestle e Kurt Aland, *Novum Testamentum Graece* (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979), 300-301.



ἠγάπησα ὑμᾶς. 13 μείζονα ταύτης ἀγάπην οὐδεὶς ἔχει, ἵνα τις τὴν ψυχὴν αὐτοῦ θῇ ὑπὲρ τῶν φίλων αὐτοῦ. 14 ὑμεῖς φίλοι μου ἐστε, ἐὰν ποιῆτε ἃ ἐγὼ ἐντέλλομαι ὑμῖν. 15 οὐκέτι λέγω ὑμᾶς δούλους, ὅτι ὁ δοῦλος οὐκ οἶδεν τί ποιεῖ αὐτοῦ ὁ κύριος· ὑμᾶς δὲ εἵρηκα φίλους, ὅτι πάντα ἃ ἤκουσα παρὰ τοῦ Πατρὸς μου ἐγνώρισα ὑμῖν. 16 οὐχ ὑμεῖς με ἐξελέξασθε, ἀλλ' ἐγὼ ἐξελεξάμην ὑμᾶς καὶ ἔθηκα ὑμᾶς ἵνα ὑμεῖς ὑπάγητε καὶ καρπὸν φέρητε καὶ ὁ καρπὸς ὑμῶν μένη, ἵνα ὃ τι ἂν αἰτήσητε τὸν Πατέρα ἐν τῷ ὀνόματί μου δῶ ὑμῖν. 17 ταῦτα ἐντέλλομαι ὑμῖν, ἵνα ἀγαπᾶτε ἀλλήλους.

«9 Assim como o Pai me *amou*<sup>175</sup>, assim Eu *vos amei*<sup>176</sup> a vós. Permanecei no meu amor. 10 Se guardardes os meus mandamentos, *permanecereis*<sup>177</sup> no meu amor, assim como Eu, que *guardei*<sup>178</sup> os mandamentos do meu Pai, também permaneço no seu amor. 11 *Disse*<sup>179</sup>-vos estas coisas, para que esteja em vós a *minha*<sup>180</sup> alegria, e a vossa alegria seja completa. 12 É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. 13 Ninguém tem mais amor do que quem *dispõe*<sup>181</sup> a vida *em favor*<sup>182</sup> dos seus amigos. 14 Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. 15 Já <sup>183</sup>não vos chamo servos, visto que um servo não está ao

<sup>175</sup> ἠγάπησέν: verbo ἀγαπάω (amar), no indicativo aoristo ativo, terceira pessoa do singular. Na edição da Difusora Bíblica (Ed.DB), opta-se por utilizar o presente «tem amor».

<sup>176</sup> ἠγάπησα: verbo ἀγαπάω (amar), no indicativo aoristo ativo, primeira pessoa do singular. Na Ed.DB, opta-se por utilizar o presente «amo».

<sup>177</sup> μενεῖτε: verbo μένω (permanecer, esperar), no indicativo futuro ativo, segunda pessoa do plural. Na Ed.DB, opta-se por utilizar o presente «permaneceis».

<sup>178</sup> τητήρηκα: verbo τηρέω (guarda, observar, vigiar) no pretérito perfeito indicativo ativo, primeira pessoa do singular. Na Ed.DB, opta-se por utilizar o presente «tenho guardado». A necessária simultaneidade com μένω mostra tratar-se de um perfeito extensivo até ao presente: cf. Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 1992<sup>3</sup>), 662.

<sup>179</sup> λελάληκα: verbo λαλέω (falar, tagarelar) no indicativo perfeito ativo, primeira pessoa do singular. Uma tradução literal apresentaria como «(acabei de) dizer/disse». É diferente da opção tomada na Ed.DB, «manifestei-vos»: διαδηλόω (tornar evidente, expor claramente), ou σαφηνίζω (esclarecer, mostrar).

<sup>180</sup> ἡ χαρὰ ἡ ἐμὴ: pode ter um sentido exclusivo ou meramente característico, como neste caso; cf. Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 1992<sup>3</sup>), 662.

<sup>181</sup> θῇ: verbo τίθημι (pôr, colocar, dispor, expor, depositar a um lado para si, determinar, instituir), no aoristo conjuntivo ativo, terceira pessoa do singular. Na Ed.DB, opta-se em utilizar o verbo «dar».

<sup>182</sup> ὑπέρ: preposição (em nome de). Na Ed.DB, opta-se em utilizar «pelos».

<sup>183</sup> οὐκέτι: advérbio (não mais). Comumente, traduz-se por «não mais» ou «já não», mas também se usa como negação enfática «Não, não vos chamo servos» (cf. Jo 21,6; Mc 5,3). Jesus nunca chamou servos aos seus; o termo apareceu somente em um provérbio (13,16; 15,20), no entanto chamou «nosso amigo» a Lázaro (11, 11; cf. 11, 3) e se classificou de amor a relação entre Jesus e os três irmãos, figuras de discípulos (11, 5), e entre Jesus e os discípulos em geral (13, 1.34; 14, 15.21; 15, 9, etc.). O domínio próprio de senhor (correlativo com o de servo) ficou excluído no lava-pés (13, 14) e novamente neste versículo. Cf. Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 1992<sup>3</sup>), 663.

corrente do que faz o seu senhor; mas a vós *chamei-vos*<sup>184</sup> amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi *da parte*<sup>185</sup> *de*<sup>186</sup> meu Pai. 16 Não fostes vós que me escolhestes: *mas*<sup>187</sup> fui eu que vos escolhi a vós e vos *destinei*<sup>188</sup> a *que vades*<sup>189</sup> e a *que deis (produzais)*<sup>190</sup> fruto, e o *vosso*<sup>191</sup> fruto permaneça; e assim<sup>192</sup>, tudo o que peçais<sup>193</sup> ao Pai em meu nome Ele vo-lo concederá<sup>194</sup>. 17 É isto o que vos mando: que vos ameis uns aos outros».

## 1.2. A perícope em números

Expõe-se de seguida uma tabela gramatical referente a Jo 15, 9-17, onde assinalamos numericamente os componentes gramaticais da perícope.

Nomes	20
Verbos	34
Artigos	21
Conjunções	18
Pronomes	46
Preposições	7
Adjetivos	6
Advérbios	6
Partículas	1

<sup>184</sup> εἰρηκα: verbo λέγω (perguntar, chamar) no indicativo perfeito ativo, terceira pessoa do singular. É um perfeito extensivo até ao presente: «chamo-vos». Cf. Juan Mateos, Juan Barreto, *El Evangelio de Juan* (Madrid: Cristiandad, 1992<sup>3</sup>), 663.

<sup>185</sup> παρά: preposição (ao lado, na presença de), substituída na Ed.DB por «ao». A Tradução Ecuménica da Bíblia traduz por «junto de».

<sup>186</sup> τοῦ Πατρὸς: está no genitivo. Corresponde a um complemento determinativo, pedido pela preposição «παρά» (+ genitivo).

<sup>187</sup> ἀλλ': conjunção ἀλλά (mas, exceto), omitida na Ed.DB.

<sup>188</sup> ἔθηκα: verbo τίθημι (pôr, colocar, dispor, expor, depositar a um lado para si, determinar, instituir) no aoristo indicativo ativo, primeira pessoa do singular. Os documentos P 66 Θ 892<sup>s</sup> al substituem-no por «δώσει υμῖν»: «Δώσει»: verbo δίδωμι (dar, oferecer, servir, procurar, entregar, consentir), no futuro indicativo ativo, terceira pessoa do singular.

<sup>189</sup> ὑπάγητε: verbo ὑπάγω (ir embora, partir, morrer) no presente do conjuntivo ativo, segunda pessoa do plural. Na Ed.DB, opta-se por utilizar «ir».

<sup>190</sup> Φέρετε: verbo φέρω (levar, produzir, ter, oferecer, transportar, conduzir), no conjuntivo presente ativo, segunda pessoa do plural. Na Ed.DB, opta-se por utilizar o infinitivo «dar».

<sup>191</sup> ὑμῶν: pronome possessivo, no genitivo da segunda pessoa do plural. Na Ed.DB, omite-se.

<sup>192</sup> ὅ τι: conjunção ὅτι (que, porque). Traduzida aqui como na Ed.DB.

<sup>193</sup> αἰτήσητε: verbo αἰτέω (pedir, rogar), no aoristo conjuntivo ativo, na segunda pessoa do plural. Na Ed.DB, opta-se por utilizar «pedirdes».

<sup>194</sup> δῶ: verbo δίδωμι (dar, oferecer, servir, procurar, entregar, consentir), no aoristo conjuntivo ativo, terceira pessoa do singular. Na Ed.DB, opta-se por utilizar o futuro «concederá».

Total	159
-------	-----

Igualmente, salientamos os componentes gramaticais mais frequentes na perícope:

ἀγαπάω	Verbo «amar»	5
Πατήρ	Nome «Pai»	4
ἀγάπη	Nome «amor»	4
Μένω	Verbo «permanecer»	4
ἐντολή	Nome «mandamento»	3
Φίλος	Adjetivo «amigo»	3
ἐντέλλομαι	Verbo «mandar»	2
Τηρέω	Verbo «guardar»	2
Χαρά	Substantivo «alegria»	2
δοῦλος	Adjetivo «escravo»	2

Ainda que o vocabulário de João seja bastante reduzido, muitos dos termos mais frequentes são comparativamente raros nos Evangelhos Sinópticos<sup>195</sup>. Parece-nos interessante, entre os termos mais frequentes nesta perícope, salientar alguns para um estudo comparativo entre João e os três Evangelhos Sinópticos:

	Mateus	Marcos	Lucas	João
Ἀγαπάω (ἀγαπᾷν), ἀγάπη	9	6 (5)	14	44
Μένω (μένειν)	3	2	7	40
Πατήρ (referido a Deus)	45 (44)	4	17 (16)	18
Τηρέω (τηρεῖν)	6	1 (0)	0	18
Φίλος (φίλειν)	5	1	2	13 <sup>196</sup>

Podemos concluir que, nesta perícope, o tema do amor está largamente presente, cinco vezes na forma verbal e quatro na forma substantivada. De resto, se compararmos o Evangelho segundo João com os Evangelhos Sinópticos, também notamos a ampla utilização desta

<sup>195</sup> Cf. Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 27.

<sup>196</sup> Maurice Goguel, *Le Quatrième Évangile (Introduction au Nouveau Testament, II)*, 1924, 224s, apud Charles Kingsley Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 27.

temática no QE. Chamamos também a atenção para o número de utilizações do verbo “permanecer” no QE, 40 vezes, um número bastante superior ao dos Evangelhos Sinópticos.

## **2. Um texto delimitado e articulado**

Um excerto textual aparece sempre integrado num texto mais amplo, em estreita ligação com o referido texto, mas sem perder a sua identidade e singularidade.

Apresentamos agora a delimitação da perícope do nosso estudo. Seguidamente, expomos a sua contextualização no corpo do QE.

### *2.1. Delimitação da perícope*

No esquema do QE, que apresentaremos adiante, designámos os capítulos 14 – 17 como “discursos de despedida”. Poderemos denotar ainda que Jo 14, 1-31 aparece como um primeiro discurso de despedida, onde a temática é a partida de Jesus que aparece indubitavelmente interrompida com a expressão «Levantai-vos, vamo-nos daqui» (Jo 14, 31c), assinalando uma mudança espacial dos personagens. O capítulo 15 aparece, por isso, independente do anterior, pelo menos ao nível espacial, embora não se contextualize explicitamente o espaço onde a trama passa a desenvolver-se.

A divisão textual dentro do capítulo 15 é bastante díspar, no vasto leque de comentadores. A opção por delimitar o microtexto entre os versículos 9 e 17 advém da metodologia utilizada por alguns autores, entre os quais Herman Ridderbos. Essa divisão é também utilizada pela tradução do Evangelho de João, na Bíblia da Difusora Bíblica.

Nessa multiplicidade de divisões do capítulo 15, alguns dos exegetas apoiam uma unidade literária de 15, 1 – 16, 4a, dividindo 16, 4 em duas partes (16, 4a como uma conclusão da unidade literária, e 16, 4b como uma abertura da secção final do discurso propriamente dito: 16, 4b-31). Outros há que, vendo 16, 3 como um importante corte, definem 16, 4 como a introdução de uma nova secção (16, 4-33), ficando assim dividido: Jo 15, 1 – 16, 3. Outros

ainda limitam os versículos 1-11 como um desenvolvimento do tema “permanecer” e os versículos 12-17 como uma inclusão sobre o mandamento do amor [“Este é o meu mandamento, que vos ameis uns aos outros”(v. 12); “Isto é o que vos mando, que vos ameis uns aos outros” (v. 17)], delimitado aqui pelo facto de, desde o v. 18 até 16, 3, tratar do tema do ódio e da rejeição<sup>197</sup>. Além destas opções, parece-nos de relevante interesse as apresentadas por Raymond Brown, que considera Jo 15, 1-17 como uma só unidade literária<sup>198</sup>, e por Jean Zumstein, que divide Jo 15, 9-11 como “Permanecer no amor de Cristo” e Jo 15, 12-17 como “O mandamento do amor”<sup>199</sup>.

Para o nosso estudo, apenas iremos focar-nos em Jo 15, 9-17: o que Herman Ridderbos delimita com as próprias palavras do Evangelho «permanecei no meu amor»<sup>200</sup>, que Johannes Beutler define por «o mandamento do amor»<sup>201</sup>, Georges Zevini por «permanecer unidos na amizade e no amor»<sup>202</sup> e ainda, entre nós, Bernardo Corrêa d’Almeida sintetiza por «o mandamento: amor recíproco»<sup>203</sup>.

Joaquim Correia das Neves apresenta também estes 9 versículos como «outra unidade literária»<sup>204</sup> que não deixa de notar uma dependência dos versículos 1 a 8, nos quais o Jesus joanino, com a alegoria da videira e dos ramos, sublinha a necessidade dos discípulos permanecerem unidos a Jesus como um só com Ele. Todavia, a metáfora da videira, que domina o discurso até ao v. 8, não volta a ser utilizada (a não ser na alusão que lhe é feita no “dar fruto”, presente no v. 16). Nesses oito versículos, o verbo μένειν aparece sete vezes. Agora, nos vv. 9-17, abre-se um novo campo de significância: do μέινετε ἐν ἐμοί - “permanecei em mim” - videira (v. 4), agora diz-se: μέινετε ἐν τῇ ἀγάπῃ τῇ ἐμῇ - “permanecei no meu amor” - Jesus

<sup>197</sup> Cf. Francis J. Moloney, *El Evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2005), 427.

<sup>198</sup> Cf. Raymond Brown, *El evangelio según Juan. XIII – XXI* (Madrid: Cristiandad, 2000), 1000-1001.

<sup>199</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 131-141. Para outras opções de divisão, ver: Thomas Brodie, *The Gospel According to John* (Oxford: Oxford University, 1993), 475.

<sup>200</sup> Cf. Herman N. Ridderbos, *The Gospel according to John* (Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997), v-xi.

<sup>201</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentário al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 376.

<sup>202</sup> Georges Zevini, *Commentaire spirituel de l'évangile de Jean - 2* (Paris: Médiaspaul, 1996), 110.

<sup>203</sup> Bernardo Corrêa d’Almeida, *A vida numa Palavra* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2012), 212.

<sup>204</sup> Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 233.

(v. 9)<sup>205</sup>, arrastando consigo novas implicações: o amor tem as suas exigências que se desdobram necessariamente em mandamentos, algo três vezes saliente nesta secção dos vv. 9-17 que termina com o verbo mandar<sup>206</sup>. Raymond Brown encaixa a nossa perícopa na parte explicativa do *mashal*, o qual delimita por Jo 15 1-17<sup>207</sup>.

A metáfora da videira não deixa, como tal, de servir de substrato e chave de leitura dos versículos 9-17: «serve como veículo para articular a importância do permanecer»<sup>208</sup>. Ela mantém-se presente de forma implícita como fonte de comparação entre a permanência dos ramos na videira e a permanência dos discípulos no amor de Jesus, o que para ambos é fonte de vitalidade. Além disso, reinterpreta-se a figura do agricultor que agora é identificada com o Pai: «assim como o v. 1 se refere a quem plantou a videira, então aqui a afirmação de abertura é “assim como o Pai me tem amor, assim eu vos amo a vós”»<sup>209</sup>. Os versículos 1-8 encontram nos versículos 9-17 uma história paralela que é uma espécie de reinterpretação do tema do permanecer, agora à luz de uma nova categoria: o amor.

O v. 9 introduz uma nova tese: «o chamamento a permanecer no amor de Jesus (v. 9b: imperativo) fundamenta-se no amor que Jesus tem aos seus (v. 9aβ: indicativo), o qual é causado por sua vez pelo amor que o Pai tem ao Filho (v. 9aα)»<sup>210</sup>. «O v. 9 reformula a relação Pai/agricultor – Filho/vide do v. 1, apresentando-a como uma relação de amor. Esta característica reenvia ao coração da revelação joanina: ao fazer objeto do seu amor a pessoa histórica de Jesus, Deus revela qual é o seu rosto para o mundo: o da solicitude atenta e da generosidade. Com isto, o encadeamento “como” (καθώς)/“eu também” indica que o amor do

---

<sup>205</sup> Cf. Charles Harold Dodd, *Interpretacion del cuarto evangelio* (Madrid: Ediciones Cristianas, 2004), 474.

<sup>206</sup> Cf. Joaquim correia das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 233.

<sup>207</sup> Cf. Raymond Brown, *El evangelio según Juan. XIII – XXI* (Madrid: Cristiandad, 2000), 1018-1025.

<sup>208</sup> Francis J. Moloney, *El Evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2005), 428.

<sup>209</sup> Herman N. Ridderbos, *The Gospel according to John* (Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997), 519. O texto citado pelo autor encontra-se no versículo 9.

<sup>210</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 131.

Pai pelo Filho é fundamento e modelo do amor do Filho com os seus discípulos<sup>211</sup>. O duplo aoristo (ἡγάπησέν/ἡγάπησα) salienta o carácter realizado e definitivo desse amor»<sup>212</sup>.

O v. 10 faz um comentário ao v. 9, apontando o guardar os mandamentos como o critério para permanecer no amor de Jesus, comparando novamente a relação entre os discípulos e Ele com a relação entre Ele e o Pai<sup>213</sup>.

O v. 11 justifica o motivo de toda a exortação, isto é, que a alegria deles seja completa, motivo pelo qual já não os chama servos, mas amigos (v. 15).

O v. 12 fala, não já de mandamentos, no plural, mas de mandamento, no singular. Nesse se resumem todos os outros, o que se concretiza naquilo que aponta o v. 13 como ideal da verdadeira amizade – dar a vida pelos amigos – e ainda no apontado no v. 14 – fazer aquilo que lhes manda.

O v. 15 mostra que essa relação de amizade nasce da iniciativa de Jesus, daquilo que Ele lhes transmite e ainda do cumprimento por eles daquilo que Lhes pede para que deem fruto (v. 16). A conclusão surge no v. 17, com um relembrar do mandamento do amor.

Do v. 9 ao v. 17, a unidade da perícopa sente-se assegurada pelo tema da permanência no amor de Jesus que «tem a sua fonte e energia no amor com o qual o Pai amou o Filho “dando-lhe” a salvação do mundo»<sup>214</sup>. Esta estabilidade do tema, das personagens (discípulos/amigos-Jesus-Pai) e da finalidade dos mandamentos (alegria completa e dar fruto que permaneça) é quebrada pelo v. 18, onde se introduz o tema antagónico do “ódio do mundo aos discípulos”. «Ao longo de vv. 1-17, o foco está na comunhão íntima que une Jesus com os discípulos como

---

<sup>211</sup> Cf. Herman N. Ridderbos, *The Gospel according to John* (Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997), 519, nota de rodapé n. 126 que envia para a p. 476, nota de rodapé n. 88. A própria partícula καθώς (e+como/e+para-que/a-fim-de-que), que a tradução da Difusora Bíblica apresenta como “assim como”(v. 9), pode ter um sentido comparativo ou um sentido causal (Cf. BDR § 453<sup>2</sup>), sendo que no segundo caso indica que a segunda cláusula não é paralela à primeira, mas declara o propósito [fim] do καθώς (cf. Bultmann, *Comm* ..., p. 525, n. 5). A segunda cláusula, desta forma, ganha uma posição mais independente face à primeira com o seu novo começo.

<sup>212</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 132.

<sup>213</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 131.

<sup>214</sup> Herman N. Ridderbos, *The Gospel according to John* (Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997), 519.

seus amigos. Mas agora a ênfase primordial está na hostilidade que será dirigida contra os discípulos após a partida de Jesus.

No entanto, neste mesmo contraste reside a conexão entre as duas seções, como é especificamente claro da referência, no v. 19, ao assunto da eleição dos discípulos, mencionado já no v. 16. É o privilégio de ser escolhido por Jesus fora do mundo que é a razão do mundo para odiá-los (vv. 18-21). O motivo de hostilidade permanece central no que se segue, primeiro em seu caráter indesculpável (vv. 21-25), depois, como uma advertência aos discípulos, na sua qualidade como uma ameaça letal (em 16, 1-ss)»<sup>215</sup>.

## *2.2. A perícope contextualizada no Evangelho de João*

O Evangelho de João pode considerar-se de estrutura simples, ainda que com complexos detalhes. Para a maioria dos investigadores, ele está claramente dividido em quatro partes, mais um apêndice. Importa ter uma percepção geral do QE para que se possa perceber Jo 15, 9-17, no seu contexto. Para isso, se apresenta o seguinte esquema<sup>216</sup>, de onde se destaca a secção dos discursos de despedida, por nela se inserir a perícope em estudo.

### **Jo 1, 1-18: Prólogo**

### **Jo 1, 19 – 12, 50: Livro dos Sinais**

Jo 1, 19-51: Preparação para o Ministério Público de Jesus

Jo 2 – 4: De Caná a Caná: A Revelação da Glória de Jesus

Jo 5 – 6: A autorrevelação de Jesus como filho de Deus e Pão da Vida, Resistência dos «Judeus»

Jo 7 – 10: Quem é Jesus?

Jo 11 – 12: Prelúdio da Narrativa da Paixão

---

<sup>215</sup> Herman N. Ridderbos, *The Gospel according to John* (Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997), 522-523.

<sup>216</sup> Cf. Herman N. Ridderbos, *The Gospel according to John* (Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997), v-xi.



### **Jo 13, 1 – 19, 42: O livro da Paixão**

13: As Conversas da Última Ceia com os Discípulos

14 – 17: Os discursos de despedida

14, 1-31: A partida de Jesus: um discurso de alegria, não de tristeza

15, 1-8: «Eu sou a verdadeira vide»

15, 9-17: «*Permanecei no meu amor*»

15, 18 – 16, 15: A hostilidade do mundo e a testemunha do Paráclito

16, 16-33: «Vós haveis de me ver novamente», «A tristeza converter-se-á em alegria»

17, 1-26: Oração de despedida

18 – 19: O Sofrimento e a Morte de Jesus

### **Jo 19, 42 – 21, 25: Conclusão**

20: O Túmulo Vazio e as Aparições do Ressuscitado

21: A Aparição de Jesus no Mar de Tiberíades e a Conclusão do Evangelho

### **3. Estrutura do texto**

Uma primeira leitura do texto permite concluir que ele é composto por dois grandes conjuntos temáticos<sup>217</sup> que nos apraz sintetizar nas próprias palavras do Evangelho:

vv. 9-11	«Permanecei no meu amor» (Jo 15, 9).
vv. 12-17	«É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros» (Jo 15, 12).

Tal estrutura fundamenta-se num conjunto de fenómenos literários que, de seguida, apresentamos.

---

<sup>217</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 131-141.

Os versículos 9-11 operam uma transição entre 1-8 e 9-17. Eles realizam uma segunda interpretação dos vv. 1-4, que já não se desenrola num registo metafórico, mas numa linguagem teológica<sup>218</sup>.

Podemos notar que os versículos 9 e 10 estão construídos seguindo uma estrutura concêntrica, isto é, apresentam uma inclusão textual<sup>219</sup>:

v. 9a. «Assim <i>como</i> Pai me amou»,	A
v. 9b. «assim <i>eu</i> vos amei a vós».	B
[v. 9c. «Permanecei no meu amor»].	C
v. 10a. «Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no <i>meu</i> amor»,	B'
v. 10b. «assim <i>como</i> Eu, que guardei os mandamentos do meu Pai, também permaneço no seu amor».	A'

Enquanto o v. 9c formula o imperativo, a chamada a permanecer no amor de Jesus, o v. 11 conclui com o objetivo final (ἵνα) de tal exortação, a plenitude da alegria:

v. 9c. «Permanecei no meu amor»
v. 11. «Disse-vos estas coisas, <i>para que</i> esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa».

Os vv. 12 e 17 constroem uma inclusão textual<sup>220</sup>:

v. 12. «É este o meu mandamento»	A
v. 12. «que vos ameis uns aos outros»	B
[v. 12. «como eu vos amei».]	C
v. 17. «É isto que vos mando:	A'
v. 17. «que vos ameis uns aos outros».	B'

<sup>218</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 131.

<sup>219</sup> Cf. Yves Simoens, *Selon Jean – 3. Une interpretation* (Bruxelles: Institut d'Études Théologiques, 1997), 639.

<sup>220</sup> Cf. Yves Simoens, *Selon Jean – 3. Une interpretation* (Bruxelles: Institut d'Études Théologiques, 1997), 641.

Dentro desta inclusão se inserem os seguintes elementos: «a) o mandamento do amor fundado cristologicamente (v. 12) constitui o ponto de partida da argumentação; b) o v. 13 proporciona um primeiro comentário do v. 12, precisando o que é que deve entender-se por “amor maior”; c) um segundo comentário detalhado dedica-se a definir a noção de “amigos” (v.14-16); d) o v. 17 conclui a passagem repetindo o mandamento do amor mútuo»<sup>221</sup>. Apenas assinalamos uma estrutura emparelhada que surge aqui pelo meio<sup>222</sup>:

v. 15. «Já <i>não</i> vos chamo servos,»	(-)	A
v. 15. «visto que um servo <i>não</i> está ao corrente do que faz o seu senhor;»	(-)	B
v. 15. «mas a vós <i>chamei-vos</i> amigos,»	(+)	A'
v. 15. «porque vos <i>dei a conhecer</i> tudo o que ouvi da parte de meu Pai»	(+)	B'

#### 4. Lugares paralelos de Jo 15, 9-17

Embora o Evangelho de João não se enquadre no grupo dos Evangelhos Sinópticos, o que desde logo facilitaria encontrar passagens quase iguais, podemos observar entre ele e estes algumas relações temáticas. Na perícope que aqui se estuda, isso não é exceção. No quadro seguinte, apresenta-se uma resenha, embora não exaustiva, de lugares paralelos à temática de cada versículo desta perícope. Como metodologia de apresentação, tentarei não repetir as citações de lugares paralelos, ainda que estas pudessem ser feitas em relação a mais que um dos versículos da perícope que estamos a estudar. Apresentarei primeiramente os lugares paralelos da passagem em estudo nos Escritos Joaninos, e, seguidamente, os lugares paralelos no resto da Sagrada Escritura.

<sup>221</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 135.

<sup>222</sup> Cf. Yves Simoens, *Selon Jean – 3. Une interpretation* (Bruxelles: Institut d'Études Théologiques, 1997), 641.

Jo 15, 9-17	Lugares paralelos em João
v. 9: Assim como o Pai me amou, assim Eu vos amei a vós. Permanecei no meu amor.	Jo 3, 35: «O Pai ama o Filho e entregou tudo na sua mão».   Jo 5, 20: «De facto, o Pai ama o Filho e mostra-lhe tudo o que Ele mesmo faz; e há-de mostrar-lhe obras maiores do que estas, de modo que ficareis assombrados».   Jo 6, 45: «Todo aquele que escutou o ensinamento que vem do Pai e o entendeu vem a mim».   1Jo 2, 28: «E agora, filhinhos, permanecci nele, para que, quando Ele se manifestar, tenhamos plena confiança e não fiquemos cheios de vergonha, longe dele, por ocasião da sua vinda».   1Jo 4, 15-16: «Quem confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus. Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele».
v. 10: Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como Eu, que guardei os mandamentos do meu Pai, também permaneço no seu amor.	Jo 1, 12: «Mas, a quantos o receberam, aos que nele crêem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus».   Jo 1, 18: «A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer».   Jo 4, 34: «Declarou-lhes Jesus: “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra”».   Jo 6, 57: «“Assim como o Pai que me enviou vive e Eu vivo pelo Pai, também quem de verdade me come viverá por mim”».   Jo 8, 29: «“E aquele que me enviou está comigo. Ele não me deixou só, porque faço sempre aquilo que lhe agrada”».   Jo 12, 44: «“Quem crê em mim não é em mim que crê, mas sim naquele que me enviou; e quem me vê a mim vê aquele que me enviou”».   Jo 14, 20-21: «“Nesse dia, compreenderéis que eu estou no meu Pai, e vós em mim, e Eu em vós. Quem recebe os meus mandamentos e os observa esse é que me tem amor; e quem me tiver amor será amado por meu Pai, e Eu o amarei e hei-de manifestar-me a ele”».   Jo 14, 23: «“Se alguém me tem amor, há-de guardar a minha palavra; e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada”».   Jo 14, 31: «“mas o mundo tem de saber que Eu amo o Pai e atuo como o Pai me mandou. Levantai-vos, vamo-nos daqui!”».   Jo 16, 27: «“pois é o próprio Pai que vos ama, porque vós já me tendes amor e já credes que Eu saí de Deus”».   Jo 17, 23-24: «“Eu neles e tu em mim, para que cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim. Pai, quero que onde Eu estiver estejam também comigo aqueles que Tu me confiaste, para que contemplem a minha glória, a glória que me destes, por me teres amado antes da criação do mundo”».   1Jo

	2, 5: «Ao passo que quem guarda a sua palavra, nesse é que o amor de Deus é verdadeiramente perfeito; por isto reconhecemos que estamos nele».   1Jo 24: «Quanto a vós, procurai que em vós permaneça o que ouvistes desde o princípio. Se em vós permanecer o que desde o princípio ouvistes, também vós permanecereis no Filho e no Pai».   1Jo, 3, 24: «Aquele que guarda os seus mandamentos permanece em Deus e Deus nele; e é por isto que reconhecemos que Ele permanece em nós: graças ao Espírito que nos deu».
v. 11: Disse-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa.	Jo 3, 29: «“O esposo é aquele a quem pertence a esposa; mas o amigo do esposo, que está ao seu lado e o escuta, sente muita alegria com a voz do esposo. Pois esta é a minha alegria! E tornou-se completa!”»   Jo 16, 24: «“Até agora não pedistes nada em meu nome; pedi e recebereis. Assim, a vossa alegria será completa”».   Jo 17, 13: «“Mas agora vou para ti e, ainda no mundo, digo isto para que eles tenham em si a plenitude da minha alegria”»   1Jo 1, 4: «Escrevemos-vos isto para que a nossa alegria seja completa».   2Jo 12: «Apesar de ter muitas coisas a escrever-vos, não quis fazê-lo com papel e tinta, mas espero ir ter convosco e falar de viva voz, para que a nossa alegria seja completa».
v. 12: É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei.	Jo 13, 34: «Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei».   1Jo 2, 6: «Quem diz que permanece em Deus também deve caminhar como Ele caminhou».   1Jo 4, 7: «Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus».
v. 13: Ninguém tem mais amor do que quem dispõe a vida em favor dos seus amigos.	Jo 10, 11: «Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas».   Jo 10, 14-15: «“Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me, assim como o Pai me conhece e Eu conheço o Pai; e ofereço a minha vida pelas ovelhas”».   Jo 17: todo o capítulo.   1Jo 3, 16: «Foi com isto que ficamos a conhecer o amor: Ele, Jesus, deu a sua vida por nós; assim também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos».
v. 14: Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando.	Jo 8, 31: «Então, Jesus pôs-se a dizer aos judeus que nele tinham acreditado: “Se permanecerdes fiéis à minha mensagem, sereis verdadeiramente meus discípulos”».   Jo 14, 15: «“Se me tendes amor, cumprireis os meus mandamentos, e Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode

	<p>receber, porque não o conhece; vós é que o conheceis, porque permanece junto de vós, e está em vós”».   1Jo 2, 3-5: «Sabemos que o conhecemos por isto: se guardamos os seus mandamentos. Quem diz: “Eu conheço-o”, mas não guarda os seus mandamentos é um mentiroso e a verdade não está nele; ao passo que quem guarda a sua palavra, nesse é que o amor de Deus é verdadeiramente perfeito; por isto reconhecemos que estamos nele. Quem diz que permanece em Deus também deve caminhar como Ele caminhou».   1Jo, 4, 21: «E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão».   1Jo 5, 2-3: «É por isto que reconhecemos que amamos os filhos de Deus: se amamos a Deus e cumprimos os seus mandamentos; pois o amor de Deus consiste precisamente em que guardemos os seus mandamentos».</p>
<p>v. 15: Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi da parte de meu Pai.</p>	<p>Jo 3, 16-18: «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna. / De facto, Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele. Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no Filho Unigénito de Deus».   Jo 8, 26: «“Mas do que falo ao mundo é do que ouvi àquele que me enviou, que é verdadeiro”».   Jo 12, 50: «“E Eu bem sei que este seu mandato traz consigo a vida eterna; por isso, as coisas que Eu anuncio, anuncio-as tal como o Pai as disse a mim”».   Jo 17, 6-7: «Jesus respondeu: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim. Se ficardes a conhecer-me, conhecereis também o meu Pai. E já o conheceis, pois estais a vê-lo”».   Jo 17, 26: «“Eu dei-lhes a conhecer quem Tu és e continuarei a dar-lhes a conhecer, a fim de que o amor que me tiveste esteja neles e Eu esteja neles também”».   Jo 12, 26: «“Se alguém me serve, que me siga, e onde Eu estiver, aí estará também o meu servo. Se alguém me servir, o Pai há-de honrá-lo”».   1Jo 1, 2-3: «Vos anunciamos a Vida eterna que estava junto do Pai e que se manifestou a nós o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo».   1Jo 2, 23: «Todo aquele que nega o Filho fica sem o Pai; aquele que confessa o Filho tem também o Pai».   1Jo 3, 1: «Vede que amor tão grande o Pai nos concedeu, a ponto de nos podermos chamar</p>

	<p>filhos de Deus; e, realmente, o somos!».   1Jo 4, 7-8: «Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor».   Ap 1, 1: «Revelação de Jesus Cristo. Deus encarregou-o de manifestar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer e que Ele comunicou pelo anjo que enviou ao seu servo João».</p>
<p>v. 16: Não fostes vós que me escolhestes: mas fui eu que vos escolhi a vós e vos destinei a que vades e a que deis (produzais) fruto, e o vosso fruto permaneça; e assim, tudo o que peçais ao Pai em meu nome Ele vo-lo concederá.</p>	<p>Jo 6, 37: «Todos os que o Pai me dá virão a mim; e quem vier a mim Eu não o rejeitarei».   Jo 6, 70: «Disse-lhes Jesus: “Não vos escolhi Eu a vós, os Doze? Contudo, um entre vós é um diabo”».   Jo 13, 18: «Não me refiro a vós. Eu bem sei quem escolhi, e há-de cumprir-se a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim o calcanhar».   Jo 14, 12-14: «“Em verdade, em verdade vos digo: ‘quem crê em mim também fará as obras que Eu realizo; e fará obras maiores do que estas, porque Eu vou para o Pai, e o que pedirdes em meu nome Eu o farei, de modo que, no Filho, se manifeste a glória do Pai. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, Eu o farei’”».   Jo 15, 5: «“Quem permanece em mim e Eu nele, esse dá muito fruto, pois, sem mim, nada podeis fazer”».   Jo 15, 7-8: «“Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes, e assim vos acontecerá. Nisto se manifesta a glória de meu Pai: em que deis muito fruto e vos comporteis como meus discípulos”».   Jo 15, 19: «“Se viésseis do mundo, o mundo amaria o que é seu; mas, como não vindes do mundo, pois fui Eu que vos escolhi do meio do mundo, por isso é que o mundo vos odeia”».   Jo 16, 23-24: «“Nesse dia, já não me perguntareis nada. Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes alguma coisa ao Pai em meu nome, Ele vo-la dará. Até agora não pedistes nada em meu nome; pedi e recebereis. Assim, a vossa alegria será completa”».   1Jo 4,10-11: «É nisto que está o amor de Deus: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação dos nossos pecados. Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros».   1Jo 5, 14-15: «Esta é a plena confiança que nele temos: se lhe pedimos alguma coisa segundo a sua vontade, Ele ouve-nos. E, dado que sabemos que nos vai ouvir em tudo o que lhe pedimos, estamos seguros de que obteremos o que lhe pedimos».</p>

v. 17: É isto o que vos mando: que vos ameis uns aos outros».	Jo 13, 34: «“Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei”».   Jo 15, 12: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei».   1Jo 3, 11: «Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é esta: que nos amemos uns aos outros».   1Jo 3, 14: «Nós sabemos que passámos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama, permanece na morte».   1Jo 4, 21: «E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão».   2Jo 1, 5: «E agora rogo-te, Senhora - e não como quem te escreve um mandamento novo, mas sim aquele mandamento que temos desde o princípio - que nos amemos uns aos outros».   3Jo 5-6: «Caríssimo, em tudo o que fazes aos irmãos, mesmo sendo estrangeiros, tu procedes como é próprio de um fiel. Eles deram testemunho da tua caridade, diante da igreja».
---	---

Jo 15, 9-17	Lugares paralelos na Escritura (além dos Escritos Joaninos)
v. 9: Assim como o Pai me amou, assim Eu vos amei a vós. Permanecei no meu amor.	Is 42, 1-4: «“Eis o meu servo, que Eu amparo, o meu eleito, que Eu preferi. Fiz repousar sobre ele o meu espírito, para que leve às nações a verdadeira justiça”».   Mc 1, 11: «“Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus todo o meu agrado”».   Mc 9, 7: «“Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o”».   Lc 3, 21: «“Tu és o meu Filho muito amado; em ti pus todo o meu agrado”».
v. 10: Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como Eu, que guardei os mandamentos do meu Pai, também permaneço no seu amor.	Sb 3, 9: «Aqueles que nele confiam compreenderão a verdade, e os que são fiéis no amor habitarão com Ele, pois a graça e a misericórdia são para os seus eleitos».   Mt 24, 12-13: «“E, porque se multiplicará a iniquidade, vai resfriar o amor de muitos; mas aquele que se mantiver firme até ao fim será salvo”».   Ef 3 17-19: «Que Cristo, pela fé, habite nos vossos corações; que estejais enraizados e alicerçados no amor, para terdes a capacidade de apreender, com todos os santos, qual a largura, o comprimento, a altura e a profundidade... a capacidade de conhecer o amor de Cristo, que ultrapassa todo o conhecimento, para que sejais repletos, até receberdes toda a plenitude de Deus».
v. 11: Disse-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria,	Jr 33, 9: «“E isto será para mim motivo de alegria, de louvor e de glória para todas as nações da terra, que ouvirão contar todos os bens que Eu lhes fiz”».   Sf 3, 17: «O Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador!



e a vossa alegria seja completa.	Ele exulta de alegria por tua causa, pelo seu amor te renovará. Ele dança e grita de alegria por tua causa».   Lc 7, 47.50: «“Por isso, digo-te que lhe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas àquele a quem pouco se perdoa pouco ama”. [...] E Jesus disse à mulher: «A tua fé te salvou. Vai em paz».   1Pe 1, 8-9: «Sem o terdes visto, vós o amais; sem o ver ainda, credes nele e vos alegrais com uma alegria indescritível e irradiante, alcançando assim a meta da vossa fé: a salvação das almas».
v. 12: É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei.	Mt. 4, 43: «Ouvistes o que foi dito: amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem».   Mt 19, 19 e Mt 22, 39 (cf. Lv 19, 18): «Amarás o teu próximo como a ti mesmo».   Mc 12, 31: «O segundo é este: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior que este».   Lc 6, 32: «Se amais os que vos amam, que agradecimento mereceis? Os pecadores também amam aqueles que os amam».   Lc 10, 27-28: «“Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo”. Disse-lhe Jesus: “Respondeste bem; faz isso e viverás”».   Lc 11, 42: «“Mas ai de vós, fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as plantas e descerais a justiça e o amor de Deus! Estas eram as coisas que devíeis praticar, sem omitir aquelas”».   Rm 12, 10: «Sede afetuosos uns para com os outros no amor fraterno; adiantai-vos uns aos outros na estima mútua».   1Tes 4, 9: «A respeito do amor fraterno não precisais que se vos escreva, pois vós próprios fostes ensinados por Deus a amar-vos uns aos outros».   1Pe 1, 22: «Já que purificastes as vossas almas pela obediência à verdade que leva a um sincero amor fraterno, amai-vos intensamente uns aos outros do fundo do coração».   1Pe 4, 8: «Acima de tudo, mantende entre vós uma intensa caridade, porque o amor cobre a multidão dos pecados».
v. 13: Ninguém tem mais amor do que quem dispõe a vida em favor dos seus amigos.	Mc 10, 45: «Pois também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos».   Lc 12, 8: «Digo-vos ainda: Todo aquele que se declara por mim diante dos homens, também o Filho do homem se declarará por ele diante dos anjos de Deus». Rom 5, 8: «Mas é assim que Deus demonstra o seu amor para conosco: quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós».   Ap 1, 5: «Àquele que nos ama e

	nos purificou dos nossos pecados com seu sangue, e fez de nós um reino, sacerdotes para Deus e seu Pai».
v. 14: Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando.	Mt 12, 50: «“ Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está no Céu, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe”».   Lc 7, 34: «“Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizeis: ‘Aí está um glutão e bebedor de vinho, amigo de cobradores de impostos e de pecadores!’”».   Lc 12, 4: «Digo-vos a vós, meus amigos: Não temais os que matam o corpo e, depois, nada mais podem fazer».   1Cor 7, 19: «A circuncisão não é nada, e nada é a incircuncisão; o que conta é a observância dos mandamentos de Deus».
v. 15: Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi da parte de meu Pai.	Ex 33, 11: «O SENHOR falava com Moisés frente a frente, como um homem fala com o seu amigo. Moisés voltava, em seguida, para o acampamento; mas Josué, filho de Nun, o seu servidor, homem ainda novo, não se afastava do interior da tenda».   Sl 25, 14: «O SENHOR comunica os seus segredos aos que o temem e dá-lhes a conhecer a sua aliança».   Mt 13, 11: «Respondendo, disse-lhes: “A vós é dado conhecer os mistérios do Reino do Céu, mas a eles não lhes é dado”».   1Cor 2, 9: «Mas, como está escrito: O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem não pressentiu, isso Deus preparou para aqueles que o amam».   Ef 1, 9-10: «Manifestou-nos o mistério da sua vontade, e o plano generoso que tinha estabelecido, para conduzir os tempos à sua plenitude: submeter tudo a Cristo, reunindo nele o que há no céu e na terra».
v. 16: Não fostes vós que me escolhestes: mas fui eu que vos escolhi a vós e vos destinei a que vades e a que deis (produzais) fruto, e o vosso fruto permaneça; e assim, tudo o que peçais ao Pai em meu nome Ele vo-lo concederá.	Jer 1, 5-7: «“Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio de tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta das nações”».   Jer 17, 7-8: «Bendito o homem que confia no SENHOR, que tem no SENHOR a sua esperança. É como a árvore plantada perto da água, a qual estende as suas raízes para a corrente; não teme quando vem o calor, e a sua folhagem fica sempre verdejante. Não a inquieta a seca de um ano e não deixa de dar fruto».   Is 27, 6: «Dias virão em que Jacob lançará novas raízes, Israel produzirá botões e flores, e encherá o mundo de seus frutos».   Mt 7, 7: «“Pedi, e ser-vos-á dado; procurai, e encontrareis; batei, e hão-de abrir-vos”».   Mt 21, 22: «“Tudo quanto pedirdes com fé, na oração, haveis de recebê-lo”».   Mc 16, 15-16: «E disse-lhes: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for batizado será salvo; mas, quem não acreditar será condenado”».   Lc 6, 13: «Quando nasceu o dia, convocou os

	<p>discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos».</p> <p>  Lc 6, 35: «Vós, porém, amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem nada esperar em troca. Então, a vossa recompensa será grande e sereis filhos do Altíssimo, porque Ele é bom até para os ingratos e os maus».</p> <p>  Act 1, 8: «“Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo”».</p> <p>  Act 9, 15: «Mas o Senhor disse-lhe: “Vai, pois esse homem é instrumento da minha escolha, para levar o meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel”».</p> <p>  Rom 15, 4: «E a verdade é que tudo o que foi escrito no passado foi escrito para nossa instrução, a fim de que, pela paciência e pela consolação que nos dão as Escrituras, tenhamos esperança».</p> <p>  Rom 15, 17-19: «É, pois, em Cristo Jesus que me posso gloriar de coisas que a Deus dizem respeito. Eu não me atreveria a falar de coisas que Cristo não tivesse realizado por meu intermédio, em palavras e ações, a fim de levar os gentios à obediência, pela força de sinais e prodígios, pela força do Espírito de Deus».</p> <p>  1Cor 3, 6-9: «Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem deu o crescimento. Assim, nem o que planta nem o que rega é alguma coisa, mas só Deus, que faz crescer. Tanto o que planta como o que rega formam um só, e cada um receberá a recompensa, conforme o seu próprio trabalho. Pois, nós somos cooperadores de Deus, e vós sois o seu terreno de cultivo, o edifício de Deus».</p> <p>  Gal 1, 15-17: «Mas, quando aprouve a Deus - que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça - revelar o seu Filho em mim, para que o anuncie como Evangelho entre os gentios, não fui logo consultar criatura humana alguma, nem subi a Jerusalém para ir ter com os que se tornaram Apóstolos antes de mim».</p> <p>  Col 1, 6: «Como em todo o mundo, também entre vós ele tem produzido frutos e progredido, desde o dia em que o recebestes e, em verdade, tomastes conhecimento da graça de Deus».</p> <p>  Tg 3, 17-18: «Mas a sabedoria que vem do alto é, em primeiro lugar, pura; depois, é pacífica, indulgente, dócil, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem hipocrisia; e é com a paz que uma colheita de justiça é semeada pelos obreiros da paz».</p>
v. 17: É isto o que vos mando: que vos ameis uns aos outros».	<p>1Pe 2, 17: «Respeitai a todos, amai os irmãos, temei a Deus, honrai o rei».</p>

Podemos daqui concluir que a temática desta perícope possui muitos lugares paralelos noutras passagens da Bíblia, o que nos permite interpretar melhor o espírito da mensagem que nos procura transmitir. Tudo isto ser-nos-á útil no último capítulo, referente ao estudo do sentido do texto.

## 5. Temas principais da perícope

Num estudo geral do Evangelho de João, verificamos que os capítulos 13 a 17 são ricamente povoados por palavras em estreita ligação ao tema ou palavra chave, o amor (ἀγάπη). Interessante será denotar a conclusão apresentada por Charles Dodd, relativamente ao desenvolvimento da temática ao longo do QE. Diz-nos que «nos capítulos 1-12 as palavras chave são “vida” e “luz”. Nos capítulos 14-17 estas palavras aparecem bastante menos vezes. A nova palavra chave é “amor” (ἀγάπη)»<sup>223</sup>, que surge ora como ἀγαπᾶν ora como φιλεῖν<sup>224</sup>. Segundo o mesmo autor, esta mudança de vocabulário dificilmente será acidental, o que «significa que os termos de cunho metafísico, comuns em todo o mundo religioso do helenismo, perdem terreno, e o seu lugar é ocupado em grande medida por termos de forte índole pessoal e ética, característicos da tradição hebraico-cristã»<sup>225</sup>. Tal não significa que haja uma mudança no ensinamento, pois «o evangelista não tenciona abandonar a crença de que Cristo traz vida e luz, ou subordinar essa crença. A sua intenção é dar ênfase à verdade de que a realidade final da vida e da luz se outorga no amor»<sup>226</sup>. É no exercício do amor que o homem conhece Deus e partilha a sua vida.

Quando passamos à perícope Jo 15, 9-17, a temática do amor fica inequivocamente sublinhada: surge 5 vezes na forma verbal ἀγαπάω e 4 vezes no substantivo ἀγάπη, um total de 9 vezes, 29% num universo em que, nos capítulos 14 a 17 (secção dos «Discursos de

<sup>223</sup> Charles Dodd, *Interpretación del cuarto Evangelio* (Madrid: Cristiandad, 2004), 460.

<sup>224</sup> Cf. Charles Dodd, *Interpretación del cuarto Evangelio* (Madrid: Cristiandad, 2004), 461: «Exceto em 5, 20; 16, 27, φιλεῖν tem o peso que se outorga a ἀγαπᾶν».

<sup>225</sup> Charles Dodd, *Interpretación del cuarto Evangelio* (Madrid: Cristiandad, 2004), 461.

<sup>226</sup> Charles Dodd, *Interpretación del cuarto Evangelio* (Madrid: Cristiandad, 2004), 461.

Despedida»), surge 31 vezes<sup>227</sup>. É, sem dúvida, central nesta perícope a temática do amor: «o amor de Cristo aos seus “amigos”, que reproduz o amor do Pai e desemboca na obediência amorosa por parte dos discípulos»<sup>228</sup>. Tudo conflui no desígnio prático «“amai-vos uns aos outros”, um preceito que, promulgado já em 13, 34, aparece agora carregado de implicações mais profundas»<sup>229</sup>. A permanência no amor de Jesus é indissociável do guardar os seus mandamentos. É esta a grande evidência desta perícope. Se quisermos, até comparado com os Evangelhos Sinópticos, é inequívoca a importância que assumem, em Jo 15, 9-17, os verbos “amar”, “mandar”, “guardar” e “permanecer”, bem como os substantivos “amigo” e “alegria”.

---

<sup>227</sup> Cf. Charles Dodd, *Interpretación del cuarto Evangelio* (Madrid: Cristiandad, 2004), 460.

<sup>228</sup> Charles Dodd, *Interpretación del cuarto Evangelio* (Madrid: Cristiandad, 2004), 475.

<sup>229</sup> Charles Dodd, *Interpretación del cuarto Evangelio* (Madrid: Cristiandad, 2004), 475.

### **III. UMA PROPOSTA DE LEITURA DE JO 15, 9-17**

Este é o capítulo a que podemos chamar de “coração do nosso trabalho”. Não é independente dos dois capítulos anteriores: primeiro, porque, sem um mínimo entendimento sobre a história da gênese e sobre o conteúdo do QE, era-nos impossível interpretar validamente qualquer excerto do mesmo Evangelho; segundo, porque, sem um estudo o mais detalhado possível da perícope que nos propomos trabalhar e da sua comparação com a tradição escriturística, qualquer hermenêutica carecia de raízes sólidas, ficando vulnerável ao entendimento subjetivo e à infidelidade ao espírito da tradição que esteve na sua gênese e à mensagem que tencionou transmitir-nos.

Ainda assim, a leitura que nos propomos apresentar não pretende ser exaustiva. Parece-nos que a riqueza dos textos evangélicos é sempre inesgotável, ainda mais se lidos à luz do Espírito Santo (Jo 14, 25-26; 16, 12-13) e do Magistério vivo da Igreja. Cingimo-nos, por isso, a alguns aspetos que consideramos de maior relevância na nossa perícope. São eles: a permanência no amor pelo cumprimento dos mandamentos, onde urge a temática do mandamento novo; e a participação dos discípulos no amor trinitário, com os frutos que daí brotam.

#### **1. Permanecer no amor cumprindo os mandamentos**

O texto é claro: «se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor» (Jo 15, 10). Qual o peso desta afirmação? Que consequências tem para nós?

### 1.1. Permanecer

A utilização do verbo μένειν é bastante ampla em João, se comparada com os Evangelhos Sinóticos: 40 vezes em João para um total de 12 vezes nos Sinóticos<sup>230</sup>. Ele traduz-se normalmente por «permanecer», «morar», «ficar em», «estar em»<sup>231</sup>. Uma vez assume um carácter espacial, como em Jo 2, 12 («Depois disto, desceu a Cafarnaúm com sua mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ficaram ali apenas alguns dias») e ainda em Jo 1, 38 («Jesus voltou-se e, notando que eles o seguiam, perguntou-lhes: “Que pretendeis?” Eles disseram-lhe: “Rabi - que quer dizer Mestre - onde *moras*?”»); outras vezes um carácter temporal, como em Jo 12, 34: («Aquela gente replicou-lhe: “Nós aprendemos na nossa Lei que o Messias *permanece* vivo para sempre”»), e ainda como estado ou condição, em Jo 12, 24 («Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, *fica* ele só; mas, se morrer, dá muito fruto»), onde se retrata a imutabilidade:.

Na perícope em estudo, esta temática está bem desenvolvida. O tema da permanência em Cristo (μένειν ἐν ἐμοί), patente em 15, 4-7, ancorado na alegoria da videira, passa, nos vv. 9-17, a ser interpretado como o permanecer no seu amor (μείνατε ἐν τῇ ἀγάπῃ τῇ ἐμῇ)<sup>232</sup>. Ora, o apelo a permanecer no amor de Jesus é fundado no seu amor pelos seus que, por sua vez, se funda no amor que o Pai tem pelo Filho<sup>233</sup>, dando-lhe a salvação do mundo<sup>234</sup>. A utilização abrupta do aoristo no modo imperativo no apelo de Jesus a permanecer no seu amor («μείνατε

---

<sup>230</sup> Cf. Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 27. O verbo μένειν surge 27 vezes nas cartas joaninas, 1 vez no Livro do Apocalipse, num total de 68 vezes nos textos joaninos quando no Novo Testamento aparece 118 vezes: Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida Santuário, 1994), 34.

<sup>231</sup> Diferentes traduções do verbo μένειν no Evangelho Segundo São João na tradução da Difusora Bíblica: Permanecer: 1, 32; 4, 38; 8, 31; 9, 41; 12, 34; 14, 17; 14, 25; 15, 4-7.9-10.16 | Poisar: 1, 33 | Morar: 1, 38-39; 6, 56 | Ficar: 2, 12; 4, 40-41; 8, 35; 11, 54; 12, 23; 12, 46; 19, 31; 21, 22-23 | Pesar: 3, 36 | Perdurar: 6, 27 | Continuar: 7, 9 | Demorar: 10, 40; 11, 6 | Estar: 14, 10.

<sup>232</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 117.

<sup>233</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 131.

<sup>234</sup> Cf. Herman Ridderbos, *The Gospel according to John* (Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997), 519.

ἐν τῇ ἀγάπῃ τῇ ἐμῇ» v.9) reforça o intuito exortativo aos discípulos para que entrem no amor de Jesus e permaneçam nele<sup>235</sup> e acentua a ideia de autoridade<sup>236</sup>.

Bento Silva Santos explica que a construção μένειν + ἐν, que encontramos nos versículos 9 e 10 da perícopa em estudo, refere-se à presença de Jesus depois da sua partida deste mundo. Tal difere da construção com o verbo εἰμι (ser/existir), que é utilizada em João para designar a presença de Jesus entre os seus discípulos, durante o seu ministério terrestre: por exemplo, «μεθ' ὑμῶν εἰμι (eu vou estar convosco)» (13, 33); «μεθ' ὑμῶν ἤμην (eu estou convosco)» (14, 9) ou «ὅτε ἤμην μετ' αὐτῶν (enquanto estava com eles)» (17, 12)<sup>237</sup>. Assim, a preposição ἐν unida a μένειν<sup>238</sup> «supera o sentido simplesmente local e adquire um sentido profundo de comunhão pessoal e transcendente (14, 23)»<sup>239</sup>, tal como a semente permanece nos muitos frutos, mesmo depois de desaparecer, assim os genes de Jesus deverão perpetuar-se visíveis na vida dos seus discípulos e da comunidade eclesial.

Permanecer em Jesus implica ficar intimamente unido a Ele, escutando e conhecendo a sua Palavra, instalando-se nela e dela tirando a sua força para a vida<sup>240</sup>; morar com Ele, aprendendo a sua forma de viver e atuar, estar ininterruptamente e reciprocamente ligado a Ele pela fé e pela oração, como os ramos da videira à cepa, pois só desse modo lhes é possível produzir frutos que permaneçam imutáveis. Recebendo de Jesus e da sua Palavra a seiva que corre na vida do discípulo, os frutos serão idênticos aos que Ele gerou (Jo 14, 12): «Como a seiva flui da videira para os ramos, da mesma maneira o amor de Jesus deve fluir nos discípulos, desse amor recebem a vida e dão fruto. Para ter seiva, o discípulo deve permanecer persistentemente unido a Cristo, fonte do amor e da vida»<sup>241</sup>.

<sup>235</sup> Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 723.

<sup>236</sup> Cf. Raymond Brown, *El evangelio según Juan. XIII – XXI* (Madrid: Cristiandad, 2000), 997.

<sup>237</sup> Cf. Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 34.

<sup>238</sup> A construção ἐν + μένειν surge 16 vezes no Evangelho de João: 5, 38; 6, 56; 8, 31.35; 12, 46; 14, 10; 15, 4 (três vezes). 5.6.7 (duas vezes). 9.10 (duas vezes).

<sup>239</sup> Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 34.

<sup>240</sup> Cf. Lagrange, *Évangile selon Saint Jean*, apud Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 35.

<sup>241</sup> Renzo Infante, *Giovanni. Introduzione, traduzione e commento* (Milano: San Paolo, 2015), 357.



Permanecer em Jesus implica também que o discípulo se deixe amar pelo Senhor<sup>242</sup>, acolhendo em liberdade o dom do seu amor que lhe é gratuitamente oferecido (Jo 15, 16). Deus nunca anula a liberdade humana nem impõe a sua presença contra a vontade humana. Permanecer em Jesus implica o acolhimento consentido do seu amor; implica aceitar a eleição que Deus realizou desde toda a eternidade.

No fundo, «o que é dito das relações de interioridade entre o Pai e Jesus aplica-se analogicamente às relações entre Jesus e os discípulos»<sup>243</sup>. Tal como Deus permanece em Cristo e Cristo em Deus (14, 10), os crentes permanecem em Cristo (6, 56) e Cristo permanece nos crentes (15, 4-7). «É discípulo de Jesus quem permanece na sua palavra (8, 31); característico dos filhos de Deus é permanecer na sua casa (isto é, unidos em comunhão de vida com Ele: 8, 35); Jesus permanece em quem come a sua carne e bebe o seu sangue (5, 56); o cristão pertence à Luz e não permanece nas trevas (12, 46), se acredita na palavra de Cristo»<sup>244</sup>.

O sentido que João nos querará transmitir é o de que a vida cristã é inconcebível sem uma união íntima e pessoal com Cristo. «As condições para “permanecer” estão indicadas em 1Jo, e são: caminhar segundo o exemplo de Cristo (2, 6); conservar-se fiel à doutrina tradicional (2, 24); confessar que Jesus é o Filho de Deus (4, 15); observar os mandamentos (3, 24a; 2, 5), e cultivar o amor a Deus e aos irmãos (4, 12.16b-21)»<sup>245</sup>. Para os discípulos, permanecer no amor de Jesus significa manifestarem-se e acreditarem-se como seus discípulos e esse discipulado cresce no terreno do amor como dádiva do seu amor<sup>246</sup>. Todavia, a atitude do discípulo não é passiva e estanque, mas dinâmica. Disso nos dá conta Bultmann, segundo o qual «o verbo μένειν significa manter lealmente uma decisão que se tomou, e que só se pode sustentar mediante uma contínua renovação da atitude inicial»<sup>247</sup>, fazendo dela imutável e

---

<sup>242</sup> Cf. Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 33.

<sup>243</sup> Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 33.

<sup>244</sup> Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 34-35.

<sup>245</sup> Alfred Wikenhauser, *El evangelio según san Juan* (Barcelona: Herder, 1967), 464.

<sup>246</sup> Cf. Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 137-138.

<sup>247</sup> R. Bultmann apud Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 720.

imperturbável<sup>248</sup>. A permanência dos discípulos em Jesus tem de ser assegurada todos os dias tanto nas atitudes individuais quanto nas comunitárias.

### 1.2. Amor e amizade

É evidente que, no Novo Testamento, João é quem mais enfatiza a virtude do amor, ora como ἀγαπᾶν, ora como φιλεῖν<sup>249</sup>. Não o faz apenas numa lógica descendente, entre Deus e o humano<sup>250</sup> ou Jesus e o humano<sup>251</sup>, e ascendente, entre o humano e Jesus<sup>252</sup> e o humano e Deus<sup>253</sup>, mas também numa lógica horizontal, onde o amor a Deus tem de incluir o amor aos irmãos<sup>254</sup>. Existe aquilo a que podemos chamar de «moral da caridade concentrada naquilo que era essencial para Jesus: aquele que fez a experiência do amor de Deus, e que deseja amá-lo, deve também amar os seus irmãos. Sem o amor voltado para o outro não existe autêntica comunhão com Deus»<sup>255</sup>. Para João, é pela prática do mandamento novo do amor que se devem reconhecer os discípulos de Jesus Cristo (Jo 13, 35). Por isso, é compreensível a insistência na temática que não se cinge apenas ao Evangelho, mas corre também na seiva das cartas a ele atribuídas.

A perícopa de que se ocupa o nosso estudo é um bom exemplo onde isto acontece. Ela recupera o “mandamento novo” do amor recíproco, patente já em 13, 34-35. Procede do mesmo modo com a relação entre o amor e o cumprimento dos mandamentos estabelecida em 14, 15-

<sup>248</sup> Cf. Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 34.

<sup>249</sup> Cf. Charles Dodd, *Interpretación del cuarto Evangelio* (Madrid: Cristiandad, 2004), 461: «Exceto em 5,20; 16,27, φιλεῖν tem o peso que se outorga a ἀγαπᾶν»; Cf. Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 69-72; Cf. Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 19: «Neste ponto, os autores não estão de acordo quando de precisar o sentido de ambos os vocábulos. Segundo alguns, *agapan* designa um amor de estima, de generosidade, sobretudo entre superior e inferior; *philein* acentuaria um amor mais forte e mais íntimo, isto é, um amor afetuoso, especialmente entre esposos». Para o nosso estudo, reconheceremos os termos φιλεῖν e ἀγαπᾶν como equivalentes, baseando-nos na opinião de que a variedade com que são empregues é um procedimento literário que procura evitar a repetição (cf. Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* [Aparecida: Santuário, 1994], 20 e Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* [Salamanca: Sígueme, 2016], 137). O paralelismo dos verbos aparece com clareza em Jo 3, 35 e 5, 20; 11, 23 e 17, 27; 11, 5 e 11, 3.

<sup>250</sup> Cf. Jo 3, 16; 14, 21.23; 17, 23; 16, 27; 1Jo 4, 10-11.19-20.

<sup>251</sup> Cf. Jo 11, 3.5; 13, 1.23.34; 15, 9.12; 19, 26; 20, 2.

<sup>252</sup> Cf. Jo 8, 42; 14, 15.21.23.28; 16, 27; 21, 15-16.

<sup>253</sup> Cf. Jo 5, 42; 1Jo 2, 5.15; 4, 12.20-21; 5, 1-3.

<sup>254</sup> Cf. Jo 13, 35; 15, 12-13; 1Jo 2, 10; 3, 10-11.14.23; 4, 7.11-12.21.

<sup>255</sup> Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 16.

24, que surgem agora entrelaçados com a imagem da videira e dos ramos (Jo 15, 1-8)<sup>256</sup>. Não deixa, contudo, de se notar «um desfasamento significativo: o capítulo 14 concentra a sua atenção no amor que une os discípulos e Jesus com Deus, o capítulo 15 incide numa nova dimensão: o amor recíproco dos discípulos, fundado no amor de Cristo»<sup>257</sup>. O mandamento do amor recíproco deriva do imperativo de Lv 19, 18 e produz como fruto os prosélitos (Jo 17, 20-21).

O que “amor”<sup>258</sup> quer dizer é algo difícil de entender, ainda mais nos nossos tempos em que frequentemente «a palavra amor foi profanada, enclausurada e despida da sua luminosa e límpida superioridade, para reduzi-la à expressão de umas sensações mais animais que humanas, mais egoístas que altruístas, mais carnaís que espirituais, aplicada mais ao sexo nas suas facetas mais degradantes que ao afeto límpido e puro entre seres humanos»<sup>259</sup>. Quando João fala de amor, é o que genericamente se pode entender por amor cristão que nos ensinou Jesus Cristo: um sentimento do espírito e não mera sensação do corpo; caridade e amor fraterno; «um sentimento que se traduz em algo concreto em favor da pessoa querida, um afeto provado mediante o culto e a fidelidade quando se trata de Deus, ou de um determinado sacrifício pessoal em favor da pessoa amada»<sup>260</sup>; um amor maternal, todo-ternura e inteligência compreensiva; uma comunhão com aquele que se ama desejando-lhe o bem<sup>261</sup>.

---

<sup>256</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 116.

<sup>257</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 116.

<sup>258</sup> Cf. Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 66: Para falar de amor, no grego, podem utilizar-se os termos: ἐρᾶν que expressa o amor sensual ou paixão amorosa, motivada pelo desejo de posse; σπρέγειν que significa o amor espontâneo e natural, próprio de pessoas unidas pelo vínculo de parentesco, geográfico ou histórico; φιλεῖν, usado para expressar os sentimentos próprios do amor de amizade e, às vezes, familiar; e ainda ἀγαπᾶν que expressa o amor que surge do conhecimento de uns valores que impulsionam uma eleição e provocam um amor operante, um sentimento que se concretiza no favorecer o amado, benevolência traduzida em atos benfeitores, em devoção e em serviço. Este último vocábulo era o menos utilizado no grego clássico para falar de amor e caracteriza-se por um peso de amor sagrado.

<sup>259</sup> Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 65.

<sup>260</sup> Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 67.

<sup>261</sup> Cf. Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 68.

A unidade discursiva dos vv. 9-10 arranca do amor do Pai e ele volta, tornando visível uma organização quiástica em que o centro está na exortação<sup>262</sup> a permanecer no amor de Jesus<sup>263</sup>:

a	v. 9 «Assim como o <i>Pai me amou</i> ,
b	assim Eu vos ameí a vós.
c	<b>Permanecei no meu amor.</b>
b'	v. 10 Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor,
a'	assim como Eu, que guardei os mandamentos do meu Pai, também permaneço <i>no seu amor</i> ».

Esta construção parece fabricada com um propósito didático. É como se Jesus fizesse um ensinamento e exortação cujo objetivo se explica no versículo seguinte: «disse-vos estas coisas para que esteja em vós a minha alegria» (Jo 15, 11).

O v. 9, embora apresente os verbos no aoristo e, portanto, com forma de passado, não deixa de ter um sentido prolongado e atual da ação, pelo que se pode falar «do amor do Pai e Jesus no [tempo do] presente: “Como o Pai me ama, assim eu vos amo a vós”»<sup>264</sup>. Este amor encontra em Jesus unido ao Pai (Jo 3, 35; 5, 20; 10, 17; 14, 31; 15, 9; 17, 23.26) o modelo para os seus discípulos e exige deles, e atualmente de nós, a manifestação do amor pela observância dos seus mandamentos (15, 10). Os textos sobre o amor não se restringem unicamente aos discípulos imediatos de Jesus, referem-se aos crentes de todos os tempos que pertencem a Jesus, mediante a fé e o amor.

O paralelo estabelecido entre o amor que Jesus teve pelos seus e o amor que recebeu do Pai visibiliza-se em toda a obra reveladora de Deus: revelou-lhes o nome do Pai (17, 6.26),

<sup>262</sup> «μείνατε» (Jo 15, 9b): verbo “permanecer”, na 2ª pessoa do plural, no aoristo do modo imperativo. Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 131.

<sup>263</sup> Cf. Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 138.

<sup>264</sup> Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 378. Sobre isto, escreve Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 722: «O amor do Pai ao Filho expressa-se com tempos verbais de continuidade em 3, 35; 5, 20; 10, 17; ao contrário, aqui e em 17, 24.26 emprega-se o aoristo em analogia com o aoristo que expressa o amor de Jesus aos seus discípulos e, quem sabe, também com referência às relações eternas entre Pai e Filho».

tornou-os participantes da glória que recebeu do Pai (17, 22) e manifestou-lhes tudo o que ouviu do Pai (15, 15)<sup>265</sup>. Deve-se notar o facto de o verbo “guardar” (τετήρηκα), no v. 10, referente à pessoa de Jesus, estar no perfeito, o que confere a ideia de uma ação completa e acabada; recordemos que estamos no contexto dos discursos de despedida e «a hora» de Jesus está próxima, seu ministério é finalizado<sup>266</sup>.

O versículo 12 denota a qualidade do amor: o verbo ἀγαπᾶτε, que aparece no conjuntivo presente, traduz, por isso, a ideia “que vos ameis agora e sempre”; o verbo ἠγάπησα, no aoristo indicativo, exprime um acontecimento passado com implicações para sempre, podendo ser traduzido por “como eu vos amei para sempre”<sup>267</sup>, e que pode incluir na sua raiz também a entrega de Jesus à morte<sup>268</sup>. Todo o ministério de Jesus, incluindo a sua glorificação e morte, se sintetizam como serviço de amor aos que, por meio dele, foram redimidos (Mc 10, 45) ao longo de todos os séculos. Como consequência, todo o cristão tem o dever de servir aos demais num clima de amor mútuo<sup>269</sup>.

Anotamos, seguindo de perto Charles Barret, que «não se diz nada sobre o amor aos inimigos (Mt 5, 44), pelo que se acusou a João de estreitar a noção cristã de amor. [...] Mas, não se pode dizer que, no evangelho de João, Deus não ame o mundo (3, 16); no entanto, o resultado desse amor ao mundo é, precisamente, a segregação de um grupo de φίλοι (v. 14) que não são deste mundo. Num sentido especial, o amor de Jesus derramou-se sobre estes “amigos” para que entre eles e neles possa crescer o amor»<sup>270</sup> e assim chegar a todos. O v. 13 não deverá ser entendido, por isso, como uma afirmação do amor de Jesus aos amigos como superior aos inimigos: trata-se sim de sublinhar que o maior ato que alguém pode fazer por um amigo – o mesmo é dizer, no Evangelho de João, por alguém a quem se ama – é morrer por ele<sup>271</sup>.

---

<sup>265</sup> Cf. Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 37.

<sup>266</sup> Cf. Raymond Brown, *El evangelio según Juan. XIII – XXI* (Madrid: Cristiandad, 2000), 998.

<sup>267</sup> Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 234.

<sup>268</sup> Cf. Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 138.

<sup>269</sup> Cf. Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 723.

<sup>270</sup> Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 723.

<sup>271</sup> Cf. Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 724.

Sobre a amizade, o v. 15 retoma a categoria de servo (Is 41, 8), relacionando-a com a da amizade divina presentes no AT (Dn 3, 35). Jesus eleva os discípulos da categoria de servos (δούλοι) à categoria de amigos (φίλοι) de Deus, ao dar-lhes a conhecer tudo aquilo que ouviu do Pai<sup>272</sup>. «Jesus partilha intimamente os segredos do seu coração com os seus discípulos, tratando-os como amigos, como Deus tratou Abraão e Moisés [2Cr 20, 7; Is 41, 8 e Ex 33, 11; Dt 34, 10], revelando-se a eles»<sup>273</sup>. Isto faz deles Homens sábios e livres, segundo a teologia sapiencial<sup>274</sup>, e, de acordo com o Livro da Sabedoria, amigos de Deus (Sab 7, 14.27). De facto, na antiguidade, o servo está totalmente entregue ao arbítrio do seu senhor e não dispõe do conhecimento que lhe permitiria compreender a atuação do seu senhor, por isso não está em condições de pensar e orientar a sua vida: o futuro é-lhe imprevisível e isto desemboca numa certa alienação. Ao contrário, a relação entre amigos é pautada pela transparência, o que permite a compreensão mútua e a aquisição de um saber que permite comportar-se livremente e dar sentido ao próprio destino<sup>275</sup>.

Para João, o que diferencia o servo (δούλος) do amigo (φίλος) não é o cumprir ou não a vontade de Deus (antes pelo contrário: o amigo faz a vontade do outro), mas sim o compreendê-la ou não<sup>276</sup>. A obediência e a humildade, que o próprio Jesus mostrou, são as marcas distintivas dos que se convertem em φίλοι<sup>277</sup>. «Para João o amor implica uma sofisticada obediência, que nada tem que ver com a submissão servil de quem faz à força algo que se lhe impõe desde fora. Ao contrário, essa obediência é uma exaltação da liberdade pessoal, de quem se nega a si mesmo para assumir com prazer o querer de Deus»<sup>278</sup>. Ninguém é tão livre como aquele que tem total

---

<sup>272</sup> Cf. André Feuillet, *Le mystère de l'amour divin dans la théologie johannique* (Paris: Librairie Lecoffre, 1972), 86-87.

<sup>273</sup> Keener Craig, *The gospel of John - A commentary. Vol. I* (Ada: BakerAcademic, 2003), 1014.

<sup>274</sup> Cf. Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 146.

<sup>275</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 138.

<sup>276</sup> Cf. Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 725.

<sup>277</sup> Cf. Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 725.

<sup>278</sup> Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 85.

consciência e domínio sobre si mesmo e sobre os seus próprios atos. Ninguém é mais amigo de Deus do que aquele que deseja e se confia conscientemente à sua vontade.

Valerá a pena notar ainda que Jesus não os chama apenas agora de amigos. O οὐκέτι que traduzimos por «já» não tem um sentido temporal restrito, antes expressa as novas relações que Jesus criou com os discípulos: Ele vê-os como amigos desde o momento da sua eleição (v.16)<sup>279</sup>. Ora, a eleição sublinha que a iniciativa é totalmente de Cristo, e isto nos diz o verbo εἰρηκα no perfeito, que distingue deste modo entre os humanos que vivem fora da revelação daqueles que têm acesso a ela. No entanto, o conteúdo (πάντα ᾗ, v.15) que Jesus lhes dá a conhecer «não consiste no desvelar segredos apocalípticos ou do mundo celestial, mas na revelação da figura do Pai, que é amor para o conjunto dos seres humanos»<sup>280</sup>. Jesus dá aos discípulos, por meio da palavra que recebeu do Pai, o acesso a Deus, e isto é libertador. Jesus, partilhando com os discípulos a mensagem que recebeu do Pai, compartilha-O também com eles tornando-os seus irmãos (Jo 20, 17)<sup>281</sup>, cumprindo desta forma o provérbio antigo que diz que os amigos têm tudo em comum<sup>282</sup>. Não são mais servos, mas amigos, isto é, «companheiros íntimos e iguais a Jesus, que os ama sem limite algum»<sup>283</sup>. Ser amigo de Jesus é indistinguível de permanecer no seu amor<sup>284</sup>.

Anotamos brevemente que «a existência de um grupo superior de φίλοι, distinto da massa de δοῦλοι, recorda tanto o gnosticismo como os cultos místéricos»<sup>285</sup>. Todavia, contrariamente ao que acontece com os iniciados nos grupos gnósticos, que escolhem por si próprios esse estilo de vida, na narração evangélica (e isto vale tanto para os Evangelhos Sinópticos como para o Evangelho segundo João), Jesus é quem elege, chama, e designa os

---

<sup>279</sup> Cf. Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 147.

<sup>280</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 138.

<sup>281</sup> Cf. André Feuillet, *Le mystère de l'amour divin dans la théologie johannique* (Paris: Librarie Lecoffre, 1972), 110-111.

<sup>282</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario a evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 380; Keener Craig, *The gospel of John - A commentary. Vol. I* (Ada: BakerAcademic, 2003), 1010.

<sup>283</sup> Francis Moloney, *El evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2005), 436.

<sup>284</sup> Cf. Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 724.

<sup>285</sup> Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 725.

discípulos. Tal fica testemunhado na nossa perícopa por «ἐγὼ ἐξελεξάμην ὑμᾶς» (v. 16) que põe ênfase no facto da iniciativa partir de Cristo.

### 1.3. *O(s) mandamento(s)*

O termo grego ἐντολή surge 11 vezes no Evangelho de João, 16 nos Sinópticos, 18 nas Cartas Joaninas e 2 no Livro do Apocalipse<sup>286</sup>. É traduzido «ora como mandamento que Jesus recebeu do Pai, no sentido de mandato, missão, revelação, vida eterna (Jo 10, 18; 12, 49-50; 14, 31), ora como “ordens” que Jesus impõe aos seus discípulos, sempre em relação, de uma ou outra maneira, ao mesmo *ágape* que une ao Pai e ao Filho (cf. 14, 15.21; 15, 10.12; 1Jo 2, 3-5)»<sup>287</sup>. A preferência de João pelo conceito ἐντολή e pelo verbo ἐντολλομαι para falar de mandamentos, em vez de καλεύω, ao contrário do que acontece na versão dos LXX para referir-se aos mandamentos da Lei de Deus, confere um carácter mais amigável, como uma indicação feita por um amigo a outro, em vez de um matiz mais autoritário, como se fosse uma ordem dada a um escravo<sup>288</sup>.

O motivo para a observância dos mandamentos que aparece em Jo 15, 10-12 e que está estritamente vinculado com a temática do amor retoma, agora com um carácter indiscutivelmente ético, aquilo que havia sido já mencionado em Jo 14, 15-24<sup>289</sup>. Os mandamentos que Jesus prescreve não são regras jurídicas, trata-se sim da adesão a uma forma de vida que se liga em tudo ao modelo da vida de Jesus. O seu cumprimento é sinal do verdadeiro discipulado (Jo 13, 34-35) e é o critério que permite permanecer nele e no seu amor (Jo 15, 10)<sup>290</sup>. No ἀγάπη por Jesus, existe uma conexão entre o amor e a observância dos mandamentos, exatamente como no livro do Deuteronómio, em relação a יהוה (Adonai) e ao

---

<sup>286</sup> Cf. Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 31.

<sup>287</sup> Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 32.

<sup>288</sup> Cf. Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 83-84.

<sup>289</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 116.

<sup>290</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 131.



seu povo eleito (Dt 10, 12; 11, 1.13.22; 19, 9; 30, 16)<sup>291</sup>. De facto, «a condição de amigo não é obstáculo para um serviço obediente, mas antes uma exigência»<sup>292</sup>. Tal é mostrado pelo καθώς, cujo paralelismo por ele operado «indica que o amor e a obediência são realidades recíprocas. O amor surge da obediência, e a obediência do amor»<sup>293</sup>. Guardar os mandamentos quer dizer conhecê-los, compreendê-los e cumpri-los e a obediência é sinal do amor, ainda que o evangelista não queira dizer que o não cumprimento humano seja condição para o amor de Deus (Jo 3, 16; 13, 34; 15, 9.12; 17, 23)<sup>294</sup>.

Recordemos que a primeira vez que no Evangelho de João aparece o mandamento do amor mútuo, é em Jo 13, 34, associada ao verbo “dar” (ἐντολὴν καὶνὴν δίδωμι ὑμῖν). Isto confere ao mandamento uma significação mais profunda, pois o verbo “dar” é usado constantemente em João em relação aos dons salvíficos (água viva, pão da vida, palavra de Deus...<sup>295</sup>). O mandamento de Jesus é, por isso, «“um dom divino, a cláusula testamentária do Senhor fundando a nova aliança, um sinal de confiança que associa o discípulo ao desdobramento do amor do Pai e do Filho manifestado em dons salvíficos”»<sup>296</sup>.

É notável a discordância entre o plural utilizado no v. 10 («se guardardes os meus mandamentos [τὰς ἐντολάς]») e o singular utilizado no v. 12 («é este o um mandamento [ἡ ἐντολή]»). Em João, parece que todas as recomendações que Jesus faz aos discípulos se sintetizam no amor mútuo. De facto a sua «enunciação no singular facilita a sua realização, pois não se trata de ter em conta muitas normas mas sim de cumprir uma só»<sup>297</sup>. Esta é a ideia que transparece tanto do Evangelho como das cartas joaninas (1Jo 3, 22-24; 4, 21 - 5, 3). «É como

---

<sup>291</sup> Cf. Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 35.

<sup>292</sup> Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 724.

<sup>293</sup> Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 723.

<sup>294</sup> Cf. Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 706.

<sup>295</sup> Os dons que Deus entrega ao mundo: o seu próprio Filho (Jo 3, 16), a filiação divina (1Jo 3, 1; Jo 1, 12-13), o Pão da vida (Jo 15, 13; 10, 15; 6, 32.53), as suas palavras e obras (Jo 14, 12; 17, 18), a participação na sua glória (Jo 17, 22), a missão de continuarem a obra de Jesus Cristo (Jo 17, 18; 20, 21), o dom de perdoarem os pecados (Jo 20, 23), a maternidade de Maria (Jo 19, 25-27), o dom supremo do Pai e do Espírito Santo (Jo 1, 33; 7, 39; 14, 16-26; 15, 26; 16, 7).

<sup>296</sup> N. Lazure, *Les Valeurs morales de la théologie johannique*, 130, apud Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 32.

<sup>297</sup> Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 84.

se, para a tradição joanina, não existisse mais que um só mandamento que resumia todos os demais: “este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei” (15, 12). “Nisto vos reconhecerão como meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (13, 35)»<sup>298</sup>.

João chama de mentirosa a pessoa que diz conhecer a Deus, mas não guarda os seus mandamentos, ao passo que, naquele que guarda os mandamentos, o amor de Deus é perfeito e pode reconhecer-se como estando em Deus (1Jo 2, 4-5). Ao que parece, os destinatários de tal interpelação seriam os secessionistas que não atribuíam importância salvífica à conduta ética, postura que surgia de uma cristologia que não atribuía importância salvífica à vida terrena de Jesus, à maneira como viveu e morreu. Para eles «se a vida eterna consiste em conhecer a Deus e àquele que Ele enviou (Jo 17, 3), podia-se ter intimidade com Deus sem valorizar o que cada um pode fazer no mundo»<sup>299</sup>. Todavia, esta não deve ser a interpretação dos textos joaninos, tal como o manifesta I. de la Potterie para quem, na literatura joanina, a adesão à verdade de Jesus retoma o conceito hebraico «contruir a verdade», isto é, praticar fielmente o que prescreve a lei<sup>300</sup>.

Também Antonio García-Moreno nos diz que «o conhecimento de Deus que o Evangelista preconiza entronca as suas raízes no Antigo Testamento, onde conhecer (יָדָע, *yada`*) é sinónimo de amar. Com efeito, quando o hagiógrafo veterotestamentário fala do conhecer a Deus, não se refere só ao saber algo do Senhor mas também a ter uma união (κοινωνία, *koinonía* dizem os autores do Novo Testamento) entranhável com Deus»<sup>301</sup>.

Se os primeiros cristãos colocam em disputa a relação entre fé e obras (Paulo, Tiago), em João a fé em Jesus é proclamada como a única obra de Deus (Jo 6, 28-29). R. Brown alega, por isso, que «o quarto evangelho é notavelmente deficitário no que se refere a uma doutrina

---

<sup>298</sup> Raymond E. Brown, *La comunidad del discípulo amado – Estudio de la eclesiología juánica* (Salamanca: Sigueme, 1991), 124.

<sup>299</sup> Raymond E. Brown, *La comunidad del discípulo amado – Estudio de la eclesiología juánica* (Salamanca: Sigueme, 1991), 122.

<sup>300</sup> Cf. Ignace de la Potterie, *La vérité dans saint Jean I*, apud Raymond E. Brown, *La comunidad del discípulo amado – Estudio de la eclesiología juánica* (Salamanca: Sigueme, 1991), 123.

<sup>301</sup> Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 105.

moral precisa, se comparado com os evangelhos sinópticos»<sup>302</sup>. Por exemplo, olhando o sermão da montanha no Evangelho segundo Mateus (5 – 7), apercebemo-nos de exigências éticas bem precisas<sup>303</sup>. Ao contrário, a ênfase no arrependimento e conversão colocada nos Sinóticos (Mc 1, 4.15; 6, 12) não se encontra em João, do mesmo modo que não se menciona nenhum tipo de pecados específicos da conduta humana, senão somente o pecado de recusar acreditar em Jesus (Jo 8, 24; 9, 41)<sup>304</sup> ou os descuidos no amor aos irmãos (1Jo 2, 9-11; 3, 11-18; 4, 20). Há uma falta de direções éticas específicas na tradição joanina.

O que assemelha João aos Sinóticos é o critério para reconhecer quem são os discípulos do Senhor: os frutos que eles produzem (Mt 7, 16; Jo 15, 5). Todavia, além da unidade e do amor mútuo (Jo 13, 34-35; 14, 15.21; 15, 10.12.17), não se percebe a que outros frutos em específico João quer aludir. Inclusivamente, o que se entende por amor fraterno «nunca se diz em detalhe; mas diz-se que é o humilde serviço prestado ao irmão e deve chegar até à disposição de dar a vida por ele (Jo 15, 13)»<sup>305</sup>. Fica, ainda assim, o apelo ao exemplo geral da vida terrena de Jesus como um modelo para a vida do cristão (Jo 13, 15): viver como Ele viveu (1Jo 2, 6), procurar ser puro como Ele é puro (1Jo 3,3), praticar a justiça como Ele praticou (1Jo 3, 7).

---

<sup>302</sup> Raymond E. Brown, *La comunidade del discípulo amado – Estudio de la eclesiología juánica* (Salamanca: Sigueme, 1991), 123.

<sup>303</sup> As bem-aventuranças (5, 3-12), o exemplo cristão das boas obras (5, 16), a perfeição da Lei e dos Profetas (5, 17-20), não matar e perdoar (5, 21-26), não cometer adultério nem pecado (5, 27-30), indissolubilidade do matrimónio (5, 31-32), fidelidade à palavra dada (5, 33-37), não responder ao mal com o mal e fazer o bem sempre em excesso (5, 38-42), amar os inimigos e orar pelos que os perseguem (5, 43-48), fazer o bem com discrição (6, 1-4), orar com simplicidade e discrição (6, 5-8), como orar – Pai-Nosso – e o dever de perdoar (6, 9-15), como fazer jejum (6, 16-18), aspirar aos tesouros do céu, não às honras da terra (6, 19-24), confiar na providência de Deus (6, 25-34), não julgar os outros (7, 1-5), valorizar as coisas santas (7, 6), confiar na oração (7, 7-10), fazer aos outros o que se deseja para si (7, 12), procurar a santidade mesmo que seja difícil (7, 13-14), ter cuidado com os falsos profetas (7, 15-20), viver como discípulo do Senhor não só em palavras mas também em obras (7, 21-23), seguir os ensinamentos seguros de Jesus (7, 24-29).

<sup>304</sup> Cf. Raymond E. Brown, *La comunidade del discípulo amado – Estudio de la eclesiología juánica* (Salamanca: Sigueme, 1991), 123.

<sup>305</sup> Alfred Wikenhauser, *El evangelio según san Juan* (Barcelona: Herder, 1967), 435.

## 2. Participar na relação de amor

No QE, sobressai a ideia de que a vivência do «amor fraterno consiste na participação do amor divino que une o Pai e o Filho»<sup>306</sup>. A prática do amor mútuo entre os crentes é distintivo da sua nova identidade de discípulos (Jo 13, 35), ao mesmo tempo que lhes garante a presença das pessoas divinas nas suas vidas (Jo 14, 23) e o dom da vida eterna (Jo 17, 3), porque são fiéis à vida divina neles depositada, assemelhando-se Àquele que os elegeu<sup>307</sup>. João sugere também que a prática do amor mútuo entre os discípulos de Jesus, apresenta-os diante dos homens como membros da família divina (1Jo 3, 1).

De facto, ao encarnar em Jesus Cristo, «por um gesto de gratuidade, Deus abriu aos homens a total e absoluta intimidade entre Ele e seu Filho, dando, aos que aderirem pela fé à palavra escatológica de Jesus, a possibilidade de participar na alegria na glória dessa comunhão»<sup>308</sup>. A fé dos discípulos em Jesus introduze-os numa relação de amor pois, «o seu amor a Cristo e a sua união com Ele é sinal de que o Pai os ama no seu próprio Filho»<sup>309</sup>. Tal atitude crente reflete neles as relações intra-trinitárias<sup>310</sup>, e fá-los «participar na natureza divina»<sup>311</sup>, conferindo-lhes a filiação divina<sup>312</sup>. Os discípulos entraram na mesma reciprocidade de amor que une o Pai ao Filho: «O amor é, por assim dizer, o vínculo da existência na unidade do Pai, Filho, e crentes (aqui não se pensa no Espírito Santo)»<sup>313</sup>.

### 2.1. Como?

Para que seja possível aos discípulos viverem em comunhão de *αγάπη* com o Senhor e com os irmãos, é imprescindível a adesão na fé, por meio de palavras e ações, à revelação

---

<sup>306</sup> Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 38.

<sup>307</sup> Cf. Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 81-82.

<sup>308</sup> Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 38.

<sup>309</sup> Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 706.

<sup>310</sup> Cf. Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 96; André Feuillet, *Le mystère de l'amour divin dans la théologie johannique* (Paris: Librairie Lecoffre, 1972), 90.

<sup>311</sup> Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 81

<sup>312</sup> Cf. Alfred Wikenhauser, *El evangelio según san Juan* (Barcelona: Herder, 1967), 434.

<sup>313</sup> Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 723.

soteriológica e definitiva trazida por Jesus. Nele, realiza-se a epifania do amor do Pai para com os crentes: um amor condescendente e generoso, pois Deus não abandonou o humano pecador à sua sorte, mas interessou-se por ele e veio em seu auxílio, ao enviar o seu Filho<sup>314</sup>. Estes serão verdadeiramente seus filhos, mediante a expressão do seu amor fraterno<sup>315</sup> e a crença em Jesus Cristo como seu único Filho (Jo 1, 12), não como uma adesão intelectual, mas como uma aceitação pessoal do único revelador e salvador, a partir de um encontro pessoal com Ele<sup>316</sup>. Crer ou não crer equivale, em João, a aceitar ou rejeitar o amor do Pai manifestado em Jesus.

A simetria dos versículos 9 e 10 assinala que os discípulos são chamados a descobrir na pessoa de Jesus o modelo e o fundamento do seu compromisso<sup>317</sup>.

<i>Amor do Pai pelo Filho.</i> (Jo 15, 9a - «como o Pai me amou»)	καθώς ➔ Fundamento e modelo	<i>Amor do Filho pelos discípulos.</i> (Jo 15, 9b - «assim eu vos amei»)
<i>Permanência do Filho no amor do Pai.</i> (Jo 15, 10d - «permaneço no seu amor»)		<i>Permanência dos discípulos no amor do Filho.</i> (Jo 15, 10b - «permanecereis no meu amor»)
<i>Filho guarda os mandamentos do Pai.</i> (Jo 15, 10c - «guardai os mandamentos do meu Pai»)		<i>Discípulos guardam os mandamentos do Filho.</i> (Jo 15, 10a - «se guardardes os meus mandamentos»)

O καθώς (como) não é apenas comparativo, mas é também causal<sup>318</sup>. O amor pessoal de Jesus é o fundamento e modelo do amor mútuo dos discípulos<sup>319</sup>: Ao definir-se a si mesmo como o Caminho (Jo 14, 6), Jesus está a convidar-nos a caminhar por onde Ele caminhou. «O

<sup>314</sup> Cf. André Feuillet, *Le mystère de l'amour divin dans la théologie johannique* (Paris: Librairie Lecoffre, 1972), 89.

<sup>315</sup> Cf. Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 17.

<sup>316</sup> Cf. Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 25.

<sup>317</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 132.

<sup>318</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 131-132. O καθώς presente em Jo 15, 9 «é tanto comparativo como causal: “como”, mas também “pelo facto de que” (ideia de fundamento)».

<sup>319</sup> Cf. Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 144; Cf. Alfred Wikenhauser, *El evangelio según san Juan* (Barcelona: Herder, 1967), 435.

amor do Pai a Jesus é a base do amor de Jesus aos seus discípulos enquanto a origem e a intensidade»<sup>320</sup>.

Amar e ser amado, implica correspondência mútua e uma união de vidas (Jo 6, 57). Como se pode amar alguém e não se desejar em tudo agradar à pessoa amada e contribuir para o bem do outro e de ambos? «Fazer o que o amado deseja é mostrar-lhe com evidência o amor que se lhe tem»<sup>321</sup>. Corresponder à vontade de Jesus conduz à permanência no seu amor (Jo 15, 10). Ao contrário, a não correspondência faz resfriar o amor (Mt 24, 12-13).

Fazer a vontade daquele a quem se ama torna-se de tal forma agradável ao amado que nisso encontra o seu alimento (Jo 4, 34). A vida de cada um dos amados é reflexo da vida do outro (Jo 8, 29; 12, 44). Aquele que corresponde à vontade de Jesus, guardando os seus mandamentos, é quem permanece no seu amor e permanece n'Ele e Ele em si (Jo 14, 20-21. 23). Para aquele que ama a Deus, o cumprimento dos seus mandamentos já não é algo estranho que se lhe impõe desde fora, mas porque Deus habita no seu íntimo, os seus mandamentos são a sua própria vontade (cf. *Deus Caritas est*, 17).

Também amar alguém significa, com efeito, amar aqueles que esse ama (Jo 16, 27). De facto, «o Pai ama Jesus não só porque ele é o seu Filho unigênito (10, 17; 15, 9; 17, 23.26), mas também porque ele é o caminho de seu amor pelo mundo. Deus ama, em Jesus, a humanidade pecadora, e esta terá salvação quando decidir acolher o Enviado do Pai, isto é, o próprio Jesus, o dom de Deus ao mundo (3, 16)»<sup>322</sup>. Do mesmo modo, também «Jesus não pode amar o Pai sem amar igualmente aqueles que o Pai lhe deu (6, 37; 10, 29)»<sup>323</sup>. Disto se conclui que o humano não pode amar a Deus se não amar também aqueles a quem Deus amou primeiro (1Jo 4), e isto inclui amar os inimigos e os pecadores.

---

<sup>320</sup> Raymond Brown, *El evangelio según Juan. XIII – XXI* (Madrid: Cristiandad, 2000), 997.

<sup>321</sup> Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 101.

<sup>322</sup> Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 26.

<sup>323</sup> Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 30.

O versículo 10, como Jo 14, 15.21.23, salienta que o amor tem de ser demonstrado guardando os seus mandamentos. Mas se antes se tinha em vista essencialmente a fé, agora o objetivo é o amor fraterno e recíproco (vv. 12.17)<sup>324</sup>. O v. 10 apresenta uma oração condicional: «se guardardes os meus mandamentos». Todavia, esta oração aparece relacionada com o desiderativo-jussivo, isto é, exprime desejo de forma exortativa, o qual está patente no versículo 12: «é este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei».

O ἀγάπη é uma realidade dinâmica que anima o discípulo a dar e a dar-se. A prova suprema de amor é a entrega da vida, que no v. 13 aparece associada ao inciso «pelos seus amigos». O sentido dessa afirmação é explicado nos vv. 14s: «não se deve entender o amor de Jesus somente como um amor de amizade insuperável, mas que a sua entrega da vida se converte no paradigma e apelo aos discípulos para que estes estejam prontos ao mesmo ato»<sup>325</sup>. Tal é testemunhado pelo καθώς (v. 12) que implica que o exemplo de Cristo seja seguido pelos discípulos que são chamados a amar-se com a mesma intensidade com que Cristo amou os seus e que, dada a história das comunidades joaninas expostas ao ódio do mundo (Jo 15, 18-16, 4a), pode chegar até ao último extremo: a possibilidade de morrer pelo irmão<sup>326</sup>. De facto, é nos momentos de angústia e perigo que se conhecem os verdadeiros amigos, aqueles que são leais<sup>327</sup>.

«O dom total de si mesmo pelos demais é uma exigência essencial da participação do cristão na vida e Deus»<sup>328</sup>. Significará isto a exigência de morrer pelos irmãos, tal como o fez Jesus? O v. 13 não explicita tal exigência, ao contrário do que faz a primeira carta de João, mas parece apontar para o facto de que o testemunho cristão pode chegar ao radical de ter de dar a vida por amor a Deus e aos irmãos<sup>329</sup>.

---

<sup>324</sup> Cf. Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 138.

<sup>325</sup> Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 145.

<sup>326</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 136-137.

<sup>327</sup> Cf. Keener Craig, *The gospel of John - A commentary. Vol. I* (Ada: BakerAcademic, 2003), 1009.

<sup>328</sup> Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 82.

<sup>329</sup> Cf. Xavier Leon-Dufour, *Lectura del evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1995), 146.

A amizade é uma temática muito importante no mundo greco-romano que encontra paralelo na ideia judaica de fraternidade. A sentença sobre o amor e amizade de Jesus, segundo a qual «ninguém tem mais amor do que quem dispõe a vida em favor dos amigos» (Jo 15, 13), assinala a inclusão do pensamento e sentimento helenístico no cristianismo joanino<sup>330</sup>. Notemos, a título de exemplo, Platão que, em “*O Banquete*”, escreve que «a dar a vida por outro unicamente estão dispostos os que amam, e não somente os homens, mas também as mulheres» ou Aristóteles que, em “*Ética a Nicómaco*”, escreve que «igualmente é verdade que o homem virtuoso opera em princípio em interesse dos seus amigos e do seu país e inclusive, se necessário, dá a vida por eles»<sup>331</sup>.

Também na literatura martirológica judaica a aceitação da morte pelos amigos encontra um amplo desenvolvimento<sup>332</sup>.

Não podemos esquecer ainda que o termo φίλος, que no v. 13 é usado para referir os discípulos, só aparece uma vez em João, referindo-se a Lázaro (Jo 11, 11)<sup>333</sup>. Nessa ocasião, como aqui, «ser amado por Jesus ou ser seu amigo são uma e a única e mesma realidade»<sup>334</sup>. João utiliza indistintamente dois verbos que significam “amar”, a saber: φίλειν e ἀγαπᾶν (cf. Jo 13, 1 e 11, 3; 5, 20 e 10, 17)<sup>335</sup>.

A relação entre o amor, amizade e a obediência, bem vincada na nossa perícope, encontra na Cruz a sua grande revelação, «onde Jesus morrerá para manifestar sua obediência incondicional à vontade do Pai e seu amor por Ele»<sup>336</sup>, ao mesmo tempo que dá «a vida como prova indubitável de seu amor pela humanidade pecadora»<sup>337</sup>. Com isto, não fica excluído o ideal maior que consiste em dar a vida não apenas pelos amigos, mas também pelos inimigos

---

<sup>330</sup> Cf. Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 145; André Feuillet, *Le mystère de l’amour divin dans la théologie johannique* (Paris: Librairie Lecoffre, 1972), 87-89.

<sup>331</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 136.

<sup>332</sup> Cf. 1 Mac 6, 44; 9, 10; 2 Mac 6, 27-28; 7, 9.37; 8, 21; 14, 37; 4 Mac 6, 28-29; 17, 20-22.

<sup>333</sup> E uma outra vez referido a João Batista como «amigo do noivo» (Jo 3, 29).

<sup>334</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 137.

<sup>335</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 137.

<sup>336</sup> Bento Sliva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 29.

<sup>337</sup> Bento Sliva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 30.



(Rom 5, 8). Temos de notar que, no contexto em que esta passagem se insere, procura-se evidenciar a afeição que Jesus nutre pelos seus discípulos. De facto, João ao falar do «mandamento novo» (Jo 13, 34; 1Jo 2, 8) pretende significar a nova forma de amar que inclui o amor ao estrangeiro, ao necessitado e até ao pecador e ao inimigo, contrariamente ao ódio a que parece ordenar o mandamento antigo (Sir 12, 4-7; 36, 6.9)<sup>338</sup>. Santo Agostinho compreendia que no amor fraterno estava incluído o amor ao próximo, não porque já sejam irmãos mas para que o venham a ser<sup>339</sup>. É esse o exemplo deixado por Cristo, foi Ele quem primeiro amou os pecadores e os inimigos, antes de estes se converterem e o amarem.

Na relação de «amor de Deus pelo mundo, destacam-se três qualidades: 1) Trata-se de um amor que, por princípio, se estende a todos os homens, mas que se torna efetivo somente quando os homens se abrem à vontade amorosa de Deus; 2) É um amor que procura preservar da condenação eterna e dar a vida; é, pois, um amor salvífico; 3) O Filho é o instrumento desse amor e, por isso, pode dizer-se que veio para salvar o mundo. Note-se ainda que, em Jo 3, 12-21, não se fala do *cosmos* como adversário de Cristo (8, 23; 12, 31; 14, 17.27; 17, 9.25; 15, 18), mas como objeto da salvação de Deus (cf. 1, 29; 4, 42; 6, 33.51; 9, 5; 12, 47)»<sup>340</sup>.

O v. 14 não deve ser entendido como uma correlação direta. Jesus não quer dizer que a amizade entre os discípulos e Ele dependa da obediência aos seus mandamentos. Em vez disso, Ele quer dizer que o amor de uns pelos outros é o que os torna reconhecíveis como seus amigos<sup>341</sup>. No fundo, é a ideia que transporta Jo 13, 34-35: amando-vos uns aos outros como Eu vos amei, reconhecerão que sois meus discípulos.

A atuação de amor dos discípulos de Jesus faz parte da natureza íntima da Igreja que, tal como o referiu Bento XVI, «expressa-se numa tríplice tarefa: anúncio da Palavra de Deus

---

<sup>338</sup> Cf. Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan –I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 71-72.

<sup>339</sup> Cf. Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan –I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 94.

<sup>340</sup> Bento Silva Santos, *Teologia do evangelho de São João* (Aparecida: Santuário, 1994), 37; Cf. Alfred Wikenhauser, *El evangelio según san Juan* (Barcelona: Herder, 1967), 433.

<sup>341</sup> Cf. Herman Ridderbos, *The Gospel according to John* (Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997), 520.

(*kérigma-martíria*), celebração dos Sacramentos (*leiturgia*) e serviço da caridade (*diakonia*). São tarefas que se implicam mutuamente e não podem separar-se umas das outras» (*Deus Caritas est*, 24). É em torno da Palavra e dos Sacramentos que os cristãos se reúnem como corpo místico de Cristo e, alimentados pelo seu Espírito, são estimulados ao serviço da caridade, tal como o Senhor concretizou no seu corpo carnal.

## 2.2. Para quê?

A finalidade da eleição dos discípulos por Jesus pode ser entendida diretamente pelo que se segue ao emprego de «ἔθηκε ὑμᾶς ἵνα (destinei-vos para)»<sup>342</sup> (v.16) mas também indiretamente pelo que se segue ao «ἵνα (para)» empregue no v. 11.

### a) Dar fruto pela oração

O final da nossa perícopa é assinalado pela repetição do mandamento do amor mútuo, o que resulta numa inclusão (15, 12-17). Esta rodeia o discurso no qual é explicitado o sentido da alegoria da videira (15, 1-8): os discípulos permanecendo unidos a Jesus como os ramos à videira, mediante a prática do amor e da amizade, darão muito fruto, e fruto que permanece<sup>343</sup>. Se relacionarmos a imagem da videira com a tradição vetero-testamentária, os frutos que Deus deseja que frutifiquem nos discípulos são a justiça e a retidão (Is 5, 7).

Detenhamo-nos em Jo 15, 16a que denota que a iniciativa do amor entre Jesus e os discípulos encontra a sua origem em Jesus e, como vimos atrás, esse amor aconteceu de uma vez para sempre<sup>344</sup>. O facto de o verbo ἐξελεξάμην estar no aoristo expressa o carácter histórico e definitivo desta eleição, que não deve ser tida apenas com a eleição dos Doze, mas a de todo

---

<sup>342</sup> Sobre «ἔθηκε ὑμᾶς», que optamos por traduzir por «destinei-vos»: Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 723: «Este uso do verbo τιθέναι é, provavelmente, semitizante. [...] é possível que ἔθηκε seja uma tradução ou um eco do hebraico כָּסַף, cujo significado original é “fechar”, “unir”, e daí “impor as mãos (sobre a cabeça)”, “ordenar”, que é o termo habitual para referir-se ao reconhecimento jurídico, ou seja, à “ordenação” de um doutor da Lei ou de um rabino». Raymond Brown, *El evangelio según Juan. XIII – XXI* (Madrid: Cristiandad, 2000), 999: «É o verbo *tithenai*, o mesmo que se utilizou no v. 13 na expressão “dar a vida”, de modo que no grego saltaria imediatamente à vista a conexão existente entre a missão dos discípulos e o exemplo de amor que lhes deu Jesus». O verbo τιθέναι surge associado à investidura de um ministério eclesial, por exemplo em Act 20, 28; 1Cor 12, 18.28; 2Tm 1, 11.

<sup>343</sup> Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2016), 381.

<sup>344</sup> Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Escritos de São João* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004), 234.

o crente, ao longo da história<sup>345</sup>. Dessa eleição, Jesus quer que eles vão e deem fruto. Parece dar-se um aceno missionário, ainda que para alguns autores não necessariamente<sup>346</sup>. Indiscutível será que «o aspeto dominante continua a ser a fecundidade da vida cristã, especialmente o amor fraterno»<sup>347</sup>. Isto é confirmado pelo versículo seguinte (v.17), segundo o qual «o “fruto” da ação dos discípulos não são os homens, mas a vida de amor de Deus nos homens (cf. 1Jo 3, 13s; 4, 16)»<sup>348</sup>. «O amor cristão é apostólico ao ser um sinal distintivo e atraente, um meio instrumental plenamente eficaz para transmitir a mensagem de Cristo. Com o amor mútuo constitui-se a Igreja como Comunidade visível onde o amor fraterno é uma realidade notória e atrativa»<sup>349</sup>.

Interessante será sublinhar o sentido antagónico da afirmação «ὁ καρπὸς ὑμῶν μένη (fruto que permaneça)» pois, o que é próprio do fruto é ser efêmero e putrefactivo<sup>350</sup>. Introduz-se aqui um elemento novo: a perseverança ou persistência na vivência do mandamento do amor mútuo. «Deve dar-se uma reciprocidade vivificante persistente gerada pela união dos discípulos com Jesus e a união dele com eles»<sup>351</sup>, pois, só mediante uma permanência recíproca, eles podem gerar fruto que não apodrece. Dar fruto, simboliza assim, na perspetiva de Raymond Brown, «a posse da vida divina e que, num plano secundário, implicava a comunicação dessa vida aos demais»<sup>352</sup>. Os discípulos foram, como nos ensina a Primeira Carta de Pedro, regenerados por uma semente incorruptível, a Palavra de Deus que vive e permanece. Fruto disso, eles devem ser conduzidos ao amor fraternal não fingido, que solicita a, ardentemente, amarem-se uns aos outros de coração, na obediência à verdade (1Pe 1, 21-22).

---

<sup>345</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 138.

<sup>346</sup> Cf. Herman Ridderbos, *The Gospel according to John* (Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997), 521.

<sup>347</sup> Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 147.

<sup>348</sup> Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 148.

<sup>349</sup> Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 92.

<sup>350</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 139.

<sup>351</sup> Francis Moloney, *El evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2005), 431.

<sup>352</sup> Raymond Brown, *El evangelio según Juan. XIII – XXI* (Madrid: Cristiandad, 2000), 1019.

Por fim, em jeito de desfecho das orações subordinadas finais anteriores, Jo 15, 16c («e assim, tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome Ele vo-lo concederá») retoma a promessa do cumprimento do pedido, na oração patente em Jo 14, 13-14 e em Jo 15, 7b. Essa promessa está ligada à glorificação do Pai, mas, tanto em Jo 15, 7b-8 como em Jo 15, 16 está associada ao motivo dos frutos e dar frutos é indissociável do ato de amar<sup>353</sup>. Não parece, na lógica de Schnackenburg, que se deva correlacionar como condição e consequência o ato de dar frutos com o atendimento da oração, mas antes que «Jesus deseja um fruto permanente dos seus discípulos e para isso promete-lhes que as suas orações serão escutadas»<sup>354</sup>. Fica no entanto, formalmente, a sugestão de que se os discípulos devem dar fruto permanente, isso não é possível sem que o Pai atenda as suas orações<sup>355</sup>.

De notar que, se em Jo 14, é Jesus o destinatário da oração, em Jo 15, este papel é devolvido ao Pai<sup>356</sup>. Na realidade, nenhum fruto pode ser permanente, o mesmo entendemos como eterno, se não tiver o selo divino: «tudo passa, só Deus não passará». O selo divino, que frutifica nos discípulos «fruto que permaneça» (Jo 15, 16), é o selo do amor, pois, como escreve São Paulo num belíssimo hino, jamais passará (1Cor 13, 8: «ἡ ἀγάπη οὐδέποτε πίπτει»). Também São João concretiza dizendo que «Deus é amor» (1Jo 4, 8: «ὁ Θεὸς ἀγάπη ἐστίν»). Não me parece abusivo, por isso, afirmar que o que tiver o selo do amor *agápico* tem o cunho da eternidade.

Podemos associar que «“pedir em nome de Jesus” pode entender-se inclusive como uma parte da frutificação; com efeito, a promessa converte-se também na obrigação de pedir um fruto pleno e permanente»<sup>357</sup>. Esse pedido em nome de Jesus supõe a presença nele e nas suas palavras (cf. v. 7), pois só mediante essa conexão viva se pode invocar o próprio Jesus como garantia para serem escutados pelo Pai<sup>358</sup>. É essa presença em Jesus que faz com que «a unidade

---

<sup>353</sup> Cf. Alfred Wikenhauser, *El Evangelio Según San Juan* (Barcelona: Herder, 1967), 433-434.

<sup>354</sup> Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 148.

<sup>355</sup> Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 148.

<sup>356</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 115.

<sup>357</sup> Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 148.

<sup>358</sup> Cf. Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 148.

que existe entre Jesus e o Pai será também disfrutada pelos discípulos eleitos (v.16a) e enviados (v.16b) por Jesus»<sup>359</sup>.

Segundo Xavier Léon-Dufour, tudo nos autoriza a concluir que os frutos que Jesus destina os discípulos a produzir são: a vida de amor entre eles (Jo 3, 35), a realização das obras que Jesus realizou e até maiores (Jo 14, 12-13), e a irradiação no mundo da fé e do amor (Jo 17, 23) para glória do Pai (Jo 15, 8)<sup>360</sup>.

#### b) Alegria

A alegria invocada em Jo 14, 28 (χαίρειν) é retomada em Jo 15, 11, mas com um significado mais alargado: a partir de agora, é a alegria de Jesus que, ao estar nos discípulos, constitui a sua própria alegria<sup>361</sup>. O objetivo da exortação a permanecer no amor de Jesus e ao cumprimento dos seus mandamentos (15, 9-10) é a instauração dessa alegria, que não é incompleta mas cheia de plenitude<sup>362</sup>. «A alegria dos discípulos não se concebe, em primeiro lugar, como uma reação à escuta das palavras de Jesus, mas como um dom: é a alegria que Cristo comunica aos seus discípulos (ἡ χαρὰ ἡ ἐμὴ ἐν ὑμῖν ἦ [ - Jo 15, 11]), que permite a estes últimos aceder a uma alegria completa (καί consecutivo)»<sup>363</sup>.

A alegria brota da comunhão com Cristo e do cumprimento das promessas vetero-testamentárias, isto é, da presença junto dos discípulos da verdade (1Jo 1,8; 2,4), da palavra de Deus (1Jo 1,10; 2,14), do amor de Deus (1Jo3,17; 4,12) e do Paráclito (Jo 14, 17), que se aproxima da plenitude da salvação escatológica<sup>364</sup>.

---

<sup>359</sup> Francis Moloney, *El evangelio de Juan* (Navarra: Verbo Divino, 2005), 436.

<sup>360</sup> Cf. Xavier Leon-Dufour, *Lectura del evangelio de Juan* (Salamanca: Sígueme, 1995), 150-151.

<sup>361</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 116.

<sup>362</sup> Cf. Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 131. A expressão «πληρωθῆναι» associada a «χαρὰ» (Jo 15, 11) surge com frequência nos escritos joaninos: Jo 3, 29; 16, 24; 17, 13; 1Jo 1, 4; 2Jo 12.

<sup>363</sup> Jean Zumstein, *El Evangelio Según Juan* (Salamanca: Sígueme, 2016), 133.

<sup>364</sup> Cf. Rudolf Schnackenburg, *El evangelio según San Juan – Tomo III* (Barcelona: Herder, 1980), 138-139.

Ter a alegria de Jesus é, para os discípulos, também fruto da partilha com Ele da missão de ser enviado pelo Pai e de cumprir os seus mandamentos, isto é, fazer a vontade do Pai<sup>365</sup>. De facto, é da obediência ao Pai e da sua união com Ele que brota a alegria de Jesus<sup>366</sup>.

Ao saudá-los com a paz, o Ressuscitado há de encher os discípulos de alegria (Jo 14, 28; 16, 20-24; 17, 13)<sup>367</sup>. No entanto, eles deverão experimentar desde já a alegria de se amarem e obedecerem mutuamente<sup>368</sup>, mas também como sinal da proximidade do Reino de Deus (Rm 14, 17) e da presença do Espírito de Deus nas suas vidas (Gl 5, 22)<sup>369</sup>. Ao viverem como discípulos, num ambiente de amor mútuo, eles hão de experimentar desde já a alegria de se sentirem membros da comunidade eterna. Desejar a eternidade implica agir na vida presente em conformidade com a vida à qual a esperança está atada. Agindo assim, os cristãos podem participar desde já nas primícias da eternidade. Permanecer no amor de Jesus (Jo 15, 9) é permanecer no modo de ser de Deus e o modo de ser de Deus é eterno.

---

<sup>365</sup> Cf. Herman Ridderbos, *The Gospel according to John* (Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997), 519.

<sup>366</sup> Cf. Raymond Brown, *El evangelio según Juan. XIII – XXI* (Madrid: Cristiandad, 2000), 1021.

<sup>367</sup> Cf. Raymond Brown, *El evangelio según Juan. XIII – XXI* (Madrid: Cristiandad, 2000), 1021.

<sup>368</sup> Cf. Charles Barret, *El evangelio según san Juan* (Madrid: Cristiandad, 2003), 723.

<sup>369</sup> Cf. Craig Keener, *The gospel of John - A commentary. Vol. I* (Ada: BakerAcademic, 2003), 1005.

## Conclusão

No QE, não há referências diretas ao amor de Deus (ἀγάπη τοῦ Θεοῦ), à exceção de Jo 5, 42 em que Jesus acusa os judeus de não terem «amor a Deus» (genitivo objetivo). Pelo contrário, são imensas as referências ao amor a Jesus Cristo e ao amor fraterno<sup>370</sup>.

A ideia que se constrói é a de que «é em Cristo que amamos a Deus e onde o amor fraterno tem o seu fundamento ontológico»<sup>371</sup>. A iniciativa parte de Deus que amou a Jesus Cristo e por Ele amou a humanidade, visibilizando-o na eleição<sup>372</sup> de um grupo de discípulos, que escolheu para neles fazer crescer o seu amor até chegar a todos (Jo 15, 9.16). Na realidade, o amor «procede de Deus que no mais íntimo do ser humano acende um fogo vivo, que impulsiona o homem a amar a Deus sobre tudo o que existe e a amar o que existe por amor a Deus»<sup>373</sup>. Aquele que ama, na forma de ἀγάπη<sup>374</sup>, foi primeiro amado por Deus e é do amor de Deus que recebe a capacidade de amar<sup>375</sup>. Essa forma cristã de amar não exige como condição ser correspondida, ela ama até os inimigos. O amor cristão brota de Deus e transforma o homem, não só no plano moral, mas também ontológico, repara a sua imagem no homem (Gn 1, 27), fazendo-o nascer de novo (Jo 3, 5). O amor cristão é um amor de auto-entrega, de doação total e gratuita a Deus e àqueles que Deus ama.

---

<sup>370</sup> Cf. Capítulo III, 1.2.

<sup>371</sup> Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 73.

<sup>372</sup> Cf. André Feuillet, *Le mystère de l'amour divin dans la théologie johannique* (Paris: Librairie Lecoffre, 1972), 109.

<sup>373</sup> Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 73.

<sup>374</sup> Cf. Capítulo III, 1.2., nota de rodapé n. 258.

<sup>375</sup> Cf. Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 73.

Jesus é, para os cristãos, o modelo de como estes devem viver e amar. Não podemos, contudo, esquecer que, se é verdade que Cristo nos amou como homem, também é verdade que o fez como Deus. Amar como Ele amou é, por isso, uma meta muito alta, inalcançável só pelas forças humanas. «É verdade que o modelo será sempre inatingível, mas o homem há-de pôr um empenho contínuo para aproximar-se quanto possível ao ideal proposto»<sup>376</sup>. Chegar à meta implica ultrapassar progressivas etapas num caminho que demora toda a vida.

O ἀγάπη é uma primícia da vida eterna, e, por isso, João afirma que os cristãos já têm a vida eterna (Jo 5, 24; 1Jo 2, 10)<sup>377</sup>. É certo que na Cruz se realizou plenamente o amor de Deus, mas este impulso inicial há-de ser continuado de forma ativa e dinâmica na comunidade escatológica que é a Igreja. Será que as divisões no seio da Igreja e as intolerâncias ideológicas e rituais entre as diversas confissões cristãs respeitam este imperativo de Cristo a permanecer no seu amor?

Não podemos ficar-nos pelas palavras ou por meros sentimentos instalados, no que toca a vida cristã. Para João, o amor a Deus envolve mais efetividade que afetividade, ainda que não a exclua<sup>378</sup>. É necessário prová-lo com factos. Como demonstramos o amor de Deus revelado em Jesus Cristo quando não somos capazes de amar os irmãos? João alerta-nos para a mentira em que incorre aquele que se diz amar a Deus, mas não ama o irmão (1Jo 4, 19-21).

Por antonomásia, as próprias palavras de Jesus indicam-nos o rumo que devemos seguir: «Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35). Não serão as rixas entre cristãos um dos maiores escândalos e contra-testemunho da atualidade? A vida de Cristo tem de ser manifestada na comunidade escatológica que é a Igreja. A comunidade eclesial tem de viver a vida de Cristo, seguindo o seu exemplo, cumprindo os seus mandamentos, deixando correr nos seus ramos a seiva que brota da videira que é Cristo.

---

<sup>376</sup> Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 89.

<sup>377</sup> Cf. Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 92.

<sup>378</sup> Cf. Antonio García-Moreno, *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. la creación* (Madrid: Rialp, 2007), 100.



Na minha opinião, responder ao imperativo de Cristo a permanecer no seu amor (Jo 15, 9) implica a auto-entrega no serviço da Boa-Nova do Reino, implica dar a vida até à morte, e isto pode não significar necessariamente a morte biológica, mas passar pela morte ideológica, por deixar morrer certos caprichos pessoais em detrimento do bem e da unidade da comunidade cristã. Pode passar por deixar de acentuar tanto o «eu» egoísta, substituindo-o por um «nós» solidário e comunitário. Só «graças ao amor fraterno que une os seus membros entre eles, [é que] a Igreja se torna espelho do Filho, como o Filho é imagem do Pai; ela manifesta àqueles que a vêem o amor do Pai e do Filho e leva-os a crer em Cristo»<sup>379</sup>. Só consolidada pelo amor, na inclusão da diversidade dos seus membros, a Igreja pode ser ícone da Santíssima Trindade.

Que testemunho cristão podemos deixar ao mundo? Que semente do amor de Deus poderemos ser no meio dos Homens quando nós, cristãos, que fomos eleitos por Cristo para ser solo fértil da sua palavra e do seu amor, andamos divididos e de costas voltadas uns para os outros? Um caminho de respeito, diálogo e, tanto quanto possível, da busca de consenso e unidade é imprescindível. «Todo aquele que acredita em Cristo tem, pois, a missão de amar a Deus, por meio do seu amor aos irmãos, dispondo-se a dar a vida pelos outros como Cristo deu a sua vida por nós: “Não há maior prova de amor do que dar a vida pelos amigos”. Cristo é o nosso maior amigo, porque deu a vida por nós. Nós seremos seus amigos se dermos a vida por Ele e pelos seus e nossos irmãos»<sup>380</sup>. Não deixemos de recordar todos aqueles que deram as suas vidas numa entrega em benefício dos irmãos por causa do amor a Deus e de todos aqueles que ainda hoje sofrem por causa do testemunho que dão da sua fé em Jesus Cristo. Sejam exemplo para nós!

Por fim, teremos em nós a alegria completa que Cristo nos prometeu? Ou, em vez disso, seremos cristãos de «cara de sexta-feira santa perene», como se o anúncio da Páscoa da ressurreição nunca tenha chegado ao nosso coração ou como se a nossa fé fosse um fardo pesado

---

<sup>379</sup> André Feuillet, *Le mystère de l'amour divin dans la théologie johannique* (Paris: Librairie Lecoffre, 1972), 111.

<sup>380</sup> Manuel Dias, *Maravilhas de Deus* (Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017), 147-148. Comentário do VI domingo do tempo pascal do ano B.

que nos aprisiona, em vez de nos libertar? Já não somos servos, somos amigos do Filho de Deus e devemos alegrar-nos, pois Cristo partilhou tudo connosco, inclusive o Pai. E que conforto saber que temos um Pai que nos ama quando permanecemos unidos no seu Filho! A missão é grande: produzir frutos de amor, pois só esses permanecem para a vida eterna.

## **Bibliografia**

### **1. Sagrada Escritura**

*A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1981.

*A Bíblia TEB*. São Paulo: Loyola, 1995.

*Bíblia Sagrada*. Fátima: Difusora Bíblica, 2008.

José A. Marques, *Bíblia Sagrada Anotada pela Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra*. Braga: Theologica, 1994.

Nestle, Eberhard e Kurt Aland. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1995.

### **2. Bibliografia geral**

Barret, Charles. *El evangelio según san Juan*. Madrid: Cristiandad, 2003.

Beutler, Johannes. *Comentario al evangelio de Juan*. Pamplona: Verbo Divino, 2016.

Blanchard, Yves - Marie. *Os escritos joaninos: Uma comunidade testemunha a sua fé*. Fátima: Difusora Bíblica, 2010.

Bonhoeffer, Dietrich. *Vida en comunidade*. Salamanca: Sígueme, 2014.

Brodie, Thomas. *The Gospel According to John*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

Brown, Raymond. *El evangelio según Juan. XIII – XXI*. Madrid: Cristiandad, 2000.

Brown, Raymond. *El evangelio y las cartas de Juan*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010.

Brown, Raymond. *La comunidade del discipulo amado*. Salamanca: Sígueme, 1991.

Craig, Keener. *The gospel of John - A commentary. Vol. I*. Ada: BakerAcademic, 2003.

D'Almeida, Bernardo Corrêa. *A vida numa palavra. Uma nova leitura do evangelho de S. João*. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2012.

Dias, Manuel. *Maravilhas de Deus*. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017.

Dodd, Charles. *Interpretación del cuarto evangelio*. Madrid: Cristiandad, 2004.

Eco, Umberto. *Les limites de l'interprétation*. Paris: Grasset, 1992.

- Feuillet, André. *Le mystère de l'amour divin dans la théologie johannique*. Paris: Librairie Lecoffre, 1972.
- Figueiredo, Ricardo. *A caridade divina em são Tomás de Aquino. Segundo o comentário ao evangelho de são João*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2016.
- García-Moreno, Antonio. *Temas teológicos del evangelio de san Juan – I. La Creación*. Madrid: Ed. Rialp, S.A., 2007.
- Guillet, Jacques. *Jesus Cristo no evangelho de João*. Fátima: Difusora Bíblica, 1993.
- Infante, Renzo. *Giovanni. Introduzione, traduzione e commento*. Milano: San Paolo, 2015.
- Jaubert, Annie. *Para ler o evangelho segundo s. João*. Fátima: Difusora Bíblica, 1994.
- Kaminouchi, Alberto de Mingo. *La Biblia de principio a fin. Una guía de lectura para hoy*. Salamanca: Sígueme, 2019.
- Keener, Craig. *The gospel of John. A commentary. Vol. I*. Ada: BakerAcademic, 2003.
- Leon-Dufour, Xavier. *Lectura del evangelio de Juan. III*. Salamanca: Sígueme, 1995.
- Lona, Horacio. *El evangelio de Juan*. Buenos Aires: Claretiana, 2000.
- Marcos, José Luis Espinel. *Evangelio según san Juan*. Salamanca-Madrid: San Esteban-Edibesa, 1998.
- Martín-Moreno, Juan Manuel. *Personajes del cuarto evangelio*. Sevilla: Universidad Pontificia Comillas – Desclée de Brouwer, 2010.
- Mateus, Juan; Barreto, Juan. *El evangelio de Juan*. Madrid: Cristiandad, 1971.
- Moloney, Francis. *El evangelio de Juan*. Pamplona: Verbo Divino, 2005.
- Moraldi, Luigi. Lyonnet, Stanislao. *Introduzione alla bibbia vol. IV*. Roma: Marietti-IIED, 1962.
- Morujão, Geraldo. *Relações Pai-Filho em S. João*. Viseu: Instituto Politécnico de Viseu, 1989.
- Neves, Joaquim Carreira das, *Escritos de São João*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2004.

- Niccaci, Alviero. Oscar Battaglia. *Comentário ao evangelho de são João*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- Ramos, Felipe. *Escritos de san Juan. evangelio, cartas, apocalipse*. Salamanca: PPC Edicabi, 1972.
- Ramos, Filipe Fernández. *Diccionario del mundo joánico*. Burgos: Monte Carmelo, 2004.
- Ridderbos, Herman. *The gospel according to JohnI*. Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 1997.
- Sánchez, Secundino Castro. *Evangelio de Juan*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2008.
- Sánchez, Secundino Castro. *Evangelio de Juan. comprensión exegético-existencial*. Sevilla: Universidade Pontificia Comillas – Desclée de Brouwer, 2001.
- Santos, Bento Silva. *Fé e sacramentos no evangelho de são João*. Aparecida: Santuário, 1995.
- Santos, Dom Bento Silva. *Teologia do evangelho de são João*. Aparecida: Santuário, 1993.
- Schnackenburg, Rudolf. *El evangelio según san Juan*. Barcelona: Herder, 1980.
- Segalla, Giuseppe. *Evangelo e vangeli*. Bologna: Dehoniane, 1994.
- Simoens, Yves. *Selon Jean – 3. Une interprétation*. Bruxelles: Institut d'Études Théologiques, 1997.
- Tuñi, Josep-Oriol. *Escritos joánicos y cartas católicas*. Navarra: Verbo Divino, 1995.
- Wikenhauser, Alfred, *El evangelio según san Juan*. Barcelona: Herder, 1967.
- Zevini, Georges. *Commentaire spirituel de l'évangile de Jean*. Paris: Médiaspaul, 1995.
- Zumstein, Jean. *El evangelio según Juan*. Salamanca: Sígueme, 2016.

## Anexos

### 1. Quatro variantes de traduções publicadas em português

No seguinte esquema, reunimos quatro variantes de publicações da perícopa Jo 15, 9-17 na língua portuguesa. Em nota de rodapé faremos os apontamentos que nos parecem relevantes na justificação da opção feita pelo tradutor de modo permitir uma compreensão das variantes.

<i>Bíblia Sagrada</i> (Fátima: Difusora Bíblica, 2008 <sup>5</sup> ), Jo 15, 9-17.	José A. Marques, <i>Bíblia Sagrada Anotada pela Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra</i> (Braga: Theologica, 1994), Jo 15, 9-17.	<i>A Bíblia de Jerusalém</i> (São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1885), Jo 15, 9-17.	<i>A Bíblia TEB</i> (São Paulo: Edições Loyola, 1995), Jo 15, 9-17.
v.9 Assim como o Pai me <b>tem amor</b> <sup>381</sup> , assim Eu <b>vos amo</b> <sup>382</sup> a vós. Permanecei no meu amor.	v.9 Assim como o Pai <b>Me amou</b> também Eu <b>vos amei</b> . Permanecei no meu amor.	v.9 Assim como o Pai <b>me amou</b> também eu <b>vos amei</b> . Permanecei no meu amor.	v.9 Assim como o Pai <b>me amou</b> também eu <b>vos amei</b> : Permanecei no meu amor.
v.10 Se <b>guardardes</b> <sup>383</sup> os meus mandamentos, <b>permaneceis</b> <sup>384</sup> no meu amor, assim como	v.10 Se <b>guardardes</b> os Meus mandamentos, <b>permaneceis</b>	v.10 Se <b>observais</b> meus mandamentos, <b>permanecereis</b> no meu amor, como eu	v.10 Se <b>observais</b> meus mandamentos, <b>permanecereis</b> no meu amor, como,

<sup>381</sup> «ἡγάπησέν»: verbo ἀγαπάω (amar), no aoristo do modo indicativo ativo, na terceira pessoa do singular. Uma tradução mais literal opta pelo pretérito perfeito «amou». No caso da opção da Difusora Bíblica em utilizar o presente «tem amor», pode justificar-se por uma opção de aproximação ao tempo do leitor, fundamentada na ininterrupta e sempre atual realidade que é o amor de Deus.

<sup>382</sup> «ἡγάπησα»: verbo ἀγαπάω (amar), no aoristo do modo indicativo ativo, na primeira pessoa do singular. Uma tradução literal apresentaria «amei-vos». Como antes, a opção da Difusora Bíblica passa novamente pelo tempo presente, ao contrário das outras três traduções aqui citadas que usam o passado.

<sup>383</sup> «Τηρήσητε»: verbo τηρέω (guarda, observar, vigiar), no aoristo conjuntivo ativo, na segunda pessoa do plural. As traduções da Difusora Bíblica e de José Marques parecem as mais favoráveis para o português de Portugal, ao passo que as traduções da Bíblia de Jerusalém e da TEB são feitas em português do Brasil o que lhes confere uma aproximação à gramática local.

<sup>384</sup> «μενεῖτε»: verbo μένω (permanecer, esperar), no futuro indicativo ativo, na segunda pessoa do plural. Uma tradução mais literal opta pelo «permanecereis», tal como o fazem a Bíblia de Jerusalém e a Bíblia TEB. No caso da opção da Difusora Bíblica, opta-se por uma forma de presente, eventualmente para indicar a co temporalidade entre a ação de guardar os mandamentos e permanecer no amor de Cristo.

Eu, que <b>tenho guardado</b> <sup>385</sup> os mandamentos do meu Pai, também permaneço no seu amor.	no Meu amor, assim como Eu <b>tenho guardado</b> os mandamentos do Meu Pai e permaneço no Seu amor.	<b>garde</b> os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor.	<b>observando</b> os mandamentos do meu Pai, eu permaneço no seu amor.
v.11 <b>Manifestei</b> <sup>386</sup> -vos estas coisas, para que <b>esteja</b> <sup>387</sup> em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja <b>completa</b> <sup>388</sup> .	v.11 <b>Disse</b> -vos isto, para a Minha alegria <b>estar</b> em vós e a vossa alegria ser <b>completa</b> .	v.11 Eu vos <b>digo</b> isso para que a minha alegria <b>esteja</b> em vós e a vossa alegria seja <b>plena</b> .	v.11 Eu vos <b>disse</b> isso para que a minha alegria <b>esteja</b> em vós e a vossa alegria seja <b>perfeita</b> .
v.12 É este o meu mandamento: <b>que vos ameis</b> <sup>389</sup> uns aos outros como Eu vos amei.	v.12 É este o meu mandamento: <b>que vos ameis</b> uns aos outros como Eu vos amei a vós.	v.12 Este é o meu mandamento: <b>amai-vos</b> uns aos outros como eu vos amei.	v.12 Eis o meu mandamento: <b>amai-vos</b> uns aos outros como eu vos amei.
v.13 Ninguém tem mais amor <b>do que quem dá</b> <sup>390</sup> a vida pelos seus <b>amigos</b> .	v.13 Ninguém tem maior amor <b>que o de quem der</b> a própria vida pelos seus <b>amigos</b> .	v.13 Ninguém tem mais amor <b>do que aquele que dá</b> a vida por seus <b>amigos</b> .	v.13 Ninguém tem mais amor <b>do que aquele que se despoja</b> da vida por <b>aqueles a quem ama</b> .

<sup>385</sup> «τετήρηκα»: verbo τηρέω (guarda, observar, vigiar), no pretérito perfeito indicativo ativo, na primeira pessoa do singular. Uma tradução mais literal opta pelo pretérito perfeito «garde», tal como o faz a Bíblia de Jerusalém.

<sup>386</sup> «Λελάληκα» – Verbo λαλέω (falar, tagarelar), no perfeito indicativo ativo, na primeira pessoa do singular. Uma tradução literal apresentaria como «(acabei de) dizer». É diferente da opção tomada na tradução da Difusora Bíblica, «manifestei-vos»: διαδηλόω (tornar evidente, expor claramente), ou σαφηνίζω (esclarecer, mostrar).

<sup>387</sup> «ἦ» – Verbo εἶμι (ser, haver, existir, ocorrer) no presente conjuntivo ativo na terceira pessoa do singular. Uma tradução literal apresentaria como «esteja».

<sup>388</sup> «πληρωθῇ»: verbo πληρώω (preencher, completar), no aoristo conjuntivo passivo, na terceira pessoa do singular. As três possibilidades apresentadas («completa», «plena», «perfeita») são equiparáveis.

<sup>389</sup> «ἀγαπάτε»: verbo ἀγαπάω (receber ou tratar com amor, amor da razão, estimar, preferir), no presente conjuntivo ativo, na segunda pessoa do plural. Uma tradução literal apresentaria como «vos ameis», aliás, a tradução que a Difusora Bíblica sugere. A opção de traduzir por «amai-vos», feita pela Bíblia de Jerusalém e pela Bíblia TEB utiliza um imperativo presente o que pode realçar o caráter de mandamento dado por Jesus.

<sup>390</sup> «θῇ»: verbo τίθημι (pôr, colocar, dispor, expor, depositar a um lado para si, determinar, instituir), no aoristo conjuntivo ativo, na terceira pessoa do singular. Uma tradução literal apresentaria como «dispõe/entrega».

v.14 Vós <b>sois</b> <sup>391</sup> meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando.	v.14 Vós <b>sereis</b> Meus amigos, se fizerdes o que Eu vos ordeno.	v.14 Vós <b>sois</b> meus amigos, se praticais o que vos mando.	v.14 Vós <b>sois</b> meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando.
v.15 Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; <b>mas a vós chamei-vos</b> <sup>392</sup> amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai.	v.15 Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor; <b>Eu chamei-vos</b> amigos, porque tudo o que ouvi a Meu Pai vo-lo dei a conhecer..	v.15 Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; <b>mas eu vos chamo</b> amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer.	v.15 Já não vos chamo servos, porque o servo permanece na ignorância do que faz o seu senhor; <b>chamei-vos</b> amigos, porque tudo o que ouvi junto de meu Pai vo-lo fiz conhecer.
v.16 Não fostes vós que me escolhestes: <sup>393</sup> <b>fui eu</b> que vos escolhi a vós e vos <b>destinei</b> <sup>394</sup> a ir e a dar fruto, e fruto que permaneça; <b>e assim</b> <sup>395</sup> , <b>tudo o que</b> pedirdes ao Pai em meu nome Ele vo-lo <b>concederá</b> <sup>396</sup> .	v.16 Não fostes vós que Me escolhestes: <b>fui Eu</b> que vos escolhi a vos <b>estabeleci</b> , para irdes e dardes fruto e o vosso fruto permanecer, <b>de sorte que</b> o que pedirdes ao Pai em Meu	v.16 Não fostes vós que me escolhestes, <b>mas fui eu</b> que vos escolhi e vos <b>designei</b> para irdes e produzirdes fruto e para que o vosso fruto permaneça, <b>a fim de que</b> tudo o que pedirdes ao Pai	v.16 Não fostes vós que me escolhestes, <b>mas eu</b> que vos escolhi e <b>designei</b> para irdes e produzir frutos e para que o vosso fruto permaneça, <b>de modo que</b> tudo o que pedirdes ao Pai em

<sup>391</sup> «ἐστε»: verbo εἰμί (ser, haver, existir, ocorrer), no presente indicativo ativo, na terceira pessoa do plural. Uma tradução literal apresentaria como «sois», aliás, é a tradução que a Difusora Bíblica sugere. A opção de traduzir por «sereis», feita pela Bíblia de José A. Marques utiliza o futuro, o que pode realçar o caráter de continuidade moral entre o tempo em que Jesus lhes fala e o tempo que se lhe sucederá.

<sup>392</sup> «εἶρηκα»: verbo ἐρεῶ (perguntar, chamar, mencionar), no perfeito indicativo ativo, na primeira pessoa do singular. Uma tradução literal apresentaria como «chamei», escolha feita pela Bíblia da Difusora Bíblica e pela Bíblia de José A. Marques. A escolha de um tempo presente pela Bíblia de Jerusalém e pela Bíblia TEB poderá dever-se à intenção dos tradutores em realçar o momento discursivo em que Jesus fala diretamente para os seus discípulos.

<sup>393</sup> «ἀλλ'»: conjunção ἀλλά (mas, exceto), omitida nas traduções da Difusora Bíblica e de José A. Marques, mas patente nas traduções da Bíblia de Jerusalém e na Bíblia TEB.

<sup>394</sup> «ἐθηκε»: verbo τίθημι (pôr, colocar, dispor, expor, depositar a um lado para si, determinar, instituir), no aoristo indicativo ativo, na primeira pessoa do singular. Qualquer uma das opções apresentadas poderá corresponder ao sentido próprio do texto: «destinei», «estabeleci», «designei».

<sup>395</sup> «ὅτι»: conjunção ὅτι (que, porque).

<sup>396</sup> «δοῦναι»: verbo δίδωμι (dar, oferecer, servir, procurar, entregar, consentir), no aoristo conjuntivo ativo, na terceira pessoa do singular. Uma tradução literal apresentaria como «dê/conceda» em linha com a opção do tradutor da



	nome, Ele vo-lo <b>comcederá.</b>	em meu nome ele vos <b>dê.</b>	meu nome, ele vo-lo <b>concederá.</b>
v.17 É isto o que vos mando: que vos ameis uns aos outros.	v.17 O que vos mando é que vos ameis uns aos ou- tros.	v.17 Isto vos mando: amai-vos uns aos outros.	v.17 O que vos ordeno é que vos ameis uns aos ou- tros.